

BOLETIM DA COMISSÃO D CATARINENSE DE



FOLCLORE

PATROCÍNIO

BESC

SEGUROS

A Segurança da Nossa Gente

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exvhanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim:

Edição e Direção:

Doralécio Soares
Presidente

Nereu do Vale Pereira
Vice-Presidente

Endereço para correspondência:
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar
88020-150 - Florianópolis - SC

SUMÁRIO



BOLETIM DA COMISSÃO
CATARINENSE DE
FOLCLORE

Ano XXXIII - N.º 49 - Dezembro de 1997

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC

SETOR SANT CATARINA

Clos.:

Reg.: 073

Data: 14/07/99

NOSSA CAPA

Quadro vindo dos Açores, presente do Professor Nereu do Vale Pereira. Acervo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

“Não pode haver a menor dúvida de que o centro, a mística da festa, é o Espírito Santo Paráclito e seus ‘Sete Dons’.

“Sua representação básica e única, a ‘SIMBÓLICA’, é uma pombinha branca, a ‘colombe de saint esprit’, descendo suavemente sobre a quem proteger.”

(Extraído do artigo “A Simbólica dos Impérios do Divino”, de Nereu do Vale Pereira)

SUMÁRIO

EDITORIAL - *Doralécio Soares*. Cantigas de Ratoeiras - *Doralécio Soares*. Folgado da Brincadeira de Boi no Brasil - *Doralécio Soares*. Os Mamíferos, os Répteis e a Avifauna no Folclore - *Doralécio Soares*. A Simbologia do Império do Divino - *Nereu do Vale Pereira*. ...do Folk Teuto-Brasileiro - *Theobaldo Costa Jamundá*. O 22 de agosto de 1846 e sua Manifestação em Santa Catarina - *Rosânia Maria Thomaz*. Poesias de Poetas Lageanos - *Colaboração de Patrícia Gobétti*. A Folha divulga Folclore - *Jornal A Folha de São Paulo*. Os CUMBIS - *Ulisses Passarelli*. TRUCO - *Secretaria da Educação, Cultura e do Desporto*. FESTILHA - Festa de tradição da Ilha de São Francisco do Sul - *Sônia Maria Copp*. Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque - *José Maria Tenório Rocha*. O folclore e os Educadores - *José Carlos Rossato*. A FESTA - *Poeta Ascenso Ferreira - Recife, 1997*. Grupo Musical SCHALOM. NOTICÁRIO CULTURAL EM SANTA CATARINA E OUTROS ESTADOS.

ÍNDICE

Nossa Capa	2
Sumário	3
Índice	5
Editorial	7
A Simbólica dos Impérios do Divino - Nereu do Vale Pereira	9
Cantigas de Ratoeiras - Doralécio Soares	21
Folguedo da Brincadeira de Boi no Brasil - Doralécio Soares	26
Os Mamíferos, os Répteis e a Avifauna no Folclore - Doralécio Soares	28
... Do Folk Teuto-Brasileiro - Theobaldo Costa Jamundá	32
Os Poemas de Poetas Lageanos - Colaboração de Patrícia Gobetti	41
O dia 22 de agosto de 1846 e suas Manifestações em Santa Catarina - <i>Rosânia Maria Thomaz</i>	46
Programação Oficial do 22 de agosto - Fundação Franklin Cascaes	51
A Folha Divulga Folclore - Jornal A Folha do Est. de São Paulo	53
Os Cumbis: levantamentos bibliográficos - Ulisses Passarelli	56
Truco - Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 1994	65
Festilha - Festa de Tradição da Ilha de São Francisco do Sul	74
Em Riba da Fivela: O fim do Coronel Moreira Cesar - <i>Francisco de Vasconcelos</i>	76
Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque - José Maria Tenório Rocha	80
O Folclore e os Educadores - José Carlos Rossato	82
A Festa - Ascenso Ferreira	85
Grupo Musical Schalom	85
Imprensa Festeja os 166 anos de O Catharinense	86
Boi-de-Mamão Só de Baixinhos	88
Monstro festeiro	89
O Boi-Esperança da Lagoa da Conceição é prova que com amor a linda tradição vai continuar viva	90
SOS da galera para manter o Boi dançando a mil	91
Fundação Catarinense de Cultura, comemora 10 anos	93

Marco Açoriano. Governador na Festa do Divino. Fritz Müller. Ministério da Cultura/Funarte. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular: Projeto e Missão. O movimento do Folclore Brasileiro, 1947/1964. Jornal A Notícia: Lobisomens, Oração, Reflexão e Abstinência Reforçam o Mistério. Votuporanga - SP. Acervo Histórico de Laguna é Digitalizado. CASAN abre Espaço Cultural. Curso Vestuário Gaúcho. O 33.º FEROL. Coral Santa Cecília de Florianópolis. Faculdades Integradas Newton Paiva. 33.º FESTIVAL de Folclore de Olímpia. "Paus-de-Arara" nas Cores de Willy Zumblick. Educação e Folclore: Zélia de Sá Camurça. Antônio Carlos Konder Reis: 50 Anos de Vida Pública. Medalha para a Poesia Catarinense. Barros Alves e o Folclore Catarinense. Academia abre vaga. Ecos do Círculo de Arte Moderna. São Francisco do Sul: Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão "Estrela do Mar" JATAÍ, Goiás, mostra Artes. Exposição Individual de Maria Celeste Carvalho. Fundação Cultural Senhor dos Passos. Instituto Histórico comemora 101 anos. República e Oligarquias. São Francisco do Sul e a IX FESTILHA. A Editora da UFSC e AABB. A Fundação Cultural Senhor Jesus dos Passos. O IHGSC encerra o ano de 1997. Memórias de um Italiano na Revolução de Trinta. A OAB lança Defesa Perante o Tribunal do Júri. UFSC, Pró-Reitoria de Cultura e Editora da UFSC lançam Literatura Catarinense. Academia Catarinense de Letras. Histórias do Gosto e Outros Poemas. A Assembléia Legislativa comemora Cruz e Sousa. A Fundação Franklin Cascaes abre o III Salão dos Novos. Comemoração do Centenário de José Ferreira da Silva. Projeto A BELEZA DA INFÂNCIA. "Balada do Cárcere" Fractal em Duas Línguas" e "Cebola" são as obras vencedoras do Prêmio Cruz e Sousa. FESTA DA CRUZ. Projeto "Cultura Viva". Livraria Editora INSULAR lança "VALENTES E VALENTÕES. V Salão Nacional Victor Meirelles. Biblioteca Prof. Barreiros Filho. Boletins de Comissões Estaduais de Folclore. Academia lança "Cheiro de Amor". O Centenário de Celso Ramos é comemorado na Assembléia Legislativa. ACADEMIA CATARINENSE MAÇÔNICA DE LETRAS, 1997. FESTIVAL DE CULTURA PAULISTA TRADICIONAL. Comissão Mineira de Folclore.

EDITORIAL

A fim de colocarmos em dia os números das edições dos Boletins da Comissão Catarinense de Folclore, apresentamos aos nossos leitores o número 49 referente ao ano de 1997. Esperamos editar o número 50 correspondente ao corrente ano, no início de 1999.

Este boletim, graças ao apoio da BESC/SEGUROS, que igualmente patrocinou os boletins anteriores correspondentes aos anos de 1995 e 1996, vem sendo distribuído com êxito a todas as bibliotecas e prefeituras do Estado de Santa Catarina, bem como às escolas de nível superior. A Comissão Nacional de Folclore e a Coordenação de Folclore do MEC com sedes no Rio de Janeiro, as quais estamos integrados, recebem o mesmo enviado pela Comissão Catarinense para distribuição às universidades do Brasil e entidades culturais representativas.

O nosso boletim atinge Portugal na pessoa da professora Ana Maria Amaro, membro honorário desta Comissão, título este proposto na época, pelo então integrante desta Comissão, já falecido, cientista Amaro Seixas Ribeiro Neto, em reconhecimento ao trabalho desenvolvido pela ilustre professora em Macau, onde permaneceu por mais de dez anos. Os seus trabalhos foram publicados em nossas edições anteriores e na edição de 1995 "A Queda da Alma", páginas 85 a 97, reproduzidas autenticamente.

O objetivo desta Comissão, em republicando a pesquisa da edição do Boletim N° 22, de 1956, "Do Folk teuto-brasileiro", de autoria do Prof. Theobaldo Costa Jamundá, atualmente nos 81 anos de vida útil à cultura catarinense, é procurar despertar o interesse de algum

estudioso da atual geração, no procedimento de uma nova pesquisa na mesma região. Oxalá isso ocorra despertando o interesse das novas gerações numa região evoluída, culturalmente coberta por uma das mais importantes Universidades do Estado Catarinense.

A SIMBÓLICA DOS IMPÉRIOS DO DIVINO

NEREU DO VALE PEREIRA

1 - Aspectos Iniciais

Conteúdo, enredo significado, difusão, organização, costumes, contestações, censuras, devoção, fé... existentes em relação às festas, da religiosidade popular, denominadas de IMPÉRIOS DO DIVINO, ou Festa do Espírito Santo, Festa da Coroação, Folias do Divino, passam necessariamente pelo imaginário, e que se configuram no trazê-los ao concreto capaz de alcançar o povo, nas formas materiais do que se poderia denominar de SIMBÓLICA. Muitos são os estudos já produzidos sobre a SIMBÓLICA do Espírito Santo, porém somente editados na Europa e, particularmente, na sua maioria, nos Açores.

As festas do Espírito Santo que se realizam na Ilha de Santa Catarina, e se estendem por toda a Arquidiocese de Florianópolis nas regiões de colonização portuguesa, são heranças cultivadas do elemento açoriano que cá começa a vir em 1748, portanto há 250 anos, constituindo-se em um grande contributo de fé em Deus, posta em prática dentro da Igreja Católica Apostólica Romana.

Por isso, quando se deseja entender um pouco mais sobre toda essa simbólica, é fonte básica a biblioteca que a respeito existe, em profusão, nas bibliotecas e livrarias das várias ilhas implantadas no meio do Atlântico Norte, onde o conjunto do Arquipélago dos Açores é lembrado como vestígio da “lendária Atlântica”.

Tendo consultado mais de duas dezenas de obras, e mais uma profusão de artigos especializados, especialmente os divulgados através dos “boletins do Instituto Histórico da Terceira e das “Actas”(Anais) de Congressos e Colóquios Internacionais sobre a temática que lá se realizaram.

Nessas consultas verifiquei que desde os mais remotos tempos, a partir do povoamento das ilhas açorianas, isto em 1432, não só as festas do Espírito Santo passaram a ser mais importantes e mais difundida a manifestação comunitária de religiosidade popular, como também tem se constituído em fonte permanente de estudos onde a história, vida, cultura e fé dos açorianos são postas em evidência e condicionante vivencial.

José Leite de Vasconcelos, famoso etnógrafo açoriano, é um dos que mais teria escrito sobre a temática do “PARACLETO” nas festividades açorianas. “Outros destacados estudiosos como Carreiro da Costa, Gaspar Frutuoso, Luís da Silva Ribeiro, Luís Bernardo Leite D’Athayde, Victorino Nemésio, Natalia Correia, Teofilo Braga, Armando Cortes Rodrigues, Padre Manuel de Azevedo Cunha, Urbaldo de Mendonça Dias, e mais recentemente, Rui Souza Martins, Agostinho Silva (este com passagens pela UFSC), Maria Conceição Villena, Maria Beatriz Rocha Trindade, Francisco Ernesto de Oliveira Martins, Antônio Machado Pires, Marcelo Lima, José de Almeida Pavão, Antonieta Costa e outros, foram autores por nós consultados.

Além dessas, consultamos também alguns trabalhos editoriais na França, Alemanha e cá Brasil.

2 - Aspectos da Festa

De pronto é oportuno destacar que em todas as freguesias, vilas, cidades e até bairros açorianos acontecem, como cá, entre maio e outubro os Impérios do Divino, e dos quais toda a população local deve, por obrigação institucionalizada, participar. Será “um sacrilégio” e um risco de perda da proteção do Espírito Santo, não ir à festa. Há inclusive competição, emulação e rivalidades entre as comunidades para saber-se qual delas foi a melhor festa e que teve não só um brilho popular como uma manifestação pública de fé no Espírito Santo.

Não existe total similitude entre todas as festas realizadas, tanto em Portugal quanto no Brasil nas diversas regiões. Variam o enredo e

os momentos, mas a simbólica será sempre a mesma, pois é ela que identifica sua própria razão.

De um modo mais generalizado é possível destacar os momentos centrais:

a) A Bandeira Peditória passando de casa em casa anunciando a festa, coletando donativos e fazendo orações. Acompanham-na os foliões (Grupo de Cantores) (foto 1);

b) As Novenas em determinados “quarteirões” previamente definidos em casas mais amplas onde são armados altares alusivos à simbólica, que são rezadas por “noveneiros” leigos e tradicionais;

c) Os cortejos de todos, de carros de boi, de bandas musicais, da irmandade do Divino e dos componentes da “família imperial e o Imperador a ser coroado”;

d) A Coroação, ou as coroações, (há lugares que coroam mais de um imperador) geralmente durante a Santa Missa da Festa;

e) Os festejos populares com distribuição de bodos e inúmeras diversões.



Foto 1 - A Bandeira do Divino vista uma casa no Ribeirão da Ilha - 1998

No contexto geral percebe-se que as festas do Divino respondem às seguintes funções:

a) Culto ao Divino Espírito Santo Paráclito, tido como protetor contra todas as adversidades. Nos açores, são estas muito evidentes, onde o vulcanizo e os “terramotos” ou sísmicos são freqüentes, colocando a população em constantes preocupações e sobressaltos. Há também a necessidade de se fazer pedidos de forças ao Espírito Santo se habilitando aos Sete Dons diante de todas circunstâncias da vida (A simbólica do Espírito Santo está, inclusive, presente nas construções habitacionais);

b) O exercício da caridade. A festa do Divino é especial momento onde se deve dar “pão a quem tem fome e água a quem tem sede”. Momento em que a riqueza deve ser repartida, são os “bodos”. Levam-se reses para serem abatidas e distribuir sua carne (os touros que serviram para touradas durante a festa são abatidos também); levar vacas, ordenhá-las e distribuir-se o leite; distribuir o vinho, fazer grandes refeições comunitárias; fornecer-se grandes quantidades de pães e distribuí-los; tudo é caridade distributiva;

c) Momentos coletivos e individuais, de orações com pedidos e agradecimento por graças recebidas como curas, acertos familiares, educação dos filhos, boas colheitas e pescarias, etc.

d) Páscoa comunitária com a Santa Missa da Coroação do Imperador.

É um momento de reconhecimento da autoridade plena de Deus e do qual, pelo Espírito Santo, procedem todos os poderes das autoridades seculares, sujeição à vontade de Deus. Esta ‘é a ocasião de uma única missa anual para muitos;

e) A lúdica. É um gostoso e salutar encontro comunitário de divisão, conversas, rever os amigos e parentes que estavam distantes, e lá se vão as festas de barraquinhas, parques, músicas, bailes, e folclore, jogos, sorte, disputas, brigas (por que não?). É, inclusive, o melhor momento para as tauromaquias (às vezes condenadas por bulas dos bispos), como a folia (hoje farra) do boi entre nós.

3 - As Insígnias da Festa

Não pode haver a menor dúvida de que o centro, a mística da festa, é o Espírito Santo Paráclito e seus “Sete Dons”. Sua representação básica e única, a “SIMBÓLICA”, é uma pombinha branca, a “colombe de saint esprit”, descendo suavemente sobre a quem proteger.

Porém, para que todas as funções da festa sejam materializadas requer-se um grande conjunto de alfaias, e por outro lado, uma instituição e um ambiente. A instituição vem com as irmandades do Divino Espírito Santo, por local, o Império, isto é uma estrutura material. Geralmente um prédio de arquitetura característica e construída fora da capela, ou igreja, quase sempre próximo a ela, vez que se trata de uma festa essencialmente leiga e, às vezes, tomadas como profanas. Comunidades há onde não tem capela, mas não pode faltar o “império”.



Foto 2 - Quadro vindo dos Açores. Presente do Prof. N.V. Pereira. Acervo do Ecomuseu do Ribeirão

Na organização e funcionamento ainda se fazem necessárias a presença de um imperador, hoje casal imperador - e a comissão de mordomos e juízes.

As demais alfaias tais como coroa, bandeiras, cetro, salva e material de decoração e motivação complementar, giram em torno da simbólica. Alguns estudiosos afirmam que a simbólica principal não é a pombinha porém a coroa que ostenta em seu cume a pombinha.

A pombinha branca, em posição de descida para pouso, é não só a simbólica popular mas principalmente na liturgia católica e cristã de um modo geral.

4 - A Simbólica do Espírito Santo

Como vimos no capítulo anterior o símbolo efetivo do Espírito Santo é apresentado por uma pombinha branca em descida para pouso, com asas semi-recolhidas e, segundo os defensores das formas tradicionais, quase coladas ao corpo (foto 2).

O ser humano tem um “ser íntimo”, o seu inconsciente enigmático, que nos mais diversos aspectos lhe é inato. Talvez a marca fundamental da sua natureza. Um impulso não explicável pela razão. É o incógnito, a busca permanente da alma, e destinos da sua natureza existencial. Quem sabe se não por isso realiza esforços para sublimar ou identificar em outros seres vivos do reino animal, o imaginário do cotidiano.

Dentre os animais utilizados na mitologia humana aparecem com frequência o boi ou touro, leão, a ovelha ou cordeiro, aves como a águia, o galo, a pomba, e nos peixes a baleia ou somente seu genérico, peixe, e nos invertebrados a serpente.

A mística, e ou mítica, em relação a esses animais é complexa e contraditória. Às vezes o mesmo animal destina-se ao profano e ao sagrado; ao mortal e ao imortal; ao infinito e espiritual e mortal e temporal, às divindades e às potencialidades humanas. É bastante comum o mesmo animal ser tomado em duplos sentidos, como por exemplo o

touro no minotauro; o boi e a vaca sagrada... O Touro é simbólica de São Lucas, mas o é também o da idolatria e da apostasia. É também a força, a experiência, a mansidão, a docilidade para o trabalho e a violência nas tauromaquia; a virilidade e a fertilidade etc.

Nas festividades e práticas religiosas, e em todas as confissões variantes, o touro vai aparecer também como instrumento para fortalecer a fé e a lúdica. São as razões humanas que a própria razão consegue explicar.

Tal vai se passando com o leão de São Marcos; com o galo da meia-noite do Natal anunciando o nascimento de Cristo Jesus, que vai caracterizar a rosa dos ventos e o olhar das igrejas das torres das igrejas por todas as cidades e vilas; com o cordeiro como símbolo da pureza, do sacrifício cruento, da docilidade e da submissão; a ovelha no sentido de seguir os caminhos sob o comando do bom pastor; o urso a mística da traição etc.

No que concerne à pomba, quase sempre empregada no diminutivo para se extrair o sentido vulgar e popular ligado à sensualidade feminina, como “pombinha”, ao que me coube apurar, vem de longe, integrar a paleontologia e sempre foi tomada como identificadora da vida, da paz da justiça, dos dons do Criador à criatura, dos deuses aos seus seguidores.

Não é sem razão que Noé foi buscar, na pombinha, o suporte para conhecer, após o dilúvio, que havia e ainda haveria ambiente para mantê-la (Gê. 8,8-12).

Em relação à paz e à justiça a pombinha deverá possuir a cor branca em suas penas. O branco que asperge tranqüilidade, calma, fusão de todas as cores e raças, uma única justiça, a justiça do amor.

É, também, uma forma de descer e inocular os homens com a vida do Espírito de Deus e o foi, também, pela encarnação do Verbo, quando fecunda Maria.

No batismo de Jesus, Deus Pai revela sua vida, força, graça e presença através da “figura em forma de pomba, descia e vinha sobre ele”. Mt. 3,16; Mc. 1,10; Lc. 3,22 e Jo. 1,32.

É com sentido de vida e divindade que o Espírito Santo de Deus, uma construção abstrata para o ser humano, e que por isso se lhe visualiza pela figura de uma pomba. E não é só a vida, mas a paz, a força do espírito que atua com e pelos homens. “Não vos preocupeis porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela hora, o que deveis dizer”, Lc. 12, 11-12. “Porque não sereis vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é o que falará em vós”. Mt. 10,20.

5 - Achegas sobre a Simbólica Popular

Grande tem sido o esforço de etnógrafos e antropólogos para buscar-se as origens explicativas do porquê a pombinha ter-se consagrado como simbolismo popular, tanto nos aspectos da sensualidade humana, como na vida, na paz, na religiosidade. O que foi dito anteriormente é uma síntese desse esforço.

As razões apresentadas são dotadas de alguma solidez prático-teórica e terminam por identificar a pombinha num único viés, o viés da vida. Tanto com respeito à sensualidade humana como na simbólica do Espírito Santo.

Destaco, neste momento, como convite chamando, para o fato de que entre 9 e 12 de setembro de 1998, a UFSC, com participação do Instituto Histórico de Santa Catarina, da Fundação Franklin Cascaes, do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, do número de Estudos Açorianos e organismos internacionais, realizou um Congresso Internacional sobre os Impérios do Divino, onde a temática da simbólica foi ricamente debatida.

É oportuno destacar que as considerações teórico-explicativas apresentadas são considerações que não estão no alcance popular. Mesmo não terá o povo condições de dizer e interpretar o que sente. Faz parte do seu enigmático e íntimo abstrato e que se manifesta irracionalmente. São, o que podem dizer, “vontade de Deus”. É a fé popular verdadeira. Mesmo por que cientificar, eruditizar o que o povo pensa e faz? A ciência é uma tentativa, às vezes boba, de explicar o

mundo empírico em que vivemos.

O que se faz, inclusive estou fazendo, são tentativas racionais e científicas na busca de explicar o imaginário humano.

E acho que se tem dito coisas boas e outras nada aceitáveis. Algumas até heréticas, talvez. Vale, contudo, o esforço para entender tudo o que o ser humano emprega para exercitar e exteriorizar, manifestar (isso também é um esforço litúrgico ou pelo menos ritual) o seu relacionamento com Deus, o Criador.

Vejamos algumas considerações sobre os símbolos da festa do Divino. Primeiramente a Coroa. Deve ser ela de prata, e que seja encimada por globo, sobre o qual vem a figura da pomba pousando suavemente como no batismo de Jesus.

A Coroa desse possível quadro, braço-braço em cruz simbolizando os quatro Evangelhos. O globo simboliza o mundo, o globo terrestre, sobre o qual o poder, a força, a justiça e o amor de Deus descem como uma pomba, simbolizando a vida. Deus é vida; Deus é amor; Deus é justiça e tudo nos vem pelo Espírito Santo (foto 3).

A inclusão dessa visão do mundo não é tão antiga quanto a simbólica do Espírito Santo, o conhecimento popular e generalizado da esfericidade da terra chega no século XV, enquanto os Impérios do Divino surgem entre os séculos XI e XII.

Nem pode ter amparo na Bíblia, muito menos.

Disto infere-se que a inclusão do globo terrestre é uma introdução açoriana e provavelmente no século XII. É nesse período que se consolidam a Festa do Divino Espírito Santo nos Açores, e, de lá para cá, no século XVIII.

Entre italianos, flamengos, franceses e espanhóis, que também contribuíram para a formação açoriana, a pombinha é apresentada acima da cabeça do Arcanjo Gabriel quando fala à Virgem, com verdadeiro sentido de vida.

Vejamos o que diz Manuel C. Batista de Lima em “Introdução ao Culto do Divino Espírito Santo nos Açores” - II Colóquio Internacional de Simbologia - 1984.



Foto 3 - A Coroa do Divino - Modelo dos Açorianos

Ignoramos quando e como a pomba começou a ser utilizada como símbolo do Espírito Santo, embora na representação oficial da Igreja essa representação tenha sido admitida, ligada a Pentecostes, isto é, à assembléia da Virgem com os Apóstolos.

A partir de certa época, porém, representação simbólica do Espírito Santo deixa de ser aquela que a Igreja admitia, para passar a ser apenas a coroa imperial que no ponto de reunião dos braços ou imperial apresenta uma cruz ou uma esfera e uma cruz, em cujos braços se encontra pousada uma pomba.

Mais recentemente a cruz colocada no ponto de reunião dos braços da coroa imperial desaparece para dar lugar apenas a uma esfera onde assenta uma pomba de prata.

O cetro que acompanha a coroa passa também a ter em vez da



Foto 4 - A Bandeira do Divino com suas fitas milagrosas

esfera e da cruz, que habitualmente figuravam no seu extremo, uma esfera e uma pomba. Estes novos emblemas passam no Século XVIII a constituir, com a pomba parada ou esvoaçante, a simbólica do Espírito Santo usada nas bandeiras de cortejo, dos foliões e ainda nas bandeiras de hastear (foto 4).

As primeiras são, normalmente e pelo menos desde o século passado, de damasco vermelho com os cantos ornamentados em tecido branco e aplicadas no pano de fundo ostentando no centro uma Coroa de grandes proporções, encimada por uma pomba, sendo estes emblemas igualmente de tecido e aplicados da mesma forma.

A Bandeira, quando parte em peditório, possui uma série de fitas coloridas caindo do mastro desde a esfera, e multicoloridas. Repre-

sentam pagamentos de promessas e/ou pedidos de graças, e que são colocadas nas casas visitadas. Existe ainda a superstição, ou crença, de que o chá feito a essas fitas tem poderes divinos.

A Salva, que é uma bandeja estilizada, com pedestal, prata trabalhada, e tem a finalidade de durante o peditório recolher os donativos financeiros e, na festa, transportar a Coroa e o Cetro, sobre ela. Durante as novenas e a cantoria dos foliões os bens que são colocados em leilão depositam-se sobre a Salva até o momento de entregá-los ao arrebatador.

Muitas são outras alfaias, porém, que não são as específicas e indispensáveis, mas as acrescentadas pela criatividade popular. São guiões, lanternas, flâmulas, opas, candelabros, altares, vestidos imperiais vermelhos, azuis e rosas, luzes processionais, cruzeiros processionais, banda de música, foguetes, fogos de artifício, bois, leilões, massa de promessa, etc.

Uma coisa deve ser mantida: a pombinha, e que deverá estar gravada em tudo e em todos. E, respeitando-se ao máximo a forma tradicional, de pouso suave.

6 - Conclusão Breve

Assim, hoje em dia, com a massificação da cultura e o secularismo crescente e materializante, vem a contestação à cultura popular açoriana em Santa Catarina, que fora premiada de religiosidade e fé. Esquece-se ou desconhece-se as verdadeiras raízes e fontes explicativas da simbologia popular do Espírito Santo, o Paráclito.

Faço votos, e assim espero, que este meu contributo reflexivo sobre a simbólica do Espírito Santo possa ter trazido efeito não tão prático, mas muito mais para que se valorize a religiosidade popular, que, via de regra, sobrevive ao arrepio face à desaprovação eclesiástica.

Como tudo aquilo que o povo diz e faz, tem-se como “vontade de Deus”, exterioriza o fazer, o sentir e o pensar popular, fica evidente que o Folclore do Espírito Santo desempenha preponderante função no “viver cotidiano das gentes”.

CANTIGAS DE RATOEIRAS

DORALÉCIO SOARES

Em idos passados era comum ouvir-se nas comunidades de rendeiras, Cantigas de Ratoeiras, cujo principal tema era relatar a vida cotidiana, através de versos românticos e choros, sempre expressando sentimentos relacionados ao gênero feminino. Entre os principais, destacamos O Sereno, O Fadinho, Meu Cravo de Rosa, Caranguejo, Cana-verde, o Limão entre outras.

Os versos transformaram-se, e a ratoeira as comunidades desterritorializaram-se, ou seja, eram praticados pelas mulheres, que sentindo-se abandonadas pelos maridos, que haviam partido para o trabalho, clamavam seus retornos com vida. Por outro lado, aos domingos, reuniam-se moças e rapazes solteiros, nos quintais, para brincar de roda e comunicar ao amado(a) seus sentimentos. Atualmente estudantes praticam a Ratoeira nas escolas, um jeito “moderno” de integração e socialização na abordagem do cotidiano.

As cantigas são semelhantes com as dos grupos de Coco de Roda, existentes no Nordeste Brasileiro, onde os participantes são convocados pelo participante que está no centro da roda com uma umbigada, configurando gestos obrigatórios para entrar e sair da roda.

Costatamos que em SC, as Cantigas de Ratoeiras, fazem parte da herança luso-açoriana, destacando-se principalmente na Ilha, como também em toda orla marítima.

O Sereno

O sereno desta noite

Caiu na folha da palma

O dia que não te vejo

Não faço renda com calma

Caranguejo

*Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo está na praia
À Espera da maré*

*Sim sim sim
Não não não
Estou a tua espera
E não me dás
Teu coração*

O Fadinho

*E o fadinho bateu na porta (bis)
Manjerona, quem está aí (bis)
É o cravo mais a rosa (bis)
A açucena e o jasmim (bis)
Lá iá lá lá
Lá iá lá lá
Lá iá lá lá*

Meu Cravo de Rosa

*Meu cravo de rosa
Meu manjeriço
Dá três pancadinhas
No meu coração*

Cana-verde

*A cana-verde do mar
Anda à rota do vapor (bis)
Eu também hei de andar
Na rota do meu amor (bis)
A folha da bananeira
De comprida foi ao chão (bis)*

A ponta deste teu lenço (bis)
Chegou no meu coração

O Limão

O Limão entrou na roda, ô limão
O limão de mão em mão, ô limão
Não chora, meu bem, não chora, ô limão

Senhora dora Jorda, ô limão
Faz favor entra pra roda, ô limão
Diga uns versos bem bonitos, ô limão
Doga adeus e vá embora, ô limão

Ninguém deve plantar roça, ô limão
No lugar que tem ladeira, ô limão
Não se pode morar perto, ô limão
Dessa gente faladeira, ô limão

O SERENO

1- 4 O se-re-no desta noi-te caiu na fo-
lha da palma o di-a que não te ve-jo não fa-
ço ren-da com cal-ma o di-a que não te ve-jo
não fa-ço ren-da com cal-ma

O FADINHO

1- É o fa-din-ho bateu na por-ta e o fadinho bateu na
por-ta Man-ge rô-na, quem está aí e man-ge rô-na quem es-tá aí

MEU CRAVO E ROSA

1- la-la la la ia la la la ia la la ia la la la
la-ia la-ia meu cravo de ro-sa meu man-je-ri-cão dá
três pan-ca-din-has no meu cora-ção meu cravo de ro-sa meu man-je-ri-
cão dá três pan-ca-din-has no meu cora-ção

CARANGUEJO

1. ca ran gue jo não é pei xe ca - ran gue jo pei -
xe é ca ran - gue - jo es - tá na praia à es pe ra da maré

The musical score for 'CARANGUEJO' is written on two staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 2/4 time signature. The melody consists of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the notes, with a '1.' indicating the first line of the song. The second staff continues the melody and ends with a double bar line and repeat dots.

CANA-VERDE

1. a ca - na-ver de do mar - An. da à ro - ta do va -
por anda à ro ta do va por , eu tam - bém hei de an -
dar na ro - ta do meu a mor a fo lha da ba na nei ra de com -
pri da foi ao chão a pon - ta deste meu lenço chegou
no meu co ra - ção

The musical score for 'CANA-VERDE' is written on five staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of two sharps (F# and C#), and a 2/4 time signature. The melody is written in eighth and quarter notes. The lyrics are written below the notes, with a '1.' indicating the first line. The second staff continues the melody. The third staff continues the melody. The fourth staff continues the melody. The fifth staff continues the melody and ends with a double bar line and repeat dots.

FOLGUEDO DA BRINCADEIRA DO BOI NO BRASIL

DORALÉCIO SOARES

Bumba-meu-boi, Boi-Bumbá, Boi-de-Zabumba Boi-de-Canastra, Boi-de-Calembra, Boi-de-Cara-Preta, Boi-de-Reis, Boizinho no Norte e Nordeste.

Em Santa Catarina, era conhecido como “Boi-de-pano”, “Boi-de-Pau”, finalmente como “Boi-de-Mamão”, defendido por alguns estudiosos como “Boi-Mamão”, numa referência ao boi que “mama”, boi novo, bezerro. Entretanto, o “Boi-de-Mamão” remonta ao século passado, embora assegura-se sua originalidade no município de Palhoça, situado ao sul do município de Florianópolis. Segundo relatos de informantes, alguns garotos na pressa de fazerem a cabeça do boi, usaram um mamão verde, e quando apresentando chamaram de “Boi-de-Mamão”, designação que figura até a época atual, pois observando o desenvolvimento da brincadeira com cabeças de todos os tipos, até autênticas, próprias de cada distrito e região, porém não encontramos com cabeça de mamão.

Cabe ressaltar que o município de Palhoça foi prejudicado por uma apresentação de um grupo do século passado, quando o governador pediu para que se apresentassem à noite em frente ao Palácio - atual Museu Cruz e Sousa - depois deveriam brincar no próprio local. O evento ocorreu, sendo anuenciado publicamente com o nome de “Boi-de-Mamão”, refutando desaparecer a versão de ter surgido na Palhoça.

Em 1840, está registrado no jornal O CARAPUCEIRO do Padre Lopes Gama, no Recife, que ofendido com a inclusão de uma figura de um padre num “bumba-meu-boi” nas ruas da cidade, dramatizando a cura do boi doente, esse insurgindo-se contra o qual, “achando-o tolo, estúpido, destituído de graça, acrescentando um agregado

disparate, comenta o jornal: “um grupo de desocupados, tendo um negro, metido por debaixo de uma baeta, fingindo a figura de um boi com uma batucada e reles cantoria alusiva ao folguedo, chamando de bumba-meu-boi, tentam fazê-lo ressuscitar com rezas e benzeduras, utilizando a figura do pseudo padre e outras figuras do grupo.

O folguedo do boi, é um “auto” de excepcional plasticidade afetoso e social conquistando a preferência dos que os assistem. Dizia-se que a brincadeira era de preferência do zé-povinho, mas este radicalismo desaparece quando a brincadeira passa a ser aplaudida e admirada pela multidão que a cerca.

O folguedo do boi é um dos autos mais admirados no Brasil, cientificamente e popularmente, havendo obras elucidando o assunto. Luís da Câmara Cascudo no Dicionário do Folclore Brasileiro, analisa o auto sobre todos os aspectos com citações de autores diversos. A ciência folclórica, tem estudado as manifestações oriundas do folguedo, procurando atingir o povo. Atribuímos que o Folguedo do Boi, no Sul do Brasil, seja proveniente do existente no Norte e Nordeste, cuja versão é idêntica - morte e ressurreição do boi com rezas, benzeduras e a participação do veterinário. O boi morto é ressuscitado pelo feitiцеiro da tribo indígena, no caso do Boi-Bumbá.

Aprecio todas as formas de brincadeiras com boi do Norte ao Sul do Brasil, entretanto admiro muito o Boi-de-Mamão Catarinense, considerando mais divertido, principalmente na sua maneira de encantar as crianças com as investidas do “bicho-papão”, a bernúncia que as procuram para engoli-las, oferecendo também um quadro inusitado - o nascimento de uma bernuncinha.

OS MAMÍFEROS, OS RÉPTEIS E A AVIFAUNA NO FOLCLORE

DORALÉCIO SOARES

A Comissão Catarinense de Folclore, tem a satisfação de registrar em seu Boletim, o recebimento das obras editadas pelo cientista Dr. Hitoshi Nomura, cujo extraordinário valor cultural é imensurável.

A profundidade das pesquisas elaboradas navegam com o leitor através de contato íntimo com a beleza da fauna das matas existentes no solo brasileiro. No conjunto, três obras de caráter científico revelam o mundo animal, fazendo uma analogia humorística dos animais e os interesses de aproximação com os homens.

Muito interessante foi sua análise sobre a relação entre o cachorro e seu dono, pois o dono nunca se refere como cão”, diz assim: o “sertanejo jamais chamou o cachorro de cão, chama-o sempre de cachorro. Pois cão significa outra coisa: cão é diabo”. Nos seus registros transcreve: “estórias hilariantes de autores diversos, entre ela, Câmara Cascudo”. Disserta sobre o cachorro nas suas várias facetas, principalmente pela natureza de ser considerado o “maior amigo do homem”.

CALUNGA, OU RATO DE PRAGA, CAMELO-CAGAMBA, CAPIVARA, CAVALO, COANDU, COATI, COELHO, CUTIA ÉGUA, ELEFANTE, GAMBÁ, GATO DO MATO, GUARÁ, GUAXIMIN, IARÁ, figuras inusitadas da chamada ipiária, classificadas, pelo padre Anchieta, como figuras fantasmagóricas.

Além do Leão, o autor também classifica os macacos. Diz ainda sobre o Leão: entre os marginais cariocas (Tacla, 1981-62) significa “capanga, guarda-costas, porteiro de cada de talonagem, na expressão de leão-de-chácara”. Moda (1969: 164-165) dá os seguintes significados de “homem valente, perseguidor de mulheres; símbolo do Sport Clube do Recife, número 16 do jogo de bicho”, ilustrativo ao termo leão, anotando outras frases: Leão-do-Norte: Pernambuco através de seu brasão: leão coroadado, apelido do capitão José de Barros

Lima, herói da Revolução Pernambucana de 1817, nome de maracatu do Recife; leão-de-chácara: guarda de boate, clube etc. Sossega leão: advertência irônica de valentão, etc. Hitoshi, continua na sua dissertação sobre o leão nos seus vários aspectos de sua valentia, destacando a força portentosa deus JUBA.

Quanto aos macacos se aprofunda no estudo dos mesmos, classificando-os nas suas várias categorias. Os morcegos são destaque em sua obra. Fala-se de mulas, onça, cutia, ovelhas, pacas e um tal de pé-de-garrafa, ser mitológico que vive nas capoeiras. O peixe-boi é analisado nos seus vários aspectos. Porco-do-mato e a caipora apresentando o curupira montando o caitetu. Sobre o preá (o rato-do-mato) apreciado pelos caçadores.

Historia o preá com este versinho:

*Minha gente venha ver
A vidinha do Preá
Metido nas macaxeiras (aipim)
Comendo sem trabalhar*

O bicho-preguiça é analisado no seu todo. Puma, onça-parda ou suçuarana. O ratão-do-banhado, camundongos e ratazanas. Rato e rato-da-taquara. Tamanduá-bandeira e tamanduá-mirim, a família dos morcegos, destacando o vampiro, família dos veados-mateiros, entre eles o veado-mateiro.

Com uma bibliografia extensa o autor de mamíferos no folclore, analisou aproximadamente 50 (cinquenta) obras sobre o assunto.

OS RÉPTEIS NO FOLCLORE, é outra obra em que Hitoshi Nomura discorre com precisão científica, sobre a existência dos vários tipos de cobras existentes no território brasileiro, inclusive registra o seguinte verso:

*Quando eu passo em tua porta
Teu pai sempre diz: São Bento
Não sou cobra que te morda
Nem sou bicho peçonhento
Lavras São Bento, água-benta
Jesus Cristo no altar*

*Arreda cobra, arreda bicho
Deixe o filho de Deus passar
Lavras eu compro as banhas da cobra
De fumo dou corda e meia
Prá fumentar uma perna
Que me dói na lua cheia*

Hitoshi também analisa os jacarés no seu habitat. Cita a cobra jararacuçu e as jibóias, cita as lagartixas abundantes no Norte e Nordeste do Brasil, havendo também em alguns estados do Sul, notadamente em São Paulo. Fala dos lagartos e cágados, das cobras muçuranas, jararaca e sucuri, destacando esta como a maior serpente do mundo. Tartarugas e calango, tipo de lagartixas verde, inclusive destaca o seguinte versinho:

*Calando matou o boi
Botou um quarto nas telhas
Lagartixa foi bulir
Calango meteu-lhe a peia
Isso mesmo aconteceu
Quem bole na coisa alheia*

Outra grande obra de Nomura é a avifauna no folclore, na qual as aves da fauna brasileira quase na sua forma geral, analisa-se no seu nome natural e científico, como a cauã, a alma-de-gato, também chamada de alma-de-caboclo, rabo-de-escrivão, tincuã, chincoã, meia-pataca, com seu nome científico. Amanci, também chamada de mãe-chuva. Andorinha e andorinha-de-cólero, anhinga e anhuma, e assim sucessivamente, recolhendo quadrinhas como entre outras do anu.

*O anu é pássaro preto
Passarinho de verão
Quando canta à meia-noite
Dá uma dor no coração
Folgue, folgue minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormires agora
Dormirás de madrugada.*

Quadrinhas populares atribuídas ao povo na interpretação dos cantos dos pássaros: anu-branco, araçari, aracuã, arapaçu, araponga, arara, bacurau, também chamado de tabaco bom,

*Quero dar a despedida
Como deu o bacurau
Uma perna no caminho
Outras no galho de pau*

Os beija-flores são destacados pelo seu volume e representação na fauna brasileira.

Poderia estender-me na seqüência das nossas aves, cujas pesquisas de Hitoshi são grandiosas, entretanto encerro com o uirapuru, o pássaro que com seu canto inebria emudecendo todos os cantantes de nossas matas, transcrevendo esta bela poesia.

Dizem que o uirapuru desata a voz do orfeu do seringal, tranqüilo o passaredo sai rápido a segui-lo, em derredor agrupa-se na mata.

*Quando o canto, veloz muda tudo em que se queda
Comovido a ouvi-lo a cascata
O mais nobre sabiá surta a sonata
O canário menor cessa o pupilo
Eu próprio sei quanto esse canto é suave
O que porém, me faz cismar bem fundo
Não é por si o alto canto poder dessa ave
O que mais no fenômeno me espanta
É ainda um pássaro no mundo
Que fique a escutar quando outro canta.*

Muito obrigado Hitoshi Nomura. As tuas obras são dignas de estarem presentes na totalidade das bibliotecas brasileiras.

As obras de Dr. Hitochi Nomura podem ser adquiridas diretamente com ele: Rua José Augusto César, 33 - CEP 13066-420, Campinas - SP. Os preços são os seguintes: Vultos da Zoologia Brasileira - 3 volumes - R\$ 45,00; Usos, credices e lendas sobre peixes - R\$ 10,00; Usos costumes dos animais - R\$ 10,00; Usos credices e lendas sobre anfíbios - R\$ 3,00; Os mamíferos no folclore - R\$ 15,00; Avifauna no folclore - R\$ 15,00; História da Zoologia no Brasil século XVI (2 volumes - R\$ 25,00); História da Zoologia no Brasil; século XVII (3 volumes - R\$ 40,00) Os répteis no folclore (R\$ 12,00).

... DO FOLK TEUTO-BRASILEIRO

T. C. JAMUNDÁ

Os traços reveladores da religiosidade que norteia a família teuto-brasileira do meio rural da zona fisiográfica Vale do Itajaí - SC, são, sobejamente, encontrados na organização peculiar da sua paisagem humana e também no recesso do lar. Fora as mostras que revelam a presença das igrejas cristãs, nota-se o lastro ancestral que nutre a consciência religiosa. Assertiva desta revelação no lar, especialmente nele, encontram-se os versos e as frases bordadas nas capas dos móveis e nos panos de paredes. Justamente, esta particularidade é alguma coisa de profundamente revelador do sentimento religioso. Trata-se de pedaços de fazenda, geralmente, dependurados à maneira de quadro, ornamentando. Encontram-se isolados num trecho de parede, sobre a cômoda de canela pesada e decorativa; sobre as toalhas; sobre o fogão e sobre a parede onde fica o espelho mais alto da cama de casal. Às vezes são colocados acintosamente como num convite para serem lidos, entendidos e obedecidos; também encontram-se deles pendurados discretamente. Uma coisa nota-se, e esta é a coerência das frases com a peça da casa. A frase que é própria para a sala de jantar é importante para o quarto de dormir; a da cozinha não serve para a sala de visita. É o imperativo do nexo.

É a importância da finalidade do verso ou da frase na educação religiosa, no estado de espírito da dona de casa com pronunciamento dos valores morais. Existem frases e versos que destoam do sentido educativo ou seja do convite para a reflexão mística, entretanto é notado que eles consistem na minoria. Geralmente, a frase é de fundo moral e revela a religião dominante no lar. As letras são, comumente, bordadas, revelam as aplicações da dona de casa. Registra-se que, comumente, chamam de "WANDSCHONER" em alemão para explicarem em lín-

gua vernácula: “Pano-protetor-de-parede”. As pessoas podem opinar com certa base já por serem alemães e possuírem perfeito conhecimento da língua e da cultura. Alemães não concordam. Dizem que melhor é chamar “WANDSPRUCH” e traduzem: “Poesia mural”.

Registra-se que, realmente, a finalidade de proteger parede pode ter existido. Os panos com versos e frases bordados para a ilustração deste artigo tinham a finalidade perspicua de proteger o local em que estavam. Tudo transparece que a existência das frases e dos versos nos retângulos de fazenda, conservados imaculados ao ponto de servirem de referência do grau de asseio, não ficava na finalidade de proteger parede. Notava-se, sim, o convite, a sugestão, o conselho para os caminhos virtuosos e a lembrança das verdades bíblicas. Escritos quase sempre em alemão também encontram-se em língua vernácula. Dentre os detalhes percebidos notam-se: a elevação do padrão de vida, a urbanização do lar, a penetração de elementos culturais diferentes, como elementos modificados do lar, digamos que para exemplificar, tradicionais famílias teuto-brasileiras. É a modificação operando por imitação no lar da área urbana, quase sempre desprezando os valores e as frases bordadas em panos pendurados às paredes, à maneira de quadros decorativos. Assim se pode dizer porque a área urbana, exceção dos lares menos inteirados ou que não perderam de todo os traços caracterizadamente rurais, o pano com verso ou frase, já não existe. O que significa “Der Wandspruch” já não é conhecido.

Seja “Der Wandschoner” ou “Der Wandspruch” coletamos alguns dos muitos encontrados e solicitamos a cooperação de teuto-brasileiros e de famílias tradicionais para conseguir outros. Para ilustração passamos a eles no original em alemão e na tradução correspondente em língua vernácula:

1 - “W.o. Gualde, da Lieb; W.o. Lieb, da Freioe;
W.o. Friede, da Segen; W.o. Segen, da Gott;
W.o. Gott keine Noth”.

2 - “Zufrieden sein, isto groses Kunst,

Zufrieden scheinen, bloser Dunst,
Zufrieden werden, grosses Glück,
Zufrieden bleiben, Meisterstück,

3 - "Mit Got fanga na, mit. Got hoer auf,
Das ist der beste lebenslauf".

4 - "Der beste Schatz für einen Mann
ist eine Frau die kochen kann".

5 - "Ohne Fleiss, Kein Preis".

6 - "Wer auf Gott vertraut, der hat wohlgebaut".

7 - "Dês Hauses Zier ist Reinlichkeit,
Dês Hauses Ehr Gastfreundlichkeit
Dês Hauses Segen Frommigkeit
Dês Hauses Glück Zufriedenheit".

8 - "Gott wacht, für alle Gross und Klein
Drum Schlafe ohne Sorgen ein".

9 - "Ist Die Küche rein,
Schmeckt alles fein".

10 - "Gott beschütze unser Haus
und die Gehen ein und Aus".

11 - "Der treuest Führer in der Not,
Das isto und Bleibt der lieb Gott".

12 - "Morgenstund hat Gold in Mund.

13 - "Streu Blumen der Libe zur Lebenszeit
Und bewahret einander vor Herzeleid".

14 - "Gott schirme mein Heim
Viel Glück herein".

Este elemento decorativo do lar teuto-brasileiro das zonas rurais particulariza o ambiente doméstico. Os elementos de outras culturas,

ingênua ou grosseiramente, por esta e outras particularidades, aplicam o qualificativo: “Casa de alemão”.

E esta qualificação pode ser um insulto, uma denúncia ou simplesmente um modo de explicar com laconismo. São flutuações próprias da paixão e do momento que, sociologicamente, evidenciam o conflito mental.

A tradição dos versos e das frases que registramos em alemão, ao pé da letra e consideração do sentido, é a seguinte:

1 - (Sala de visitas)

*“Onde existe fé existe amor, onde existe amor existe paz,
Onde existe paz existe benção, onde existe benção
existe Deus, onde existe Deus, tudo existe.”*

2 - (Numa sala de visitas)

*“Estar alegre é uma grande sabedoria;
Aparentar alegria simples ilusão;
Ficar alegre é ter a felicidade;
Viver alegre é o ideal.”*

3 - (Num quarto e numa sala de visitas)

*“Iniciar com Deus e findar com Deus
É a melhor orientação para os caminhos da felicidade.”*

4 - (Numa cozinha)

“O tesouro ideal no lar é a esposa sábia”

5 - (Numa sala de visitas)

“A recompensa é conseqüência”

6 - (Numa sala de visitas)

“Fé em Deus roteiro certo”.

7 - (Numa sala de jantar)

*“A limpeza é quem decora o lar;
A hospitalidade é quem dignifica
Assim como, a devoção abençoa*

A felicidade traz alegria.”

8 - *(Num quarto e na capa de uma preguiçosa)*
“Deus vela por todos, durma sossegado.”

9 - *(Numa cozinha)*
“Tudo é gostoso quando a cozinha é asseada.

10 - *(Numa sala de visitas)*
*“Rogamos a Deus que proteja nosso lar
e a todos que cruzam nossa porta.”*

11 - *(Numa sala de visitas)*
*“Nem nos maus momentos esqueça de Deus,
Ele é o que sempre foi: o guia mais fiel.”*

12 - *(Numa sala de visitas)*
“A madrugada sabe onde existe ouro.”

1 - *(Numa sala de visitas)*
“Semeia amor por que não magoarás o próximo.”

2 - *(Numa sala de visitas)*
“Rogamos a Deus proteção e felicidade para o nosso lar.”

O DESCASCAR-LARANJAS (Der Orangenschälen)

Costume ido, quase esquecido e já fora do testemunho da geração na adolescência. Registra-se no acervo de lembranças de teuto-brasileiros que dobram a esquina dos trinta anos: “nas safras de laranjas e de tangerinas (anotamos que tangerina também conhecida por bergamota ou mexerica) era comum ajuntamento de pessoas nos galpões dos engenhos da fabricação de açúcar. Tratava-se de reunião para descascar laranjas. O fim era fazer o doce chamado em alemão “MUS”: purê de caldo-de-cana com frutas.

Nos tempos do acontecimento do “ORANGENSCHÄLEN” a fabricação do “MUS” se não era de laranjas era de tangerinas. Nos dias que correm faz-se com goiabas e bananas, e misto de carambolas com

laranjas. O ajuntamento de pessoas para fazer “MUS” constituía uma atração para os adolescentes. O trabalho era alegre e regado com goles de KIMMEL e de cachaça com o caldo-de-cana quente. A época fria do ano contribuía para o consumo das bebidas. A reunião era alegre, os adolescentes cantavam as canções populares aprendidas na escola alemã ou nos lares. Entre as canções haviam as que chegaram com os pioneiros do povoamento da região, provavelmente, algumas ainda da remotíssima coleção dos “LIEDS” do Folk Germânico.

Entre as muitas lembram-se que cantavam as seguintes: HEIDENRÖSLEIN, AM BRUNNEN VOR DEM TORE, DIE MÜLLERS FRAU, DIE PFLAUME UM BAUME, KOMMT EIN VOGEL GEFLOGEN, DER FASSBINDER.

São canções já esquecidas por muitos e nem conhecidas por grande parte dos adolescentes, as quais citamos os nomes: DIE DREI LILLIEN, GOLD UND SILBER, ANNCHEN VON THAUROU, INHNEM KÜHLEN GRUNDE, ACH, WIE ISTS MÖGLICH OANN.

Quando os cantos não divertiam ritmados pelos caleros do quimel de fabricação caseira, os mais idosos contavam trechos de histórias que sabiam, ou mesmo a história dos dias difíceis diante da mata com seus habitantes. Fosse pelo quimel animador, cantando ou ouvindo histórias, a grande animação, o grande motivo, era o baile que encerrava a reunião para descascar laranjas. O baile era apelidado de “MUSBALL” o que queria dizer: o baile-do-purê, uma vez que “MUS” é um doce em ponto de purê. O baile era agradecimento do dono do engenho-de-açúcar, geralmente, o dono do “MUS”. “Der Orangenschälén” ou seja, o acontecimento da reunião para descascar laranjas desde alguns anos passou para o acervo das lembranças. Já não acontece.

FESTA DA CUMEEIRA (Die Richtfest)

Quando o madeiramento para colocar o telhado fica inteiramente armado, é a oportunidade de fazer a festa-da-cumeeira. Ramos e palmas são amarrados em várias partes salientes do madeiramento, os operários, quando menos, pedem as cervejas comemorativas se o pro-

prietário não deseja festejar com desaforo. Via de regra, a praxe é seguir o costume regional: convidar os amigos e comemorar com churrascada succulenta a armação da cumeeira. Consta nos bastidores dos supersticiosos que a festa-da-cumeeira, traz boa sorte.

Por outro lado, consiste em motivo de exibição da vaidade e da satisfação de quem está construindo. Muito amigo das reuniões, com bebidas, o teuto-brasileiro mantém a sua “DIE RICHTFEST” e mantendo-a, mata dois coelhos com uma paulada: reúne-se com boa rodada de amigos para um churrasco, à sua maneira, e também conquista a boa sorte para a sua construção.

Embora a parte diversional seja importante na festa-da-cumeeira, percebe-se por outro lado que os construtores e os operários de construções civis, não dispensam a folhagem amarrada nas saliências do madeiramento, especialmente nas extremidades.

Idagados da finalidade, respondem com precisão sobre boatos que ouviram algures: “o dono da construção não quis comemorar a festa da cumeeira e, os operários também não deram a devida importância à praxe de, ao menos, pregarem um galho de árvore à cumeeira para espantar o espírito do mal. O resultado da indiferença não demorou: um operário caiu do madeiramento ao solo e perdeu a vida.”

Daí ser praticado a ornamentação com folhagem, anuenciando que a construção chegou à cumeeira, mais por parte dos operários que do proprietário. Satisfação de crença. Garantem-se de modo imaginoso que estão livres das ciladas do mal, da infelicidade de um acidente ou defendidos contra o sortilégio.

A festa-da-cumeeira pode ser notada tanto nas áreas urbanas como nas rurais. A sofisticação da aludida festa é circunstância natural: já assistimos festa-da-cumeeira que foi aproveitada coleta de fundos financeiros para fim nobre; assim não é desvirtuamento no entender dos seus festejadores, que sirva também para solução político-partidária ou quejandas. Não é popular tomar-se parte em uma delas que ocorra cerimônia particular com referências à cumeeira ou à colocação do telhado. A folhagem pregada lá em cima notifica na paisagem o

festivo. Quem crê em bruxas, entende que dali elas estão afastadas pelas palmas amarradas ou pregadas no madeiramento; quem não crê, entende apenas que ali o churrasco e a cerveja vão reunir um punhado de amigos. A sofisticação corre portanto do grupo reunido pela finalidade de festejar a cumeeira.

O TICO-TICO MANDRIÃO (Plana ti)

A rica imaginação do brasileiro que o alemão encontrou civilizado nas terras do Vale do Itajaí, contribuiu significativamente para o folclore do teuto-brasileiro. Particularmente, é observado com o Saci ou Sem-fim, (Ave da família CUCULÍDEOS; “*Tapera naevia*”).

O tico-tico mandrião, é o mesmo chamado de sem-fim e saci, nos arrabaldes de Recife, PE, ele tem o apelido de peitica; na Zona da Mata pernambucana, chamam-no igualmente assim. Aqui no Vale do Itajaí ouvimos chamá-lo de tico-tico mandrião, indagamos do motivo e obtivemos a resposta: “era um tico-tico mandrião, cantava dia e noite”. Foi resposta do velho mestiço brasileiro descendente de família de veteranos nas terras de todos os Itajaí, nos primórdios da colonização já transitavam pelas picadas dos capoeirões e das matas. Repetimos a indagação e tivemos a mesma resposta que se tratava do “sem-fim”, “passarinho” muito difícil de ser visto.

Esse muito difícil de ser visto, encerrava algo misterioso, a ponto de pensar-se que se ouve o canto porém nunca se vê o “pássaro”. Quanto mais perto parece o canto, mais longe está a ave; quando se sai a procurá-la, ou fica-se perdido ou volta-se cansado.

O canto insistente da dita ave é interpretado pelo teuto-brasileiro da zona rural, como um aviso que está no tempo de semear; daí o apelido onomatopéico: “PLANT, TIT.”

Já no Nordeste brasileiro se diz que a peitica diz no seu canto “Buraco feito”; o que quer dizer sepultura pronta. É de significado funesto ou azarento. Ouvimos também numa estiagem prolongada quando a dita ave cantava, que ela anunciava a estiagem ainda por muito tempo porque repetia, insistentemente: “sem-fim”...

O observável na interpretação do canto desta ave que, inegavelmente, pela insistência com que repete o assobio chama a atenção, é o gracioso e simpático da onomatopéia criada pelo agricultor teuto-brasileiro; fugiu ao funesto, ao cabalístico e ao dramático. Preferiu a poesia bucólica, em que as aves vivem como auxiliares do agricultor. Para ele, ela não é a peitica agourenta do nordestino; nem o sem-fim e nem o Saci registrado com origens na mitologia ameríndia.

É uma ave amiga que avisa o tempo de semear, e por isso canta insistentemente: plan tit... plan tit... - dizendo: plantai... plantai... - ou simplesmente: plantar... plantar... .

Ilustramos que ouvimos pacientemente muitos agricultores, teuto-brasileiros ou não, desta região, sobre a particularidade de terem visto a ave de canto tão impressionante, nenhum dos entrevistados a viram, apenas conheciam-lhe o canto. E era justamente quando ela cantava que praticávamos nossas inquirições. Procurávamos identificar a interpretação onomatopáica do canto, com o nome da ave e suas características, tudo que conseguimos foi o relato.

NOTA: Nas pesquisas e inquirições contamos com a cooperação espontânea dos interessados nas divulgações das coisas regionais, assim, colaboraram os teuto-brasileiros Marcus Rauh, Germano Brandes Jr., Nelson V. Gilsa, Helga Hemmer, Ruth Holetz, Ursula M. Kretzer e Ruth Jamundá (nesta Odebrecht); os alemães Emil Schneider e Hans Schneider, o primeiro com a profissão em sua pátria de jornalista e o segundo como professor de música e canto, nesta região catarinense.

O repertório do FOLK TEUTO-BRASILEIRO dos municípios de Ibirama, Timbó, Indaial e Blumenau, anotamos que entre outros vocábulos sobressaem KUCHEN, KIMMEL, KESSELHOLZ, FLAMRI, SCHWARTZSAUER, MUSBALL, estes principalmente, tomavam presença ativa no acontecimento do ORANGENSCHÄLEN. O "SCHWARTZSAUER" vem a ser o mesmo que cabidela ou molho-pardo, o primeiro é corrente no Nordeste e o segundo, no Sul; sua presença destacada vem ou chegava com o acontecimento do POLTERABEND (noite-do-barulho), justamente na véspera do casamento. Para alimentar os convidados e que também contribuía nos preparativos da festança doméstica: o dia do casamento. Providenciavam alentados panelões de molho-pardo (SCHWARTZSAUER). Nos grupos em que a dominância de descendentes de pomeranos era maior, encontrava-se ainda bem antes do dia do POLTERABEND, um parente de um dos nubentes fazendo em versos os convites para o casamento. Era tratado por HOCHZEITSBITLER. Hoje já é raríssimo. Trataremos destes acontecimentos em artigo próximo.

POESIAS DE POETAS LAGEANOS

COLABORAÇÃO DE PATRÍCIA CRIS GOBETTI(*)

Poesias do Livro Carretão n.º 6

VELHOS PINHEIRAIS

(LUIZ HENRIQUE R. DOS SANTOS)

Ah!

Velhos pinheirais

Esquecidos, no tempo

Incólumes resistais.

Passam tempestades,

Vêm os sóis

Aquecei-vos à luz da lua

E mantei-vos nas potestades.

O teu povo ainda cultiva

As maneiras tradicionalistas,

O sotaque, a cuia e o fogo de chão

E o orgulho das grandes conquistas.

As danças e os sapateados,

Coisas típicas da região,

Trovas e tiro de laço

E a famosa festa do pinhão.

* Patrícia Cris Gobetti é da Invernada Adulta do CTG Barbicacho Colorado, no qual dança há 10 anos. É representante da Comissão Catarinense de Folclore no Município de Lages.

OUTONO DA VIDA

(ELOYR PEDROSO)

*Quando descanso,
Nasce OUTONO DA VIDA,
Me parece um fim de tarde
Se despedindo lá no horizonte,
Fiapos de nuvens,
Como lembranças voando,
Voando, voando...
E a brisa soprando
Embala os galhos verdes dos meus pinheiros,
Que vejo, através da vidraça
E da vaporosa cortina
Que acena, acena...
Como se partisse,
Para encontrar o INVERNO
E a NOITE, que nos abraça...*

Ah!

*Velhos pinheirais
Da minha infância
Saudades das gralhas
Que não cantam mais.
A sapecada da recordação
Ainda queima no peito
A doce lembrança das
Noites de inverno.
O fogo de chão,
O chimarrão quente,
O pinhão na brasa vermelha,
O violeiro trovando a china,
O gado mugindo na coxilha
E o minuano campeando o frio.*

Ah! Velhos pinheirais
Agora fico ali
A olhar a estrada
O chão que o asfalto cobriu,
A árvore que o progresso tombou,
O rio que a poluição matou.
E deixou correr uma lágrima triste e cansada.

E a ela, outras se juntam
Um rio se forma, um rio grande
Inundando o prado da saudade
Cuja nascente é o meu próprio coração.

MINHA LAGES DOS MUITOS PINHEIROS

(MARIA WALTAIR CARVALHO)

Meu Sonho:

Navegar
transpor o oceano
chegar
encontrar
matar saudades
abraçar amizades
voltar ao ninho:
passarinhos.

Escutar o hino

o sino da Catedral

Sentir

o cheiro da terra
do pinheiro
o sabor do feijão
do pinhão

O calor do lageano
da tradição

*das rodas de chimarrão
o aconchego do frio
no fogo de chão
Rever a terra
onde nasci
cresci
vivi
lá tive flores
frutos
espinhos.*

*Deixei sementes de amor.
Será que estou ausente?
Minha terra é tão presente
Que quase me sinto lá.*

SOCORRO PINHÃO

(PAULO ROBERTO RITTER JÚNIOR)

*O nosso velho e gostoso pinhão que os homens estão
acabando sem perdão.
Oh pinhão onde tu estás!
Eu estou a te procurar,
Será que é o desmatamento que está a te acabar?
Será que um dia tu irás te recuperar?
O pinhão está acabando, acabando em demasia.
Será que foi o tempo,
Ou foi a tecnologia?
Estas são perguntas, que eu faço ao meu coração e ao
nosso grande povão
Mas eu sei que o pinhão sempre estará na nossa tradição.
Peões e prendas
Venham participar*

*Do reencontro da tradição
Onde está a nossa festa do pinhão?*

*Nesta festa do pinhão
Tem chote e vaneirão
Para que o peão saia dançando pelos quatro cantos do salão;
Temos também muitos pratos típicos da região,
Que nos fazem lembrar a nossa velha tradição.*

*Mas falando em festa do pinhão
Aqui vou deixar um recado
Para que este seja bem lembrado por este imenso povão.
Peões que moram aqui ou em outros estados prestem bem atenção
Cuidado com esta grande devastação.*

TRADIÇÃO SERRANA

(CATHARINA MARIA AMPEZA COSER)

*Lages dos verdes campos,
cheia de encantos mil
terra amada e de muitas lutas
um pedacinho do meu Brasil.*

*Nós teus filhos, muito lutamos
para defender o teu chão
hoje, livre, ó terra bendita,
para continuar a tradição.*

O DIA 22 DE AGOSTO DE 1846

ROSÂNIA TOMAZ(*)

O dia 22 de agosto de 1846 foi a data que confirmou o SESQUICENTENÁRIO da palavra Anglo-saxônica FOLK-LORE (povo e saber), na conceituação de ciência do povo, no conceito da sabedoria popular, que foi aportuguesado no Brasil para “Folclore”.

Na concepção do antropólogo Willian John Thomas, autor da sugestão da palavra FLOK-LORE, apenas as coisas relacionadas com as antigüidades deveriam ser incluídas nesta conceituação. Entretanto tal conceituação foi ampliada no Brasil, pela riqueza da diversificação existente na cultura popular. Por isso na elaboração da CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO ocorrida no primeiro Congresso Nacional de Folclore, realizado no RJ em 1951, acrescentou-se manifestações culturais provindas das diversas regiões brasileiras, de certa maneira sendo reproduzida por diferentes grupos sociais, reproduzindo aspectos da identidade regional e nacional.

A riqueza da literatura oral popular, das parlendas, dos jogos e brincadeiras infantis coloca o Brasil entre os países de cultura popular mais diversificada, quando em comparação com outros países e regiões. Exemplo de nossa tese, podemos citar o Estado de Santa Catarina, que foi formado por diferentes correntes étnicas, revelando aspectos culturais multivariados, promovendo diferenças e aproximação cultural entre as etnias formadoras de nosso mosaico.

O Estado catarinense, dado a sua formação étnica, desenvolveu o folclore mais diversificado no Brasil, isto afirmamos, pois revela costumes variados dentro da cultura popular.

A assimilação da cultura popular negra, com os ticumbis ou cacumbis, a dança do Pau-de-Fita de origem lusa-hispânica e teuta, a riqueza do Pão Por Deus, de origem açoriana, os grupos e associa-

(*) Da Fundação Franklin Cascaes

ções étnicas: Portuguesa, Negra, Italiana, Alemã e Polonesa, revelam o contingente de imigrantes que migraram, trazendo e transportando contidamente a cultura popular.

Podemos ainda apresentar o Terno de Reis, Festa e Bandeira do Divino, as danças da Chimarrita, Pezinho, Rema, Majericão, Tirana, Ratoeira e outras, o folguedo do Boi-de-Mamão, um "auto" expressivo, cujos nomes diversos registramos: Boi-de-Pano e Boi-de-Pau. As danças do Pau-de-Fita que também se apresenta como Círculo de Flores, Arco de Flores e Jardineira, destacando-se os trançamentos da feiticeira e rede de pescador.

Os imigrantes alemães nos legaram uma rica cultura popular, destacando-se Blumenau com suas primeiras Associações culturais, fundadas em 1893. O grupo Folclore Teutônica é um exemplo de nossa afirmativa, que reproduz secularmente alegres movimentos coreográficos relacionados ao modo de vida. Representando teatralmente fatos históricos, políticos e sociais da Alemanha em 1880. (Bol. CCF, 45/56 - 1994).

No município de Pomerode, cujo legado cultural supera as demais regiões, pois apresenta elevado contingente alemão, podemos afirmar a expressividade do Grupo Folclore Alpino Germânico, fundado em 1968 com o objetivo de valorizar e difundir a cultura popular alemã. Esta expressão é revelada através da musicalidade, alegremente interpretada pelas danças oriundas da Bavária e do Tirol. No movimento da coreografia podemos apreciar sapateados e cenários da vida cotidiana dos teutos.

Outro município colonizado pelos povos germânicos é São Bento do Sul. Aqui destacamos o Grupo Folclore Bohmerwald, fundado em 1977, visando fomentar a pesquisa dos costumes de seus antepassados, através de resgate historiográfico. Obtém subsídios para compor suas danças relacionadas a valsado, alegremente coreografadas com originalidade e esmero no figurino, mostrando cores vibrantes, bordados e chapéus com flores e fitas, costumes remanescentes de uma cultura que privilegia os enfeites, pois Bohmerwald é uma região que pertence à Áustria. Consideramos que o grupo enaltece a cultura Teuto-Austro-Brasileira.

A Cultura Polonesa em SC é difundida através do Grupo Folclórico ORZEL BIALY, situado no município de Criciúma, formado desde 1975, visando relembrar canções populares que são coreografadas

em danças tradicionais da cidade de Lublin, de *suita* e *Lubels*, retratando o Báltico-Suitatakazubska, além de cantos folclóricos das regiões de *Slask* e *Trojak*.

A cultura Austríaca é difundida através do Grupo Folclórico *Schumplattler*, situado no município de Treze Tílias. Coreografando alegres danças interpretando músicas tradicionais da região de Tirol. A música é executada sempre pela cítara (instrumento musical da Europa Central), seus movimentos coreográficos teatralizam um rápido sapateado, o figurino e adereços leva-nos à velha Áustria de cores vibrantes, rendas e veludos urbanos, algodão em xadrez e riscadinho do mundo rural.

A Cultura Popular Italiana tem sido manifestada no Estado Catarinense, através do Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro, fundado em 1976, no município de Nova Veneza, litoral sul de SC. O grupo é empenhado no resgate, valorização e difusão dos costumes de seus antepassados. Para isso teatralizam uma releitura da vida na Itália: *Viagem a Santa Lúcia* e *Dal'Itália noi Siamo Partiti*, manifestação artística manifestada através da coreografia “*Sarda Regineta Campanhola*”, “*Tarantela*” e “*Integração*”. Cabe salientar o compromisso deste grupo pela pesquisa, comprovado no profissionalismo de suas danças.

No município de Curitiba, destacamos dois grupos folclóricos que evidenciam os aspectos culturais e históricos da região. Primeiramente o Grupo Folclórico de Danças do Contestado, cujo objetivo é o resgate dos aspectos históricos vivenciados durante a Revolução do contestado. Na dramaturgia, mostram o monge como um homem místico que tinha grandes poderes, inclusive na crença popular havia um certo fanatismo que o mostravam enquanto figura santa e carismática, reunindo discípulos e missionários que, posteriormente, seriam transformados em jagunços. Nesta releitura é mostrado a mística das virgens. No cenário vemos homens caracterizados de guerreiros, com botas, coletes, blusas ornamentadas com uma faixa do ombro à cintura, portando um facão. As moças que representam as virgens são apresentadas de vestidos longos brancos, executam o sapateado como fundo musical.

Também em Curitiba há a presença da cultura japonesa, manifestada através do Grupo Folclórico da Associação Esportiva de Curitiba. Com o objetivo de registrar a presença desta etnia na for-

mação do Estado Catarinense, o grupo resgata danças orientais que retratam o mundo rural do Japão, tematizando o folclore oriental através da coreografia "Hana Gassa Ondo", originária de Yamagata, que significa mentalização de uma grande fartura de arroz, mostrado através de dois grupos de personagens femininos que interpretam as músicas Kuwait - Otor - Bussh, significando uma forma de acumular energia positiva para depois socializar com as pessoas que estão na roda.

Em Araquari observamos contingentes de negros, que revelam a cultura afro-brasileira em sua plenitude. Destacamos o Grupo Folclórico do Distrito de Itapocu-Cacumbi, fundado em 1920 pelo ex-escravo Antônio Bengala, havendo por parte dos membros, grande preocupação com o resgate, valorização e difusão da corrente afro na formação do município.

Vale registrar que as danças de Cacumbi ou Ticumbi é uma das manifestações mais expressivas da cultura popular negra, simbolizando uma guerra entre duas nações africanas, ou seja, entre os Reis do Congo e o Rei do Bamba. No passado era revestido de uma cerimônia completa do coração do Rei e da Rainha, acompanhada de sua corte.

Aproveitando para registrar que na Capital de SC, Florianópolis, há um grupo de Cacumbi do Capitão Francisco José Amaro (Bola. 44/45 p.11), os familiares mantêm o grupo ativo para apresentação quando solicitado, inclusive receberam apoio financeiro do órgão municipal de Cultura, Fundação Franklin Cascaes, que faz contatos com os coordenadores do grupo.

Em São Francisco do Sul, situado no litoral norte de SC, temos o grupo Folclórico Dança do Vilão. Sua expressiva coreografia e enendada com atores que usam um bastão simulando uma luta, com movimentos de ataque e defesa acompanhados de uma dança de sete atos: toque do tam-tam, troca-lugar, cerradinho, pernas sobre bastão, bastão sobre a cabeça, saindo com uma roda. Os movimentos são enriquecidos pelos compassos do ritmo afro.

Este município tem-se destacado nacionalmente com o Museu do Mar, que visa reunir, organizar e difundir aspectos relacionados com a produção do litoral de SC. Periodicamente recebemos comunicações da professora Sônia Maria Copp, integrante da Comissão Catarinense do Folclore.

Em Canoinhas registramos o Grupo Folclórico Ucraniano Blavat, que preserva e difunde a cultura popular ucraniana, através de uma dança. No cenário figurino ucraniano, atores que retratam e reverenciam seis heróis, oferecendo uma flor originária denominada Blavat.

CONCLUSÃO

Como vimos, Santa Catarina é um mosaico de etnias, revelado na graciosidade do resgate e difusão da cultura popular de cada região.

Aqui firma-se a tese do prof. Doralécio Soares, na qual classifica o Estado Catarinense como o folclore mais diversificado do Brasil.

As danças e os folguedos foram apenas uma ilustração, pois não relacionamos o imaginário na sua estrutura, não mencionamos a filologia das linguagens populares, merecedoras de uma pesquisa profunda, para registrar o aspecto lingüístico dos municípios serranos, os dialetos que misturados entre as etnias confundem-se, ou seja, o falar do campeiro, o falar do ilhéu. Também não ilustramos o texto com a culinária típica regional alemã, italiana, polonesa, serrana, do litoral, a cabocla e a nativa.

Considero uma diversidade cultural notável.

NOTA: Para o ano de 1999, está programado o lançamento de “CULINÁRIA REGIONAL DE SANTA CATARINA, de autoria do Prof. Doralécio Soares. Convém aguardar...

Neste Boletim chamamos a atenção para o trabalho do Prof. Theobaldo Costa Jamundá... do FOLK TEUTO-BRASILEIRO.

22/08 - Dia Nacional do Folclore

PROGRAMAÇÃO OFICIAL FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES

22/08/97 (sexta-feira)

- GINÁSIO DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO - IEE
 - Exibição do Curta 'CATHARINA, UMA ÓPERA DA ILHA'
 - Cerimônia de Abertura
 - Hino nacional interpretado pela cantora lírica Elizabete Bernado e a tecladista Josiane de Souza
 - Pronunciamento da Prefeita Angela Amin
 - Pronunciamento da Superintendente da Fundação
 - Apresentação Artístico-Cultural
 - Grupo da Terceira Idade da UFSC
 - Grupo Alpino Germânico de Pomerode/SC
 - Grupo Artístico Juazeiro da Paraíba

23/08/97 (Sábado)

- LARGO DA CATEDRAL
CONCENTRAÇÃO DOS GRUPOS

10:00h - APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA-CULTURAL

- Grupo SHUPPLATTER - Treze Tílias/SC
- Grupo RANCHO CAMPONENSES DE PORTUGAL - Rio/RJ
- Grupo ÍTALO-BRASILEIRO - Nova Veneza/SC
- Grupo ARTÍSTICO JUAZEIRO - Juazeiro/PB
- DEBATES - AUDITÓRIO DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO:
 - CULTURA POPULAR & FOLCLORE:
Museólogo GELCY COELHO - UFSC
Prof.^a GUACIRA WALDECK FUNART
Prof. NEREU DO VALE PEREIRA - CCF
Prof.^a LÉLIA P. S. NUNES - FFC

Prof.^a MIRIAN SCHLICKMANN PMF/Sec. Educação
DORALÉCIO SOARES - CCF

- FINANCIAMENTO DE PROJETOS CULTURAIS
ATRAVÉS DO FUNDO NACIONAL DE CULTURA

Prof. Flávio Vinícius Macedo - MINC

16:00h - APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS

● BEIRA-MAR SHOPPING

- Grupo DELUNEES - Herval do Oeste/SC
- CASA DOS AÇORES - São Paulo/SC
- Grupo BARBICACHO COLORADO - Lages/SC
- Grupo ALMA LUSA - Curitiba/PR

24/08/79 (Domingo)

● PONTA DO SAMBAQUI

- Grupo DTG Estância Província de São Pedro - Gravataí/RS
- Grupo PONTA DA PEDRA - Laguna/SC
- Grupo UNIDOS DA PACIÊNCIA - Itajaí/SC
- Grupo de São Francisco do Sul - SC
- Grupo Parafolclor ASA BRANCA - Belém/PA

● BEIRA-MAR NORTE (FEIRANTE)

- Grupo RANCHO CAMPONESES DE PORTUGAL - Rio/RJ
- Grupo VESNÁ - Mafra/SC
- Grupo Parafolclórico ASA BRANCA - Belém/PA
- Grupo Representante de Blumenau - SC
- Grupo ALMA LUSA - Curitiba/PR
- Grupo NANTE ARRUDA - Fpolis/SC
- Grupo ANCIÕES DA ALEGRIA - Fpolis/SC
- Grupo CASA DOS AÇORES - São Paulo

● JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Clube dos Oficiais da Polícia Militar de SC

Apresentação Artística

“PURA ESSÊNCIA”

Apresentadora Oficial do Evento: Atriz SOLANGE ADÃO

A FOLHA DIVULGA FOLCLORE

Reunindo texto de Cássia Frade, Roberto Benjamins e Vicente Salles, sobre conceituação de folclore e diversas manifestações populares, a Folha de São Paulo editou um tablóide fartamente ilustrado, com tiragem de 50.000 exemplares, dedicado ao 4.º Encontro com Folclore/Cultural Popular, que foi amplamente distribuído.

VISITA À UNICAMP

A Assessoria do 4.º Encontro promoveu uma visita aos seguintes setores: Arquivo Edgar Leuronth de Estudos da Linguagem, Instituto de Artes, Biblioteca Central e Campus da Universidade.

FEIRA DE ARTESANATO

Realizada nos dias 31 de agosto e 1.º de setembro, a Feira de Artesanato abrangeu: Arte Caiçara, do Litoral Paulista e violas de Iguape (SP); Fiandeiras (40 artesãos) de Goiânia (GO); Figueiras de Taubaté (SP) e Papeleiras de Iguape (SP).

GRANDE FESTA

* Grupos de projeção folclórica, de Campinas:

Escola de Cadetes;

Saia rodada e Urucungos;

Puítas e Quijengues.

* Grupos folclóricos do Estado de São Paulo:

Batuque (Tietê);

Caiapó (São José do Rio Pardo);

Congadas (Atibóia);

Fandango de Chilenas (Capela do Alto);

Fandango de Tamancos (Ribeirão Grande);
Folia de Reis (Campinas);
Folia do Divino (Tietê).

* De outros Estados:

Boi-de-Mamão (Florianópolis/SC);
Congo, Moçambique e Folia de Reis (Contagem/MG) e
Reis de Bois (Vitória/ES)

* Cortejos:

Cavaleiros e Carreiros;
Encontro das Canoas do Divino e
Procissão de São Benedito, em carro de bois.

* Outros Ritos:

Levantamento dos mastros votivos de São Benedito de
N. Sr.^a do Rosário e do Divino;
Matina;
Missa Conga.

PARTICIPANTES DO 2.º SEMINÁRIO DE AÇÕES INTEGRADAS

a) Comissões de folclore:

BAHIA

- Maria del Rosário Suárez de Albán - Representante.

ESPÍRITO SANTO

- Fernando Pignaton - Representante.

GOIÁS

- Maria Augusta Calado - Representante.

MINAS GERAIS

- Frei Francisco Van der Poel - Representante e Domingos Diniz.

PARÁ

- Maria Brígido - Presidente e Vera Nazaré Cardoso Souza.

PARAÍBA

- Altimir Pimentel - Presidente.

PERNAMBUCO

- Roberto Benjamim - Presidente.

RIO DE JANEIRO

- Comissão Nacional de Folclore.

RIO GRANDE DO NORTE

- Ulisses Passarela - Representante.

RIO GRANDE DO SUL

- Liliâne Argentina Braga Marques - Presidente e

Rose Mariel Reis Garcia.

SÃO PAULO

- Esther Karwinsky - Presidente e Isaura Correia da Silva.

SERGIPE

- Aglaé Fontes de Alencar - Representante.

b) Outras instituições

UNICAMP

- Regina Müller - Diretora do Instituto de Artes

- José Avelino Bezerra - Coordenador do 4.º Encontro e

- Angélica Pfister - Assessora de Eventos.

Coordenação de Folclore e cultura popular

- Maria Filomena Vilela Chiaredia

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

- Marley Sigrist.

Federação dos Reisados do Rio de Janeiro

- Afonso Maria Furtado.

c) Encaminharam informações as seguintes Comissões:

ALAGOAS - José Maria Tentório Rocha - Presidente.

AMAZONAS - Maria Monteiro - Presidente.

CEARÁ - Zélia Sá Viana Camurça - Presidente.

PARANÁ - Roselys Vellozo Roderjan - Presidente.

SANTA CATARINA - Doralécio Soares - Presidente.

OS CUMBIS

Levantamento bibliográfico

ULISSES PASSARELLI(*)

Os nomes cacumbis e tucumbi, referem-se a folguedos brasileiros praticados em geral por negros, como parte do rico folclore afro-brasileiro. São pouco estudados ainda.

Tem surgido boa confusão destes nomes e entre outros folguedos congêneres, notadamente os congos. Em parte, este quadro é resultado dos poucos estudos; outro tanto é fruto da pequena divulgação das pesquisas existentes, que por sua vez, são quase todas de caráter local, sem maiores preocupações de integrar estudos regionais. Também a própria semelhança de nome dos folguedos tem gerado equívocos, pondo em sinonímia o que não poderia estar.

NEVES (1976) levantou a questão de diferenciação:

“O Ticumbi ou Baile dos Congos é dança dramática que se não confunde com o Cacumbi do Rio de Janeiro (Melo Moraes Filho, Festa e tradições populares do Brasil), nem com o Cacumbi baiano (Manoel Querino, A Bahia de Outrora), nem com os Congos na versão norte-rio-grandense recolhida do Ceará (Gustavo Barroso, ao som da viola). Também não com as Congadas do município de Osório, no Rio Grande do Sul (Dante de Laytano), ou os Congos da Paraíba (José Simeão Leal, Congos, In Pensamento da América), nem também com as antigas Congadas cariocas (Luís Edmundo, Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis).”

FONSECA (1979) preocupou-se com a etimologia:

“Cacumbi, Catumbi, Ticumbi. Que significa etimologicamente? De onde vêm os termos? Serão palavras compostas? CUMBI mais o CA, CU e TI antecedendo? As primeiras sílabas significarão variantes do folguedo?”

(*) 1º Secretário da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore.

A única tradução para CUMBI que encontramos foi “sol”, dada por RIBEIRO (1984), como corrente entre os dançadores de jogo de São Paulo. Curiosamente, Costa (1974), registrou entre a versalhada do Congo do Tejucopapo (Goiana/PE), estes versos, falando em sol e cumbi:

*“Quem duvida o sol que nasce,
com suas luzes tão belas,
que fazem o claro dia?
Ai, ai, ti cumbi
Quem dança o reale,
O reale pra mim?”*

Sobre CUMCUBI, MORAES FILHO, sugeriu a possibilidade do termo derivar de “cucumbé”, que era a refeição que os congos e munhambanas usavam nos dias de circuncisão de seus filhos. O autor também grafou o nome do folguedo como bucumbi, nos dizeres de CASCUDO. Também houve o termo quicumbe, anotada por Guilherme de Melo⁽¹⁾, também segundo CASCUDO.

Entre os cantos de taineiras coletados por ROMERO (1954), há estes versos sugestivos:

*“Meu São Benedito,
venho lhe pedir
pelo amor de Deus
pra tocar cacumbi.”*

Anotou que cacumbi era instrumento musical africano. Posteriormente, Luciano Gallet⁽²⁾ incluiu-o em seus estudos como instrumento de procedência africana adotado no Brasil. É informação do CASCUDO.

O processo do instrumento designar a dança que o adota é tradicional. São exemplos: zambê, caxambu, carimbó e jeguedé.

O tema central dos Cacumbis era a morte e ressurreição de um

(1) Guilherme de Melo, A Música no Brasil, Rio de Janeiro, 1947, p. 51-52.

(2) Luciano Gallet, Estudos de Folclore, Rio de Janeiro, 1934, p.59.

príncipe, dito “Mamêto”, filho da rainha. Enquanto dançava entre os de sua grei, repentinamente surgia uma tribo inimiga, armada de arcos e flechas, que atacava, e um caboclo feria mortalmente o Memêto. Grande tristeza dominava então. O “Quimboto” (feiticeiro) era chamado para reviver o príncipe. Fazia feitiçaria e o Mamêto ressuscitava. Os caboclos lutavam com os negros. Estes venciam e manifestavam muita alegria, e retiravam-se com cantos próprios.

Os cacumbis existiram na Bahia, registrados desde 1760, por Guilherme de Melo (op. cit. ct. n.1) e estudados por Manuel Querino⁽³⁾; e no Rio de Janeiro, estudados por MORAES FILHO, que afirmou:

“No Rio de Janeiro também os houve até 1830, servindo apenas, que nos conste, para incorporar-se ao préstito fúnebre dos filhos dos reis africanos aqui falecidos”(etc.)

Mais tarde, porém, incorporaram-se ao carnaval carioca, constituindo sociedades carnavalescas. Ainda existiam em 1888. Segundo ENEIDA (1958):

“Nesse ano de 88 desfilou a “Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cacumbis”, o primeiro cordão organizado na cidade. Eram negros fantasiados de índios, tocando instrumentos primitivos. No centro levavam uma rainha com um grande manto, segurado por dois mascarados, “dois figurões”, políticos possivelmente. Negros fantasiados de índio executando música e danças de africanos.”

Há óbvios lapsos nestas observações.

Salvo engano, os cacumbis parecem estar extintos.

Seria “ti cumbi” do canto de congo pernambucano a forma donde saiu TICUMBI? Para NEVES (1976), talvez ticumbi fosse alteração do termo cacumbi, através do intermediário quicumbi. O autor anotou outrossim, os sinônimos tiquimbi e baile de congos. AGUIAR (1995-6) diz que a designação ticumbi foi adotada posteriormente a baile de congos. O autor fez excelentes estudos dessa manifestação⁽⁴⁾.

(3) Manuel Querino, *Costumes Africanos no Brasil*, Rio de Janeiro, 1938, p.266.

(4) Cf. Também o n.º 22 da série sobre o Mestre de ticumbi, Tertolino Balbino, de autoria de Maciel de Aguiar.

O ticumbi é muito peculiar e inconfundível. A parte final do folguedo é chamada “ticumbi” e por extensão denominado todo o baile, que é restrito ao Espírito Santo, Vale do Cricaré: São Mateus, Conceição da Barra, Itaúnas, Bom Gado.

Seu tema gira em torno da festa de São Benedito, que dois reis negros querem fazer separadamente e com exclusividade, Rei Congo e Rei Bamba. Desafiam-se com vigor, por meio de seus Secretários, que fazem o papel de embaixadores. Trocam embaixadas com belicosidade. Terminam por lutar. Rei Congo vence. Rei Bamba e seus soldados são batizados, de joelhos, diante do outro Rei e da imagem de São Benedito. Terminam com uma confraternização, celebrando juntos o benedito tão querido e santo.

O ticumbi é uma formidável expressão de fé em São Benedito. Um exemplo é dado por estes expressivos versos que colhemos do grupo do Bom Gado:

*Guias: “- Ai, glorioso Benedito,
Ai, que dôô gême é quem sente as dôo! (dores)
Coro: - Tem tantos devotos sofrendo
Pr’uquê não sôbe dá valô...” BIS*

AGUIAR (1995-6), lembra que os negros daquela região capixaba, são descendentes dos escravos bantos de Angola em sua maioria, de Cabina e Benguela, que chegavam via Bahia. O autor informa⁽⁵⁾:

“O primeiro Baile de que se tem notícia surgiu com a figura lendária de Silvestre Nagô, que, para reverenciar são Benedito e “levar diversão” para os negros do Quilombo de Nossa Senhora de Sant’ana, introduziu a “brincadeira” nas ocasiões festivas”. (Obs.: baile de congos, ticumbi).

O CACUMBI tem a curiosidade de existir em duas áreas geográficas totalmente disjuntas: uma no Nordeste (Sergipe e Bahia) e

(5) Do mesmo autor, conferir o caderno n.º 8 da série História dos Vencidos “Silvestre Nagô: fraque, cartola e pés descalços”.

outra no Sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul). As formas nordestinas são muito pouco conhecidas na literatura sobre folclore⁽⁶⁾.

A distribuição do folguedo em Sergipe parece ter abrangido os municípios de Aracaju, Divina Pastora, Japarutuba, Lagarto, Laranjeiras, Maruim, Riachuelo e Simão Dias, segundo a relação de RABAÇAL (1976).

Dantas (1976), informa que em Laranjeiras aparece no dia 6 de janeiro, juntamente com a chegança, dança de São Gonçalo e taineiras, para homenagear a São Benedito. Diz ser um cortejo com marchas de rua e cantos laudatórios de igreja, também visita casas.

Da Bahia há poucos informes. VIANNA (1981), citou-o:

“27 de dezembro. São Benedito. Festa tradicional com apresentação de cacumbis. Antecedido por Esmolas de São Benedito, há missa e procissão que sai da igreja do Rosário dos Pretos. Porto Seguro”.

Além de Porto Seguro, foi citado na cidade de Barra, um folguedo com o nome de cacumbi, mas que possivelmente é na verdade um cacumbi. Aceitação de PAIVA & CAMPOS (1995) diz:

“Os brincastes do cacumbi - folguedo para homens - na Barra do Rio Grande (Bahia) lembra ainda Nelson Araújo⁽⁷⁾, identificam o anjo Gabriel como caçador:

*Quem matou meu passarinho
foi um grande atirador BIS
foi o anjo Gabriel
que o rosário mandou. BIS”*

Parece que no Nordeste também ocorre o sinônimo cacumbi.

No Sul os estudos avançaram mais. É muito comum o sinônimo de cacumbi, QUICUMBI. Por curiosidade informamos que em São João del Rei/MG, onde nunca houve nenhuma destas formas de

(6) Sobre o cacumbi em Sergipe, ver: José Calasans, Cantigas de cacumbis e taineiras de Sergipe. In: Revista de Aracaju, n.º 4, Aracaju, 1951.

(7) NELSON DE Araújo, Pequenos Mundos: um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: Universidade da Bahia, 1938. V. 1.360 p.

“cumbis” que sabemos, o cemitério municipal é chamado, ainda hoje, popularmente de quicumbi. Dizem: “fulano foi enterrado no Quicumbi”⁽⁸⁾.

O levantamento de RABAÇAL (1976), indica as cidades catarinenses de Biguaçu, Tubarão e Araquari como sede destes grupos.

O cacumbi de Biguaçu situa-se no distrito de Cachoeiras e foi estudado por PIAZZA (1953-4). O de araquari fica no distrito de Itapocu. Vem citado, acompanhado de informações e fotos, nos números 35-36-45-46 e 47 do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

O grupo mais famoso do Estado de Santa Catarina é o do Capitão Francisco Amaro, sediado em Florianópolis, próximo à Caixa d'água do Estreito. Foi estudado por SOARES (1980 e 1993-4).

SOARES (1993-4), registra o cacumbi também no município de Penha.

MARTINS (1995), estudou-o em Imbituba, também em Santa Catarina. Nesse Estado, além de quicumbi, ocorrem os sinônimos cacumbi e cacumbinho.

O cacumbi catarinense conta cantos de chegada, louvores religiosos e cantos soltos, além de uma parte de guerra. A guerra do cacumbi, não se confunde com a dos cacumbis, nem com a dos ticumbis e tão pouco, com as dos congos (congadas). Pela bibliografia citada, vê-se que não se trata de lutas entre nações negras ou reis. O tema é a revolta dos soldados contra o capitão do dinheiro da ração (alimento).

A pesquisa, Sr.^a Lilian Argentina Braga Marques, Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore, em informação pessoal de 31/081996, listou-nos lugares que conheceram a tradição do Sul (cacumbi desativado), Tavares, Texeiras (Mostardas) e Rincão (Mostardas).

Além destes lugares do Rio Grande do Sul, há notícias⁽⁹⁾, segun-

(8) Conferir: Ulisses Passarelli, Apontamentos sobre português crioulo. In: Carranca. Belo Horizonte. Comissão Mineira de Folclore. n.º 26, out. 1997.

(9) Informações de: O Folclore do Rio Grande do Sul. Comunicado do Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, Revista do Ensino, Porto Alegre, jan. 1958, p. 30.

do CASCUDO, que o cacumbi existiu mesmo neste Estado, em Maquini (Osório), Rincão dos Panta (Rio Pardo) e Bojuru (São José do Norte).

Em Osório foi estudado por MEYER (1975) e LAYTANO (1945). Antônio Stenzel Filho também estudou as “congadas” de Osório⁽¹⁰⁾, nome que abrange o cacumbi e o moçambique neste município gaúcho.

CORRÊA realizou um importante estudo do grupo de Rio Pardo⁽¹¹⁾. Relacionou os personagens: embaixadores, rei, rainha, vara de dançantes, juiz, juízas de vara, marinheiros ou soldados, um ou mais capitães e coronéis. Há cenas de lutas de espadas ou bastões e embaiadas entre os adversários. Homenageia S. Benedito e a Senhora do Rosário.

Em Bojuru o cacumbi é chamado “ensaio”, informa CASCUDO. Decerto é a forma encurtada de “ensaio de promessa de quicumbi”, relatado de Mostardas por MARQUES & CAMPOS (1996). Importantes transcrições musicais de Rose Marie Reis Garcia. As autoras informam a profunda ligação do chamado “Ensaio de Quicumbi” ou simplesmente “Ensaio” com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de que existem três no município. O folguedo só ocorre quando alguém faz uma promessa à Senhora do Rosário, sendo a forma de pagamento o quicumbi.

Em Mostardas havia parte dramática: um espia tentava entrar na roda de dançantes, mas era impedido.

(...) “Formava-se um diálogo entre o rei e o secretário do Estado”. Aquele ordenava a prisão do espia. O secretário retrucava ser impossível, porque o espia era endemoniado: tinha rabo de serrote, comia carne de cobra e olho de sapo. O rei pedia que tirasse, ao menos um pedaço da orelha do espia. A seguir, este era preso e entregue ao rei.

(10) Conferir em MEYER (1975), verbete “Contadas”, p. 87-8.

(11) Conferir também: Carlos Galeão Krebs, O Quicumbi de Rio Prado. Diário de Notícias, Porto Alegre, 20 de junho de 1954.

As autoras falam em espadas e elementos de combate, que já não se verifica.

CONCLUSÕES

- o CUCUMBI (= bucumbi; = quicumbe), o CACUMBI (= calumbi; = catumbi; = cumbinho; = quicumbe; = ensaio (de promessa) e o TICUMBI (= tiquimbi; = baile de congo, são três folguedos DIFERENTES e não devem ser confundidos;

- o cacumbi, equivocadamente aproximado dos congos (= congadas), é um folgado **DISTINTO**;

- o ticumbi **NÃO** se confunde com o cacumbi;

- o ticumbi pode ser considerado congênere dos congos, aos quais **ASSEMELHA-SE**, muito mais, que aos cacumbis; porém, tem **identidade própria e não deve** ser considerado sinônimo de Congo;

- cacumbi, cucumbi e ticumbi são folguedos **FILIÁVEIS** ao Ciclo do Rosário e dos Reis Negros;

- é necessário mais estudos sobre estes três folguedos com a máxima **URGÊNCIA**, dado o **desconhecimento** que ainda vigora e a rápida **desorganização** que os grupos vêm sofrendo.

(11 de abril de 1998)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Marciel de. José Antônio Jorge: o Rei de Congo do Ticumbi. São Mateus: Brasil-Cultura/Centro Cultural Porto de São Mateus, 1995. História dos Vencidos, n.º 15. 31 p.

Chico d'Anta da Viola: o violeiro cativo de São Benedito. Id. n.º 17. 31 p.

Cuxi e Acendido: os Secretários dos Reis. Ib. 1996. n.º 21. 39 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d. 930 p. Verbetes: Cacumbi.

CORRÊA, Norton F. O quicumbe de Rio Pardo. Correio do Povo, Porto Alegre.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folclore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. 2. Ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974. 636. p. 275-281.

DANTAS, Beatriz Gois. Notas prévias sobre rituais folclóricos numa festa de igreja.

- Revista Sergipana de Folclore, Aracaju, n.º 1, p. 6-7. 1976. Comissão Sergipana de Folclore.
- ENEIDA. História do carnaval carioca. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1958. 315 p. p.97.
- FONSECA, Hermógenes Lima. Ticumbi e cacumbis. In: Folclore, Vitória: Comissão Espírito-Santense de Folclore, n.º 92, p.16-17, agosto 1979.
- LAYTANO, Dante de. As congadas no município de Osório. Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Música, 1945. 112 p.
- MARQUES, Lilian Argentina Braga, CAMPOS, Sônia Siqueira. Ensaio de Promessa de Quicumbi: Mostardas. In: Boletim de Leitura, São Paulo: Associação Brasileira de Folclore/Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima, n.º 16, p.1-4 + anexos, jun. 1996.
- MARTINS, Almir Cacumbinho de Imbituba. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, n.º 47, p.37-40, 1995.
- MEYER, Augusto. Guia do Folclore Gaúcho. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença/SEC/MEC, 1975. Verbete: Contadas.
- MORAIS FILHO, Alexandre José de Melo. Festas e tradições populares do Brasil. 3. ed. Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Editouro, s.d. 562 p. p. 191-202.
- NEVES, Guilherme Santos. Ticumbi. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE/INF, 1980. Cadernos de Folclore, n.º 12. 21 p.
- PAIVA, Melquíades Pinto, CAMPOS, Eduardo. Fauna do Nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1995. 274 p. p. 239.
- PIAZZA, Walter F. O quicumbi. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, n.º 17-19, p. 17-36, dez. 1953 - jun. 1954.
- RABAÇAL. Alfredo João. As congadas no Brasil. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Conselho Estadual de Cultura, 1976. 294 p.
- RIBEIRO, Maria de Lurdes Borges. O Congo. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE/INF, 1984. Cadernos de Folclore, n.º 34-73 p.
- ROMERO, Sílvio. Cantos populares do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954, v. 1.
- SOARES, DORALÉCIO. Folclore brasileiro: Santa Catarina. Rio de Janeiro: MEC/FUNART/Secretaria de Assuntos Culturais, 1980. 77 p. p. 34-36.
- Cacumbi: dança afro-brasileira no folclore catarinense. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, n.º 45-6, p. 11-17, 1995-6.
- VIANNA, Hildegardes. Folclore brasileiro: Bahia, Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE/Sec. de Assuntos Culturais, 1981. 87 p. p. 66.
- BOLETINS da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, n.º 35-6, p.55, 1983; n.º 45-6, p. 75, 1993-4; n.º 47, p. 52, 1995.

TRUCO

A própria origem do nome é controvertida. Até os dicionários citam turco e truque.

Talvez o verdadeiro nome do jogo fosse truque, mas o principal ato do jogo, o trucar, terminou dando origem ao nome truco, hoje incorporado ao vernáculo.

Como o nome já diz, o truco é um jogo de artimanhas, subterfúgios e simulações, muito mais do que o pôquer.

Regras do Truco

Do truco participam quatro jogadores, divididos em duas duplas.

Este jogo distingue-se da maioria dos jogos de cartas por admitir a utilização de sinais entre parceiros.

Esse tipo de entendimento é considerado como uma condição indispensável para vencer a dupla adversária.

Por isso, é muito comum a formação de duplas “permanentes” entre os jogadores de truco.

Mas a existência de duplas “invencíveis” pode ser evitada por meio de sorteio (com dados, carta, etc.).

O método mais comum é o de separar-se quatro cartas, vermelhas e duas pretas, definindo-se as duplas com os jogadores que sortearem cartas de mesma cor.

Feito isso, os parceiros de cada dupla devem sentar-se em posições alternadas.

As cartas

O truco é jogado com um baralho comum, do qual são retirados os 8, 9 e 10 de todos os naipes.

É o chamado baralho sujo, com apenas 40 cartas, divididas em manilhas (que valem mais) e cartas simples.

As manilhas (por ordem de valor decrescente)



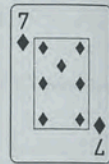
Quatro de paus
(chamado de Zape,
é a carta mais alta
do jogo)



Sete de copas



Ás de espadas
(chamada de
Espadilha)



Sete de ouros

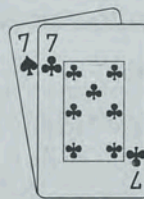
Cartas Simples (por ordem de valor decrescente)



Três - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Dois - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Sete - 2 cartas
(paus e espadas)



Seis - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Ás - 3 cartas
(paus, copas e ouros)



Rei - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Cinco - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Quatro - 3 cartas
(copas, espadas e ouros)



Valete - 4 cartas
(uma de cada naipe)



Dama - 4 cartas
(uma de cada naipe)

***Atenção:** Entre as cartas simples, os naipes têm valores iguais. O rei de paus, por exemplo, vale tanto quanto o rei de ouros. Ao contrário da maioria dos jogos de cartas, no truco o valete é superior à dama.*

O jogo

O jogo de truco consiste em uma melhor de três jogos. A melhor de três é um critério de decisão - muito comum em vários tipos de jogos e esportes - que funciona do seguinte modo: em três jogadas, é considerado vencedor o jogador (ou equipe) que conseguir duas vitórias (consecutivas ou não), ou uma vitória e dois empates.

No truco, o objetivo das duplas é ganhar a queda, isto é, uma melhor de três jogos. Um jogo só termina quando uma dupla atinge ou supera os 12 pontos, vencendo-os. Os pontos são ganhos nas mãos e cada mão é vencida por quem ganhar a melhor de 3 vazas. Em seguida, inicia-se novo jogo e nova contagem, como veremos mais adiante.

Distribuídas três cartas para cada jogador, começa a primeira vaza da mão. A vaza é uma rodada em que cada jogador, na sua vez, descarta uma carta. Aquele que realizar o descarte de maior valor vence a vaza e adquire o direito de iniciar a vaza seguinte. As cartas usadas nessa vaza são viradas para baixo antes de iniciar-se a vaza seguinte. Se a vaza empatar, o carteador continua sendo o mesmo. O jogador que ganhar a mão conquista um certo número de pontos (um, três, seis ou nove pontos), de acordo com as apostas que forem feitas. Portanto, a vaza não vale pontos, só a mão, como veremos nos itens Contagem dos Pontos e trucando e retrucando.

Atenção: Para evitar que a mão termine empatada (com 3 vazas empatadas ou 1 vaza empatada e 1 vitória de cada dupla), valem as regras:

1. *A dupla que ganhar a primeira vaza e empatar a segunda já venceu a mão. Por isso, os truqueiros costumam dizer: “Quem vai à primeira, vai à missa”.*

2. *Empatada a primeira vaza, vence a mão a dupla que ganhar a segunda vaza.*

3. *Se as três vazas terminarem empatadas, será vencedora a dupla adversária do jogador que distribuiu as cartas nessa mão.*

Contagem dos Pontos

No truco, os pontos são tradicionalmente chamados, tentos e marcados com fichas, milho, feijão, amendoim, etc. Durante a mão, o jogador lança desafios aos adversários, apostando pontos.

As apostas servem para elevar os pontos da mão em disputa. No decorrer de uma vaza, qualquer um dos jogadores pode trucar - isto é, lançar o primeiro desafio ao grito de "Truco". Isso corresponde a uma aposta de três pontos.

Desafiados, os jogadores da dupla adversária podem aceitar o desafio, recusá-lo, ou ainda, retrucar, gritando "Vale seis" e elevando então a aposta - e, portanto, o valor da mão - para seis pontos. Os pontos ganhos ao final de cada mão devem ser marcados com fichas.

O objetivo dos jogadores é valorizar a mão em disputa, cujo valor pode variar de 1 a 9 pontos, de acordo com as apostas que forem feitas:

Mão sem "Truco" (sem apostas) - 1 ponto (ou tento)

Mão com "Truco" - 3 pontos

Mão com "Vale seis" - 6 pontos

Mão com "Vale nove" - 9 pontos

A aposta - isto é, o desafio - é parte imprescindível do truco. A dupla desafiada pode simplesmente aceitar a aposta, mas tem sempre o direito de recusá-la ou de retrucar.

Se uma dupla não aceitar a aposta, a dupla adversária ganha a mão e o número de pontos em jogo antes de a aposta ter sido feita. Se ela for aceita, a mão é automaticamente valorizada (com o "Truco", por exemplo, ela passa de 1 para 3 pontos).

Resumindo, então uma partida de truco é chamada de queda. Para ganhá-la existem as seguintes fases:

A dupla que ganhar a melhor de 3 vazas ganha uma mão de "x" pontos (tantos quantos foram apostados nessa mão).

A dupla que primeiro atinge 12 pontos ganha um jogo. Finalmente, a dupla que ganha uma melhor de 3 jogos ganha a queda.

Distribuição das cartas

As cartas devem ser distribuídas no sentido anti-horário, 3 de uma vez para cada jogador. Antes da primeira mão do jogo, é sorteado um jogador para embaralhar e distribuir as cartas.

Ele é chamado pé. Na Segunda mão, ele é substituído pelo jogador imediatamente à sua direita, e assim sucessivamente. Jogador à esquerda do pé é o carteadado. O jogador à sua direita é denominado mão, isto é, o primeiro a receber e a descartar.

O pé tem a grande vantagem de ser o último a descartar, podendo assim avaliar as cartas dos demais jogadores antes da mão está decidida. Como ele pode trucar já conhecendo todas as cartas jogadas, isso lhe dá a possibilidade de “blefar” em condições muito favoráveis.

Trucando e retrucando

Após a destruição das cartas, qualquer jogador, na sua vez de jogar, tem o direito de trucar (antes de jogar sua carta). Isso é feito ao grito de “Truco”. O valor da mão sobe então de 1 para 3 pontos.

Se uma das duplas já trucou, um jogador da dupla adversária, na sua vez, pode retrucar, gritando “Vale seis”. O valor da mão passa então para 6 pontos. Da mesma forma, a primeira dupla pode revidar, lançando o grito de “Vale nove”, e elevando o valor da mão para 9 pontos.

O truco e os retruques devem ser pronunciados claramente, com gritos e gestos, para que não haja dúvidas. As apostas não podem ser feitas em vão, isto é, depois que qualquer desafio for lançado e aceito, a mão estará automaticamente valorizada, sendo impossível voltar atrás.

Ao trucar ou retrucar, o jogador destaca a carta com a qual está apostando. Se a aposta não for aceita, a dupla ganha a mão em disputa, com o valor anterior à aposta.

A carta não precisa ser mostrada, e o baralho passa para o novo pé. No entanto, se a dupla adversária aceitar a aposta, o jogador que trucou é obrigado a mostrar a carta.

A vaza será ganha pelo jogador que realizar o descarte de maior

valor. A primeira vaza da mão constitui uma exceção nessa regra. Mesmo que a aposta não seja aceita, o jogador que trucou deve mostrar a carta posteriormente.

O jogador que ganha a primeira vaza de uma mão inicia a segunda vaza. Se ele quiser, poderá descartar uma carta encoberta que, por isso, não tem valor algum. Esse tipo de jogada pode ser útil para favorecer o jogo de seu parceiro, ou para dissimular seu próprio jogo.

Embora o “truco” e os revides sejam dirigidos ao adversário ao lado direito do jogador, o desafio é feito a qualquer um dos parceiros da dupla adversária. Estes, se aceitarem a aposta, devem manifestar-se claramente dizendo: “aceito”, “topo”, “vem”, “pode matar”, “caí”, etc. A disposição de “não paga para ver” (não aceitar a aposta) deve ser expressa de forma igualmente clara: “desisto”, “caio fora”, “vou pro mato”, etc. Uma dupla desiste quando é de seu interesse perder menos pontos ou, então, quando não quer correr o risco de perder pontos que possam decidir o jogo a favor da dupla adversária.

Bater na mesa, versejar, cantar, fazer gestos e intimidações, são atitudes comuns e até mesmo estimuladas durante o truco.

Atenção: São comuns os casos, como em qualquer jogo de cartas, em o que pé, acidentalmente, distribui mais de três cartas para um jogador. Se isso acontecer com um jogador da dupla mão e cortador, na sua vez de jogar ele tem o direito de trucar. Aceito o “Truco”, o jogador mostra as cartas e ganha a mão (3 pontos). Mas se o pé perguntar: “Com quantas cartas?”, o jogo “mela”, isto é, as cartas são recolhidas para nova distribuição e essa mão é anulada. Mas, se forem distribuídas mais de três cartas para um jogador da dupla do pé, o jogo “mela” automaticamente.

Mão de dez

Quando uma dupla atinge 10 pontos, a mão seguinte é chamada de mão de dez. Nessa mão especial é proibido trucar.

Se um dos jogadores da dupla que está com menos de 10 pontos trucar, o jogo é ganho pela dupla que está com 10 pontos. Se o “Truco”

for lançado por um jogador com 10 pontos, sua dupla perde a mão e beneficia a dupla adversária com 3 pontos.

A dupla com menos de 10 pontos, ganha 3 pontos se vencer a mão. No entanto, ganha apenas 1 ponto se a dupla com 10 pontos desistir da mão depois de já ter visto suas cartas. Os parceiros da dupla com 10 pontos podem fazer consultas recíprocas, mostrando as cartas para decidirem o melhor procedimento a adotar. Quando as duas duplas têm 10 pontos, joga-se a chamada mão sem recurso, e quem vencer essa mão, ganha o jogo.

Atenção: Para vencer a queda é preciso vencer uma melhor de três jogos. Em seguida comentamos as manhas, os sinais e algumas variações que se costuma utilizar no truco. Você só deve ler esses itens depois que souber jogar o truco.

As “manhas”

Os truqueiros costumam usar várias “manhas” ao embaralhar e distribuir as cartas.

Quando o pé embaralha as cartas - o que os truqueiros chamam de preparar o maço - isso é feito maliciosamente, procurando-se olhar as cartas e montar o baralho da forma mais favorável possível. O maço deve ser preparado sobre a mesa, com as costas do baralho voltadas para o cortador, isso prejudica o cortador. Em compensação, o mão (que é o parceiro do cortador) poderá perceber as artimanhas do pé, e tentar transmitir ao cortador as melhores opções para o corte.

Preparando o maço, ele deve ser entregue ao cortador. A partir de então, esse jogador passa a mandar no baralho, pois tem o direito de:

- a) *olhar a primeira e a última carta do maço, antes de cortar;*
- b) *após devolver o baralho ao pé, mandar que a distribuição das cartas seja feita a partir de cima (mandar descer), ou a partir de baixo (mandar subir);*
- c) *recusar e substituir (queimar), durante a distribuição, até 9 cartas que ainda não foram aceitas pelos jogadores. Nesse*

caso, as 3 primeiras cartas devem ser abertas, isto é, viradas para cima, ficando as outras 6 encobertas.

O mão também pode queimar cartas, mas o número de cartas queimadas pela dupla mão e cortadas, não pode ultrapassar o máximo de 9 cartas. O mão tem o direito de entregar ao parceiro as 3 primeiras cartas distribuídas e pode tomar para si as 3 cartas seguintes. Essa dupla (mão e cortador) pode recusar as cartas que foram viradas acidentalmente, mas o pé e seu parceiro têm que aceitá-las.

Em consideração a essa vantagem da dupla, mão e cortador, o pé evitará oferecer ao cortador um maço com valores altos nas primeiras e nas últimas cartas do baralho. O pé pode recusar o corte se o cortador mexer no baralho além do que lhe é permitido.

Sinais

Os parceiros de uma dupla podem convencionar quaisquer sinais para se comunicarem durante o jogo. Na hora do corte, por exemplo, o mão procura ajudar o cortador com os seguintes sinais:

- *palma da mão para baixo = manilha embaixo;*
- *palma para cima = manilha em cima e palma na vertical manilha no meio do baralho.*

Os códigos mais simples e usados são os seguintes:

- *piscar de olhos = zarpe;*
- *franzir o nariz = sete de copas;*
- *franzir a testa = espadilha;*
- *mostrar a língua = sete de ouro;*
- *bocejar = cartas fracas.*

Variantes do truco

O truco apresenta grandes variações de região para região. Por essa razão, no I Campeonato de Truco do Estado de São Paulo, realizado em 1977, a Secretaria de Turismo, entidade organizadora, estabeleceu a seguinte padronização na contagem dos pontos:

- a) mão sem "Truco" 2 pontos
- b) com "Truco" 4 pontos
- c) com "Vale seis" 8 pontos
- d) com "Vale nove" 12 pontos

As manilhas também podem ser variáveis, sendo sua escolha feita por sorteio antes de cada distribuição de cartas. O procedimento mais usual é o seguinte: sorteia-se uma carta, que deverá ficar aberta, fora do jogo.

Tendo como referência a sucessão comum das cartas no baralho (e não o seu valor no truco), as manilhas serão as cartas imediatamente seguintes.

Por exemplo, se a carta sorteada for um três (de qualquer naipe), as manilhas (em ordem decrescente) serão as seguintes: quatro de paus (zarpe), quatro de copas, quatro de espadas (esparrinha) e quatro de ouros. Se a carta sorteada for ás (de qualquer naipe), as manilhas serão: dois de paus (zarpe), dois de copas, dois de espadas (esparrinha) e dois de ouros.

Variantes

Existem diversas variantes do truco que utilizam apenas um número diferente de cartas. Entre essas versões, a mais difundida é a do baralho limpo, que usa somente 27 cartas.

Do baralho sujo (40 cartas) são então retiradas as seguintes cartas: os 7 de espadas e de paus; os 4 de copas, ouros e espadas; e os 6 e 5 de todos os naipes. Dessa forma, o jogo se torna mais rápido e violento.

Existem outras variantes que se distinguem pelos valores das cartas e pelo número de jogadores.

A dobradinha, por exemplo, é uma adaptação do truco para três duplas. Utiliza mais cinco manilhas, superiores às do jogo comum. São elas, em ordem decrescente: Dama de ouro (chamadas de douradinhas); Valete de paus; Dois de paus (chamados de dunga); Ás de paus; Cinco de paus.

IX FESTILHA - FESTA DE TRADIÇÃO DA ILHA - abril de 1997

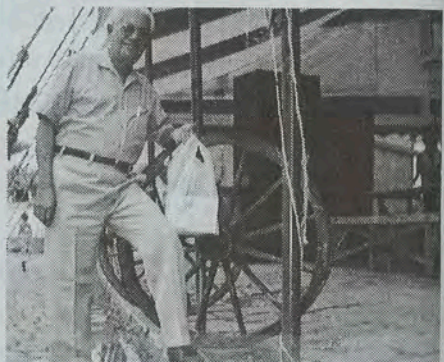
(Fotos de 1 a 7 e foto 9: Sônia Maria Copp)



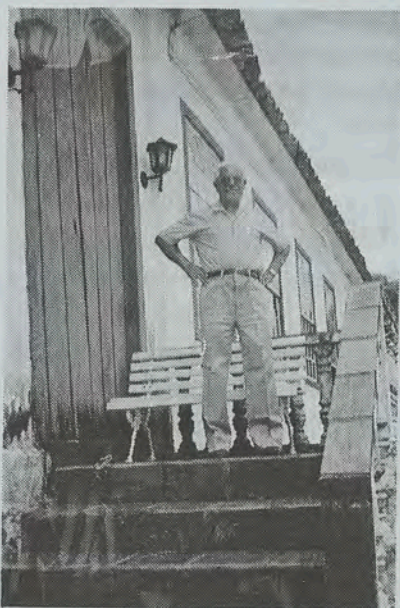
(Foto 1)



(Foto 2)



(Foto 3)



(Foto 4)

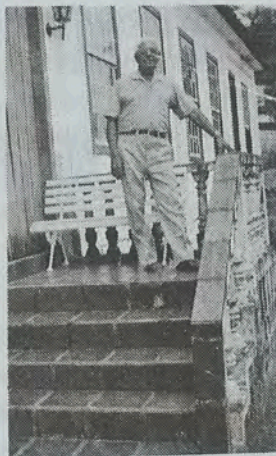


(Foto 5)

Foto 1 - Prof. Doralécio Soares com os índios Guaranis, na rua Babitonga, esq. Francisco Dias.
Fotos 2 e 3 - Barracão de churrasco, que apresentaram o Grupo Cantante Cavalheiros da Ilha.
Fotos 4 e 5 - Detalhes do casarão da família Rosalba de Lima Pereira. Praia do Calisto.



(Foto 6)



(Foto 9)



(Foto 7)



(Foto 8)

Foto 6 - Vista total do casarão da família Rosalba de Lima Pereira.

Praia do Calisto.

Foto 7 - Praia da Saudade.

Perigosa para banho de mar.

Prof. Doralécio em companhia da professora Rosalba e parentes visitam as praias de São Francisco do Sul.

Foto 8 - Prof. Doralécio Soares e a professora Sônia Maria Copp, da Comissão Catarinense de Folclore, residentes em São Francisco do Sul, na praia da Saudade.

Foto 9 - Escada de entrada do casarão.

O fim do Coronel Moreira Cesar, o responsável pelos Fuzilamentos de tristes memórias na Fortaleza de Anhatomirim.

EM RIBA DA FIVELA

FRANCISCO DE VASCONCELOS()*

Nada mais típico que essa expressão nordestina, valendo em cima da bucha, na hora exata, no momento certo. E estamos justamente em riba da fivela no concernente aos acontecimentos de cem anos atrás que encheram de sangue os sertões baianos e que fizeram a jovem República tremer na base.

Foi a 3 de março de 1897, que em Canudos, o sanguinário degolador, o cortador de cabeças Antônio Moreira Cesar, encontrou seu merecido fim, nas hábeis mãos de um jagunço. Cortaram-lhe o pescoço, para que a sua cabeçorra pudesse percorrer o arraial sertanejo, na ponta de uma vara, para maior incentivo àqueles que guarneciam o Bom Jesus, também conhecido por Antônio Conselheiro.

Dois Antônio oriundos de pontos distintos do território nacional, de regiões culturais diferentes, nas faces da mesma moeda, pela paranóia que os levou ao fanatismo e por via dele a atitudes que beiravam a loucura.

A causa republicana fustigada por um suposto sebastianismo, colocou-se em confronto com o meio hostil do nordeste baiano. Luta de vida ou morte. Era o vingador florianista contra o pretenso restaurador. E a vitória sorriu para este, naquele princípio de março de 1897.

O cearense Antônio Mendes Maciel, por alcunha o Conselheiro, tinha todas as características do psicopata, e, pela via de religiosidade popular e radical, tornou-se o novo Messias naquele ser tão desvalido, injusto, doente, analfabeto, carente de todos os pontos de vista. Depois de anos a dar vazão ao seu delírio ambulatório, pregando de

(*) Jornalista e Escritor de Petrópolis - RJ.

quebrada em quebrada, suprimindo as deficiências dos que lhe eram fiéis, restaurando igrejas, construindo capelas, ajudando aos necessitados, entendeu que era chegada a hora de reunir o seu rebanho num lugar onde pudesse edificar o seu templo e viver em paz, numa espécie de república socialista de fundo teocrático. O ira dos ayatolás no Canudos, guarnecida pelos alcantis da Favela e pela garganta infernal do Corobocó.

Nesse itinerário, ele acabou mexendo com o sagrado, com o latifúndio, com as oligarquias.

E, de repente, a República se fez, provocando na distensão do tempo, as conseqüências lógicas que toda mudança desencadeia. E viveram os jacobinos radicais atribuindo desgraças, revoluções, guerras, diatribes, aos eventuais restauradores. O Conselheiro foi um desses fantasmas, daí a implacável perseguição a Canudos, no conceito da imprensa republicana, foco de agitação monarquista. Mas afinal, qual seria esse monarquista conselheirista? Remeto os leitores a Ataliba Nogueira e Vamireh.

Chacon. Antônio Conselheiro sonhava com a corte dos príncipes encantados, dos reis de Congos, dos imperadores do Divino. Era a cultura de seu meio que falava mais alto, a monarquia pela vereda folclórica. O imaginado D. Pedro III a confundir-se com a eterna sobra do Rei D. Sebastião, presença obrigatória no messianismo nordestino, da Bahia ao Maranhão. O resto era a torpe maquinação dos que precisavam de um pretexto forte para destruir Canudos, de um elemento contundente para alimentar o fanatismo republicano.

E inventaram de tudo, até o embarque de armas na Argentina para Santos e Salvador, sob os olhares complacentes do governo da vizinha República. E ousaram até insinuar que a Argentina tinha interesse no prolongamento da guerra polarizadora das atenções das forças armadas brasileiras, facilitando assim o eventual revanchismo dos resistas, sempre de olho no refazimento do antigo Vice-Reino do Prata.

Infâncias, delírios, difamações, calúnias de irresponsáveis, como o trêfego José do Patrocínio, redator-Chefe d'A Cidade do Rio.

Na expressão mais simples, o Conselheiro buscava o seu kingdom of nowhere, com sua fisionomia taciturna e sombria, olhos alheados das coisas do mundo, cabelos longos, unhas crescidas, metido numa longa e farta túnica azul, atada à cintura por um cordão dos frades franciscanos, feito de algodão cru e que se tornara comum e corrente no Juazeiro do padre Cícero. Eu ainda o conheci ali em 1964.

Antônio Moreira Cesar, paulista de Pindamonhangaba, não era figura menos curiosa. Epiléptico, conseqüentemente sem estabilidade emocional, passava um átimo da afeição ao ódio, da tanqüilidade ao exarcebamento, da bravura à bestialidade. Euclides da Cunha tinha-o como desequilibrado que podia “definir-se como herói, ou como bandido”.

Oleone Coelho Fontes, autor de “O Treme Terra - Moreira Cesar - A República de Canudos”, Vozes Petrópolis, 1996, faz um magistral perfil do homem. “Fisionomia inexpressiva, porte desgracioso de criatura em fase minguate. No entanto, era de uma valentia de assombrar e de uma descomunal força física jamais imagináveis em rosto de convalescente sem linha original e firme. Olhar desbotado de enfermo de mal secreto e crônico. Aspecto de sofredor de incurável melancolia. Face sem vibrações musculares, como as observadas nos museus de cera, impassível e rígida”.

Tal a figura que ainda na monarquia envolvera-se com o assassinato do jornalista Pulcro de Castro, que cumprindo degredo em Mato Grosso, que se tornara republicano fanático com a agravante de ser florianista, que estivera à frente dos destinos de Santa Catarina, quando da Revolução de 1893, onde firmara sua fama de degolador, de sanguinário, de cruel, pelas atrocidades que praticou durante sua gestão.

Depois de dois desastres sucessivos em Canudos, os legalistas não titubearam em nomear o coronel Moreira Cesar para o comando da chamada terceira expedição. Presunçoso como era e já mordido pela mosca azul da política - segundo alguns pesquisadores - imaginava que iria dar um passeio em Canudos, que liquidaria em dois tempos o Prometeu do sertão e que haveria de voltar coberto de glória, com

prestígio suficiente para alcançar os seus objetivos. Mas o Vasa-Barris não seria o Rubicon, para aquele Cesar caipira.

Saiu ele desabalado do Rio, chegou a Salvador e logo embarcou com sua tropa num comboio da Estrada de Ferro do São Francisco, com destino a Queimadas. Rumou depois para Monte Santo e de lá, via Cume, atual Euclides da Cunha, buscou o seu objetivo com muita pressa e enorme precipitação. Subestimava o inimigo e as teias que as relações sertanejas tecem. Desconhecia o meio e a gente, aliados incontestáveis do Bom Jesus.

Na sua arrancada irrefletida pôs em risco a vida de oficiais e soldados. Enfim, o combate e as baixas sucessivas - Tamarindo, Salomão, Villarim, Pires Freita - e o próprio coronel Cesar, que de degolador contumaz virou degolado. Feitiço contra o feiticeiro.

Canudos seguia invicto. Ainda não fora daquela vez que a praça capitaneada pelo conselheiro havia de ceder antes as hostes republicanas, na verdade governantes, pouco preocupados com a origem de tudo aquilo e com o futuro das populações interioranas. A ordem era extirpar o tumor e recolher-se ao quartel. Cirurgia sem diagnóstico e sem tratamento pós-operatório. Delenda Canudos.

LUIZ TENÓRIO CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

UM DOS PIONEIROS DOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS
NO BRASIL, É QUEBRANGULENSE

JOSÉ MARIA TENTÓRIO ROCHA

Ao elaborar o posfácio à obra “subsídio ao folclore brasileiro” de 1897, o mestre Théo Brandão, por absoluta falta de provas, foi acometido de naturais vacilações em apontar a naturalidade do autor. É o nosso folclorista maior quem o coloca no lugar de destaque a que fez, nos termos:

“Cabe a Júlio Campina, pseudônimo de Luiz Tenório Cavalcante de Albuquerque, a glória de haver sido o primeiro alagoano, e um dos primeiros brasileiros, a publicar uma obra sobre o folclore de seu país:

“Subsídio ao folk-lore brasileiro. Anedotas sobre caboclos e portugueses, lendas, contos e canções populares, etc. Rio de Janeiro, Papelaria Mendes Marques, 1897, 82P. (...)

“Em ordem cronológica, pois, Júlio Campina é o primeiro alagoano e o quinto brasileiro a reunir em volume um estudo sobre o folclore (...) (Aliás) foi o primeiro a usar no título de uma obra a palavra FLOK-LORE, visto que seus predecessores preferiram outras palavras para suas coletâneas: Poranduba (...), Contos e Cantos populares (...), Cancioneiros e Festas populares (...).”

Das pouquíssimas informações disponíveis sobre o autor, Théo Brandão informa que em 1883 Luís era aluno do tradicional Colégio Bom Jesus, de Maceió, dirigido pelo professor Francisco Domingos da Silva; entretanto, já no ano seguinte, aquele estudioso estudava no Colégio Madeirense Sete de Setembro. Mais um dado a ser somado. Luiz deve ter vivido no Rio de Janeiro.

Embora não tivesse citado mais informes, Brandão aventurou-se a lançar uma hipótese, que acreditamos ser uma tese: Os Tenório Cavalcante de Albuquerque viveram e vivem sobretudo nos dois citados estados nordestinos (Alagoas e Pernambuco), nos municípios lindeiros de QUEBRANGULO, Correntes, Viçosa, Águas Belas, Palmeiras dos Índios, mas migraram freqüentemente para outros Estados, sobretudo para o Rio de Janeiro, onde deve ter vivido o autor.”

Tentando desvendar a questão, deparamo-nos nos capítulos que tratam de economia e política de nossa obra “Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás” com informações que podem resolver em definitivo a problemática.

A documentação cartorial empregada na pesquisa nos dá conta de que em 1857, Antônio de Holanda Cavalcante e sua mulher Luzia Tenório de Albuquerque, venderam terras de sua propriedade, situadas no Riacho, a Paulo Caetano Tenório de Albuquerque. (Quebrangulo, p. 174).

O fato da esposa de Antônio ser LUIZA, talvez possa indicar o porquê de terem colocado o nome do filho de LUIZ.

Anos depois, provavelmente um dos tios de Luiz Tenório, de nome Justino Tenório Cavalcante de Albuquerque fora eleito vereador por Quebrangulo para o quadriênio de 1881-1884 (Quebrangulo, p. 56). Alguns anos, em 1888, um outro seu parente, o Capitão Sebastião Tenório Cavalcante de Albuquerque, era escolhido para o cargo de presidente da Câmara de Vereadores de Quebrangulo (p. 58).

Por essas evidências parece ser, até prova em contrário, a naturalidade de Luiz Albuquerque ser o município de Quebrangulo.

FONTES CITADAS

BRANDÃO, Théo. Posfácio à CAMPINA, Júlio. Subsídio ao Folclore brasileiro. 1977.

Anedotas sobre caboclos e portugueses; lendas, contos e canções populares, etc. Maceió, Museu Théo Brandão, UFAL, p. 83-88.

POCHA, José Maria Tenório. Quebrangulo, Quebrangulo, sempre serás, Quebrangulo, Prefeitura Municipal de Quebrangulo. 1996.

O FOLCLORE E OS EDUCADORES

JOSÉ CARLOS ROSATO

Em 1967, o então governador do Estado de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré, usando de suas atribuições legais, instituiu o “Mês do Folclore”, pelo Decreto n.º 48.310. Incluiu uma programação de atividades, com a participação da escola, o que evidencia a preocupação do legislador com a divulgação do folclore, especialmente no mês de agosto.

O Ato n.º 241/68, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, determina **“que os temas folclóricos sejam abordados por todas as disciplinas com as quais tiverem correspondência, sobretudo durante o mês de agosto, sendo as comemorações feitas sem prejuízos do andamento normal dos trabalhos escolares”**.

Convém observar que é “sobretudo durante o mês de agosto...” e não apenas, somente, unicamente...

Poucos anos após, chega a Reforma do Ensino (Lei 5.692/71). Em decorrência, a Coordenadoria de Educação e Normas Pedagógicas (CENP) elaborou os Guias Curriculares (os chamados “verdões”, dada a cor desses manuais. Esses guias, instrumentos de apoio à ação, merecendo enfoque especial nas áreas de Educação Artística e Estudos Sociais.

Preste atenção, “merecendo enfoque especial...” e não simplesmente único às referidas propostas apresentavam sugestões de atividades, integradas à área de Estudos Sociais, a serem desenvolvidas, principalmente no tema Fundamentos da Cultura Brasileira. Observe “principalmente” e não exclusivamente.

A área de Estudos Sociais era compartimentada até a quarta série, era tratada como atividade da quinta à oitava série, como disciplina.

Dos Currículos e Programas de Educação Moral e Cívica, defi-

nidos pelo Parecer (do Conselheiro Federal de Educação) n.º 94/71, constam, também, itens relacionados ao folclore.

Sem contar isso, o folclore é um dos componentes curriculares listados pelas Deliberações n.ºs 10/72 e 18/72 do Conselho Estadual de Educação. Elas relacionam as matérias da parte diversificada do currículo, respectivamente do 1º e do 2º Graus do Sistema Estadual de Ensino. Assim, no ensino de primeiro grau, poderia o folclore ser incluído, como opção dos estabelecimentos estaduais de ensino, quando estes não apresentassem condições para proporcionar o estudo de língua estrangeira moderna, nos termos do item 13, alínea a, do CENP, de 28/12/77, publicado, no dia imediato, no Diário Oficial do Estado de São Paulo (comumente abreviado por DOE).

No ensino de segundo grau, o folclore poderia se instituir em opção da unidade escolar, quando o quadro curricular baixado para a habilitação na parte diversificada, matérias de livre escolha.

Pelo exposto, observamos que “os temas folclóricos servem como recurso motivador e fonte de material a ser utilizado em atividades de expressão”. (Mônica, Laura Dela - Manual do Folclore, São Paulo, Global Universitária, 1989, pág. 30).

Nota-se que o folclore mereceu destaque especial no currículo escolar que esteve em vigor e, praticamente, nada foi realizado pelos educadores.

É verdade que ganham pouco, mas a bem da verdade, nem sempre estão imbuídos do seu papel. Nós todos, em maior ou menor proporção, temos que aceitar esta insofismável verdade.

Em todas as disciplinas, pelos menos em tese, há condições de apresentar o folclore e o seu aproveitamento, e, não apenas na área das humanas.

Fala-se tanto em aliar a teoria prática e o folclore que é presenciado no cotidiano, no lar, na escola, na rua, no lazer, etc., o que não é evidenciado aos educandos. Até na área das exatas pode-se mostrar a presença do folclore.

Quer por falta de orientação, quer por desconhecimento, quer

por outros motivos, sonega-se dos alunos o direito à formação, para não dizer, quer por informação. É nosso ensino e nada difere do praticado na rede particular, que é menos ruim.

A chamada lei Darci Ribeiro (outra demagogia do Planalto, a ilha da fantasia para homenagear quem estava a morrer), que recebeu o n.º 9.394/96, já está em vigor. Parece-nos que ela propicia espaços para que os alunos passem a conhecer os fundamentos folclóricos. Como folclore é civismo, cidadania e nacionalismo, aguardaremos.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pretende vincular o que se aprende na escola ao mundo do trabalho e à prática social, destacando que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, se preparado para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. E como obter o preparo para o exercício da cidadania sem conhecer, pelo menos, os fundamentos do nosso folclore?

Nota:

José Carlos Rosato, sentença:

“A trova é a mais popular das formas poéticas e a mais poética das formas populares.”

IN CHOCARREIROS E TRANCES

(Recife - PE, 1997)

A FESTA

ASCENSO FERREIRA

O altar armado da igreja à porta,
Tão lindo como nunca vi,
Cheirava a cravo, cheirava a rosas,
Cheirava a flor do bogori...

Ganhava a gente roupas novas
Novo sapato, novo chapéu,
E tudo, nossos pais compravam,
Com um carinho especial;
Nada de Papais Noéis!
Nada de árvores de Natal!

Sinos tocavam dentro da noite,
Fogos subiam riscando o céu!
Jesus brilha de luz num halo
- "Meia-noite canta o galo
dizendo: - Cristo nasceu!

Hoje tudo broma, falsete,
Não sendo para admirar,
Que o rádio diga sobre o presepe,
Que Cristo estava up-to-date
E Nossa Senhora very Kar.

Minha fichinha, Papai Noel,
É uma figura tragicômica!
Não se iluda com seus enredos
Pois que no meio de seus brinquedos,
Virá um dia a bomba atômica!

(Boa Vista - Recife)



GRUPO MUSICAL "SHALOM"

A boa música para o seu bom gosto

- *Do clássico ao popular.*
- *Teclado, violino, flauta, sax e voz.*
- *Casamentos, Missas (15 anos, Bodas, aniversários, Réquiem...), cultos, recepções e formaturas.*

Lula Gonzaga

TELEFONES:

Manhã - 221-5999 / 231-6322

Tarde - 224-2850

Residência - 423-5692

IMPrensa FESTEJA OS 166 ANOS DE “O CATHARINENSE”

Os 166 anos de criação de “O Catharinense”, por Jerônimo Coelho, vão ser comemorados hoje

Uma homenagem a 18 personalidades de destaque no cenário nacional e internacional, abre hoje a Semana da Imprensa Catarinense, em comemoração aos 166 anos de “O Catharinense”, primeiro jornal do Estado, fundado em 1831 por Jerônimo Coelho. A programação se estende até o dia dois com diversas atividades. Simultaneamente, é lembrada a criação da loja Maçônica Concórdia, também iniciativa de Jerônimo Coelho.

No dia 28, data da fundação de “O Catharinense”, será realizada uma homenagem a Jerônimo Coelho. No dia dois, encerramento com lançamento do livro Pequena História da Imprensa Social no Brasil em sessão especial na Assembléia Legislativa.

Além do diretor do primeiro jornal de Santa Catarina, Jerônimo Coelho é considerado um dos catarinenses mais ilustres do Império brasileiro. Natural de Laguna, foi governador das Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará, chegando ao posto de brigadeiro, depois de ser Ministro da Marinha e de Guerra e Deputado Provincial.

Naquela época, segundo Barreto, a imprensa catarinense ainda assumia uma linha literária, mas movida pelo espírito libertário de Jerônimo Coelho, bem nítido na juventude.

A fase mais importante da imprensa catarinense em tempos recentes, na visão de Barreto, ocorre a partir dos anos de 1950 e 1960, com o início da profissionalização, através dos movimentos de fundação do Sindicato dos Jornalistas e da Casa dos Jornalistas e da criação do curso de jornalismo da UFSC.

Para o presidente da Associação de Imprensa, os jornais e profissionais, hoje, acompanham a vanguarda do jornalismo mundial.

(O Estado 25/07/97)



Fundação Franklin Cascaes comemorou na Lagoa da Conceição os 10 anos de existência, fazendo homenagens. Jornalista Osmar SchIndwein de "O Estado", ao receber o Troféu.

BOI-DE-MAMÃO COMPOSTO SÓ POR BAIXINHOS

Tradição criativa e muito alto astral

Florianópolis pode se orgulhar de conservar uma das mais bonitas tradições portuguesas: o Boi-de-Mamão. De uma maneira geral, em várias regiões do Brasil existem danças de bois, com nomes diferentes: Boi-Bumbá, Bumba-meu-boi, Boi-de-Reis, Boi-da-Cara-Preta etc. Em Florianópolis, a tradição foi registrada, pela primeira vez em 1871. Para fazer a cara do boi era usado um mamão verde. Por isso, foi chamado de Boi-de-Mamão. Segundo os pesquisadores, o boi catarinense descende do nordestino. A diferença é que no Nordeste a encenação é mais trágica. Aqui, os tons trágicos foram sendo substituídos pelo bom-humor e pela irreverência.

Em resumo, o Boi-de-Mamão pode ser definido como uma brincadeira cantada e dançada.

O Boi é o personagem principal. A certa altura da história ele morre, ressuscitando no final.



O Cavalinho, o Vaqueiro e Mateus são os personagens que acompanham o Boi desde os primeiros tempos.

Mais tarde, outras figuras foram entrando na história, é o caso da Cabra, do Urso, da Bernúncia, da Maricota, do Cachorro e do macaco. O número de personagens varia de uma região para outra.

Um cantador comanda a apresentação, repetindo versos tradicionais e também

improvisando outros, de acordo com a trama.

Monstro festeiro

Se a figura do Boi foi inspirada no seu parente nordestino, a Bernúncia tem origem bastante exótica. De acordo com os estudiosos, ela seria a versão local do Grande Dragão Celeste da tradição chinesa. É um monstro com muitas patas e uma enorme cabeça, ameaçando com uma bocarra medonha. Para fazer o bicho, cinco crianças vão debaixo do pano, é o corpo da fera, que assim, fica com um monte de pernas.

A Maricota é uma enorme e desengonçada boneca vestida de chita, usando grossas tranças. Tanto a Maricota como a Bernúncia são personagens recentes no Boi-de-Mamão. Elas apareceram há menos de quarenta anos e são características de Florianópolis.

Há muitos grupos de Boi-de-Mamão em Florianópolis. Um dos mais novos é o Boi-Esperança, da Lagoa da Conceição. Este Boi é muito especial porque se compõe de crianças. Ele deve sua existência à dedicação de duas pessoas: Batista e Zezinho. São eles que começaram a reunir a gurizada em torno do Boi.

“Eu me criei na Agrônômica e lá sempre houve Boi”, conta João Batista da Silva, 37 anos. “A gente ia dançando e cantando pela rua e todo mundo abria as casas para ver o Boi passar. E cada família dava

A Bernúncia é um dos personagens mais festejados pela galerinha “antnadona”





Boi-de-Mamão só de Baixinhos.

A brincadeira do Boi-de-Mamão é superlegal e bonita, passando de pai para filho há muitas gerações e merece todo o carinho e força para continuar existindo.

um dinheirinho para a gente poder manter a brincadeira”, lembra ele.

Quando Batista foi morar na Lagoa da Conceição, ficou triste porque lá não havia nenhum Boi. Foi aí que ele e Zezinho resolveram criar o Boi-Esperança.

“O nome foi escolhido para mostrar a nossa esperança de não deixar desaparecer o Boi”, esclarece José Costa, 40 anos. “Nós acreditamos que se as crianças se envolverem nas tradições, elas irão se encarregar de levar adiante a nossa cultura popular”, afirma ele.

O Boi-Esperança da Lagoa da Conceição é prova que com amor a linda tradição vai continuar viva

O Boi-Esperança tem 25 crianças, entre 5 e 14 anos de idade. Junto com a garotada das famílias do bairro, o grupo inclui alguns menores carentes.

Isso provocou uma integração importante, dando aos garotos a oportunidade de sentir que podem ser parte da sociedade, que não precisam ficar de fora.

O sucesso do grupo é tal que Zezinho e Batista não conseguem

andar na rua sem serem abordados por garotos e garotas que querem entrar para o Boi. “Desse jeito, vamos ter que criar vários grupos”, constata Batista, satisfeito.

SOS da galera para manter o Boi dançando a mil

Os primeiros tempos do Boi-Esperança foram duros. Seus criadores recordam que os primeiros bichos eram feitos com o que havia em casa.

Uma vez eu não tinha nada para cobrir um cavalo. Vi a colcha em cima da cama e não tive dúvidas; era o que eu precisava. Não adiantou a bronca da minha esposa, “a cama ficou sem colcha”, conta Zé, divertindo-se com a lembrança.

Outro problema era a falta de uma sede. Durante algum tempo os bonecos eram guardados num espaço do Via Lagoa Shopping. Mas o vandalismo de alguns freqüentadores inviabilizou a alternativa. Por incrível que pareça, teve gente que botou fogo nos bonecos! “Foi aí que eu apelei para a minha sogra”, conta Zé. “Ela autorizou a gente a construir uma garagem no terreno dela e agora fica tudo bem guardado”.

Tanto Zé como Batista tratam de assuntos do Boi só nas horas vagas. Zé é funcionário do BESC e Batista é técnico em fogões. Eles cuidam de tudo: confecções dos bonecos e das fantasias, preparo do som, agenda de apresentações, transporte, ensaios, tudo. É um trabalho.

“Nós precisamos de muita ajuda”, afirma Zé. Temos um grande problema com o transporte, por exemplo. Às vezes a gente deixa de aceitar um compromisso por não ter como ir”, desabafa ele.

O Boi-Esperança não tem fins lucrativos, mas isso não significa que não precise de recursos. Ao contrário, fazer um trabalho com qualidade sai caro. O grupo se apresenta sem cobrar quando se trata de órgãos públicos ou escolas, mas cobra um cachê de R\$ 150,00 quando é contratado por empresas ou particulares. Nessas ocasiões, cada criança recebe um cachê simbólico de R\$ 5,00 e o restante vai para a “caixinha”.

Mas o importante é que o Boi-Esperança está crescendo e suas

apresentações têm atraído cada vez mais público. E é uma excelente sugestão para valorizar qualquer festa, seja em empresas, hotéis, congressos ou em comemorações familiares. Quem quiser contratar o grupo pode ligar para os fones (048) 232-1011 ou 981-1644.

(Jornal O Estado, 26-27/7/97)

FUNDAÇÃO COMEMORA 10 ANOS

Em solenidade realizada ontem à noite no Centro Cultural Bento Silveira, na Lagoa da Conceição, a Fundação Franklin Cascais comemorou os 10 anos de sua criação com a entrega do Troféu Bernúncia às empresas que tiveram destacadas atuação no meio cultural florianopolitano. Entre 30 premiados estava o jornal O Estado.

Segundo Lélia Pereira da Silva Nunes, superintendente da Fundação, o troféu é uma forma de homenagear os parceiros da instituição nos diversos projetos culturais promovidos ao longo dos dez anos de existência da Fundação.

“Sem parceria nada acontece na área cultural”, afirmou.

Ela explicou que o troféu “é uma peça em cerâmica representando a bernúncia - figura que pertence ao folclore ilhéu do Boi-de-Mamão e que é símbolo da Fundação - não é válido no sentido econômico, mas tem grande valor cultural. Por isso foi idealizado em cerâmica, típica forma de expressão do ilhéu”, argumenta. Esta é a primeira edição do troféu e de acordo com Lélia, deverá repetir-se anualmente. Entre os premiados com o Troféu Bernúncia estavam todos os ex-superintendentes da Fundação nestes dez anos de existência. O jornal O Estado foi premiado como parceiro contínuo nos projetos da fundação.

Órgão de cultura da prefeitura municipal de Florianópolis, a Fundação Franklin Cascais promove os mais diversos projetos culturais, entre eles os grupos folclóricos de todo o Brasil. Entre as lutas que a Fundação têm travado no sentido de promover a cultura, a superintendente destaca a criação de uma casa da memória de Florianópolis.

“Temos um imenso patrimônio histórico mas não temos espaço na Fundação para abrigá-la”, conclui.

Premiados: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Banco do Es-

tado de Santa Catarina - BESC, os reitores da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC, a Fundação Municipal dos Esportes, o senador Espiridião Amim, o deputado Edson Andrino, o professor Doralécio Soares, o compositor Cláudio Alvim Barbosa (Zininho, autor do Rancho de Amor à Ilha), o grupo de Renda e Tramóia de Florianópolis (renda de bilro), a feira de Artesanato - Feirart, a Gibiteca, a Academia Catarinense de Letras, o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon), Porto Belo, Petrobrás, Propague, Realcolor e os ex-superintendentes da Fundação Franklin Cascaes.

Noticiário Cultural

(1996/1997)

Florianópolis - SC _____

MARCO AÇORIANO

Inauguração do Marco Açoriano de autoria do Escultor Jairo Schmidt na entrada da ponte Pedro Ivo Campos. O Grupo de Danças Açorianas de Biguaçu presente ao ato, visa resgatar, valorizar, preservar a cultura açoriana.

O Grupo, cujo nome certo é “Dança e Cantares Açorianos” é coordenado pela professora Ana Lúcia Coutinho, foi destaque no II Encontro de Folclore, promovido pela Fundação Franklin Cascais. A inauguração do Marco contou com a presença do Governador Paulo Afonso Vieira e membros do seu governo.

Florianópolis - SC _____

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Santa Catarina destaca-se notadamente na Grande Florianópolis, com a realização de inúmeras festas em homenagem ao Divino Espírito Santo.

Esta contou com a presença do Sr. Governador Paulo Afonso Vieira e Ex.^{ma} esposa em Santo Amaro da Imperatriz.

Apresentamos o príncipe e a princesa com todos os membros da corte, destacando-se o Imperador e a Imperatriz.

Belo Horizonte - MG, 1997 _____

80 ANOS DO FOLCLORISTA PROFESSOR SAUL MARTINS

Domingos Diniz

A um bom folclorista, pede-se erudição. Vastíssima erudição

possui o professor Saul Martins. Disciplina científica também é necessária. O Saul vai mais longe com as disciplinas militar. É preciso vontade. Para com as coisas do popular, Saul Martins tem mais que vontade. Move-o a chama sagrada sertaneja que incendeia a alma do sertanejo das barrancas do São Francisco onde nasceu o mestre Saul, em sua querida Januária, em 1.º de novembro de 1917. Levado pelas forças atávicas, Saul penetra no mundo do folclore e desvenda-lhe os encantos, as sabedorias na sua vasta obra. Mais de uma dezena de títulos, que os quais se destacam Folclore: Teoria e Método, Folclore em Minas Gerais, Os Barranqueiros e Antônio Dó, agora em 3.ª edição. Sem falar em centenas de artigos dispersos em jornais e revistas, mais ainda conferências e palestras.

Sua vida é intensa nos mais variados setores. Bravo militar da Polícia Militar de Minas Gerais, onde chegou a coronel e ocupou todos os cargos de comando. Professor universitário. Doutor em Ciências Sociais pela UFMG, com defesa de tese, o Antropólogo, pesquisador arguto poeta. A poesia cabe em tudo. Membro do Conselho Administrativo da Escola de Serviços Penitenciários “João Franzem de Lima” e do Conselho de Criminologia e Política Criminal de Minas Gerais.

Vai abrindo caminhos, ganhando títulos merecidamente. Belo-horizontino honorário; Mestre do ano em 1963; Construtor do progresso, FIEMG, 1982; Personalidade-Destaque, 1977, do jornal Estado de Minas; Diretor Geral das Escolas Caio Martins.

Pertence a várias instituições culturais no Brasil e no Exterior. É patrono de bicicletas, clubes de leitura e, especialmente, do museu de Folclore. Pai e criador do museu, que se acha instalado em Vespasiano. Esse museu é a menina dos olhos do Saul. Grande parte do acervo foi amalhada pelo Saul ao longo de sua vida.

Juntamente com o Professor Aires da Mata Machado Filho, Saul carregou nas costas a Comissão Mineira de Folclore. É hoje o seu presidente de honra e o único dos 28 fundadores em plena atividade.

Seu livro Antônio Dó foi transposto para o cinema, longa, com muito sucesso.

Casa-se com d. Julinda Garcia Junqueira. Da união advém cinco filhos, 18 netos e 3 bisnetos.

Saul Martins é um professor nato. Apesar de aposentado, continua dando aulas magníficas em sua própria casa, nas palestras, nos encontros com os amigos. Até pelo telefone. No mês de agosto seu telefone não pára. A todos, atende com presteza, com carinho, não regateia o ouro do seu saber, reparte-o com todos.

Ao completar 80 anos de vida, bem vividos, podemos dizer, em alta voz, o professor Saul Martins é desses que se tornam traços de união entre o que se vê e o que não se vê, entre o que não se compreende e o que se compreenderá um dia.

Domingos Diniz - Membro da Comissão Mineira de Folclore
- Professor da Escola Guignard/UFMG)

Blumenau - SC

FRITZ MÜLLER

Nasceu na Alemanha. Colou grau de Filosofia e cursou a Faculdade de Medicina. Imigrou para Blumenau em 1852.

Realizou pesquisas sobre a fauna e a flora do Vale do Itajaí.

Correspondia-se com Charles Darwin e com Ernest Haeckel (pai do termo “ecologia”).

Publicou o livro Fatos e Argumentos a favor de Darwin.

Dedicou-se a 248 pesquisas científicas, publicadas em vários países.

Sua residência é hoje o Museu Fritz Müller.

A Fundação Cultural de Blumenau / Arquivo Histórico e Fundação Municipal do Meio Ambiente / Museu Fritz Müller convidam V.S.^a e Ex.^{ma} Família para:

PROGRAMA COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DE MORTE DE FRITZ MÜLLER - 1822-1897 - DIA 21 DE MAIO DE 1997

Presença de autoridades, parentes e escolares;

Colocação de flores no túmulo de Fritz Müller;
Discurso da Professora Sueli M. V. Petry
Recital de um poema de Fritz Müller
Local: Cemitério Evangélico - Centro.
Plantio de Caramboleiras (mudas provenientes da árvore-mãe
plantada por Fritz Müller).
Discurso do Prof. Lauro Eduardo Baoca
Local: Colégio Estadual Padre José Maurício

Rio de Janeiro - RJ - 1997

MINISTÉRIO DA CULTURA / FUNARTE / CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR

Projeto e missão: o movimento folclore brasileiro - 1947/1964 de Luiz Rodolfo Vilhena Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular da Funarte, e Fundação Getúlio Vargas lançamento 30 de outubro, no auditório do Museu de Folclore Edison Carneiro com homenagem ao autor por Gilberto Velho, do PPGAS do Museu Nacional da UFRJ Maria Laura Cavalcanti, do IFCS da UFRJ Claudia Marcia Ferreira, do CNFCP

Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro - 1947/1964, de Luiz Rodolfo Vilhena, resgata a trajetória dos estudos de folclore no Brasil, apontando criticamente as razões que levaram, pela voz de alguns intelectuais, a cultura popular ao centro dos debates em torno do “caráter nacional”.

O “Movimento folclórico” tem por marco inicial a recomendação da Unesco de que cada país desenvolva estudos e ações na área do folclore a fim de preservar suas tradições, sendo seu auge a criação, em 1958, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

O Centro Nacional de Folclore e Cultura popular, herdeiro daquele organismo, é onde Luiz Rodolfo Vilhena tem seu interesse despertado para esse campo do conhecimento e de onde parte para a elaboração de sua dissertação de doutoramento pela PPGAS, no

Museu Nacional da UFRJ. Aprovada com louvor em 1995, a tese foi posteriormente recortada, valendo-lhe no final daquele ano, o primeiro lugar no Congresso Sívio Romero. Esse trabalho, revisto pelo autor, estará sendo lançado no dia 30 de outubro, no auditório do MFEC, representando merecida homenagem à memória desse profissional, súbita e precocemente falecido em maio deste ano.

O livro, que junto com a Fundação Getúlio Vargas a Funarte entrega ao público, preenche grande lacuna no campo editorial e perpetua a lúcida percepção de Luiz Rodolfo Vilhena sobre o campo do folclore, que interessa a estudiosos de diferentes áreas do conhecimento.

Joinville - SC

LOBISOMENS, ORAÇÃO, REFLEXÃO E ABSTINÊNCIA REFORÇAM O MISTÉRIO

Alguns autores de livros de folclore popular como Doralécio Soares e Luís Câmara Cascudo destacam alguns mitos e costumes criados na Quaresma. “Canjica e peixe são comuns durante a Semana Santa”, diz o trecho de uma das obras de Soares, “Folclore Brasileiro”. Como um dos mitos quaresmais mais difundido da cultura brasileira, aparece a figura do lobisomen. Conta a lenda que se depois de sete filhas vier um menino, este é lobisomem. É nas luas cheias, durante a Quaresma ainda de acordo com o folclore popular, que a transformação do desafortunado nesta criatura ledária ocorre, em meio à encruzilhada.

A única maneira de se prevenir isso, é fazendo com que a irmã mais velha batize o caçula, descrevem algumas bibliografias do gênero. Acrescentam ainda que filho de comadre com compadre ou de irmãos também é sério candidato a lobisomem. “A minha conclusão é que a Quaresma por ser um período de oração, reflexão, abstinência de carne, o povo procurava salvaguardar, antigamente, os princípios cristãos por meio de preceitos de uma espécie de teologia popular” coloca o bem-humorado Padre Bertino Weber.

Observa, ainda, que algumas pessoas preservam hábitos como

não fazer a barba durante este período, ou simplesmente não calçar sapatos dentro de casa durante a Semana Santa, em sinal de penitência.” Às vezes você procura saber por que alguns fiéis fazem isto, constatada que se trata de uma coisa muito íntima, muito particular de cada um”, completa o padre.

Para Bertino os costumes quaresmais, como não comer carne durante as sextas-feiras, eram mais cultuados no passado, Aponta, contudo que, embora muitas crenças e mitos em torno deste advento tenham desaparecido, a população nos últimos anos voltou a frequentar as missas durante a Quaresma. “A gente tem percebido isso principalmente aos domingos, quando as igrejas ficam cheias”, conclui o padre.

A Notícia - Joinville 04/03/97

NOTA: não consta o nome do autor do presente comentário.

Votuporanga - SP

Ilmo. Sr.
Doralécio Soares
DD. Diretor do
Boletim Catarinense de Folclore

Gostaria que fosse publicada a seguinte nota, na próxima edição do BOLETIM, visto que, por via indireta, o mesmo foi atingido.

Lendo o livro PSICANÁLISE DO DINHEIRO, do Dr. Jeremias Ferraz Lima, lançado recentemente pela Manad do Rio, etc. 127 págs., notei que o autor que leciona no Programa de Pós-Graduação de Psicanálise do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, falhou. Cabe-me apontar esse problema.

O psicanalista Ferraz Lima lendo o ensaio O DINHEIRO NA BOCA DO POVO, publicado no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, ano XXI, n.ºs 35-36, dez. 83, págs. 78 a 90, de José Carlos Rossato, entrou em contato com o autor. Recebeu o retorno.

O tempo passou. O mestre Jeremias aproveitou-se do estudo citado, mas não fez qualquer menção ao fato. Seria esquecimento,

injustiça, deslealdade, outros motivos, ou . . .? O que foi que ocorreu? Se errar é humano, consertar o que fez é obrigação.

Observação: Agradeço a publicação destas poucas linhas para salvaguardar o bom nome do Boletim, do qual sou assíduo leitor.

Obrigado.

Sérgio Gibim Ortega (Poeta) R. Amadeu Fava, 49,
Aviação 15500-000 - Votuporanga - SP

Laguna - SC

ACERVO HISTÓRICO DE LAGUNA É DIGITALIZADO

Uma parceria entre o Laboratório de Fotogrametria do Departamento de Engenharia Civil da UFSC e a Universidade de Karlsruhe, da Alemanha, está viabilizando o mapeamento dos 500 prédios que formam o centro histórico de Laguna, incluindo aspectos do ambiente da construção, como a rede de esgotos.

“Instalamos câmaras fotográficas em algumas quadras da cidade, com os negativos sendo repassados para fitas eletrônicas, podendo ser utilizados na elaboração de novos projetos arquitetônicos”, diz o professor Carlos Loch, um dos coordenadores do projeto.

Este acervo digital, conseguido através da fotogrametria terrestre, técnica pouco difundida no Brasil, vai servir para conscientizar a sociedade de que para preservar os momentos históricos, no caso edificações do século XVII, é preciso conhecer seus espaços de maneira minuciosa. As imagens digitalizadas podem revelar o melhor método para restauração dos monumentos, pois com a fotogrametria há identificação de características arquitetônicas, formas, dimensões e estado de conservação dos prédios.

Carlos Loch afirma que no país existem 10 mil imóveis históricos, enfatizando que esta técnica apresenta custos de viabilidade econômica e pode ser realizada para restaurar os mesmos, sem esquecer o planejamento ocupacional e a locomoção entre as construções. Ele adianta tam-

bém, que o trânsito nos sítios históricos, assim como as redes de esgotos podem ser remanejados com o conhecimento detalhado do nosso patrimônio histórico. “Através do computador, há a possibilidade de simular, utilizando as imagens coletadas, a construção de novas ruas e prédios, sempre preservando a arquitetura original”, destacou o pesquisador.

Turismo - “Como amar nosso país, se não conhecemos a sua história”. Segundo Loch, o patrimônio histórico deve ser explorado pelo turismo, como o fazem com muita competência na Europa. “Em visita recente ao castelo dos monges na Alemanha, pude observar o profissionalismo com que o turismo cultural é tratado”.

Carlos Loch lamenta que os museus e monumentos, como os fortes de Ratones e Anhatomirim, não apresentem documentos escritos e fotografados de qualidade. Acredita que o turismo cultural nos sítios históricos proporcionará retorno financeiro, indispensável para a continuação de projetos de preservação do acervo histórico.

LAGUNA - SANTA CATARINA - BRASIL

O Estado: 06-05-97

Florianópolis - SC

CASAN ABRE ESPAÇO CULTURAL

A abertura da exposição coletiva de sete artista da Casan acontece hoje a partir das 19 horas, no Espaço Cultural da empresa localizado na rua Emílio Blum n.º 83, no hall de entrada do prédio da matriz, no centro de Florianópolis. A exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas, até 25 de outubro.

Os artistas Cláudio Nicolich, Edilson Martins, Elisete Cordeiro, Juliana Perini, Luís Naas, Graça Prim e Soraya Zattar expõem suas pinturas numa das novas opções culturais da cidade. Todos os expositores terão como madrinha a consagrada artista plástica Dircéia Binder.

Esta é a segunda mostra realizada no Espaço Cultural da Casan que este ano oferece a oportunidade para os funiconários artistas exporem. Na primeira mostra realizada na inauguração do local, Paulo

Ricardo Caminha expôs fotografias que retratavam os 86 anos de saneamento em Florianópolis.

Funcionário da Casa há muito tempo, Paulo faz um trabalho de recuperação da memória fotográfica da cidade.

Para os próximos meses estão agendadas exposições com os artistas da casa. Luiz Gustavo Ramos foi premiado no 1.º Salão catarinense de Novos Artistas, em 1980, no 12.º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, em 1983 e com uma ilustração da capa da lista telefônica das regiões Serrana e Vale do Rio do Peixe, além de ser selecionado no concurso "Procura-se uma Obra de Arte" da Galeria Toulouse.

Na seguinte quinzena deste mês vão ser abertas inscrições para os artistas interessados em exporem no Espaço Cultural Casan, que não sejam funcionários da Casan.

A coordenadora do Espaço, Rosinete de Souza, adianta que vários projetos estão sendo estudados para o ano que vem. Dentre eles, a "Premiação Casan de Ecologia de "Artes Plásticas", e de "Literatura", sempre com temas ecológicos voltados à preservação do meio ambiente. "Também pretendemos desenvolver alguns projetos com alunos de 1.º e 2.º graus", conclui Rosinete.

Dircéia Binder - Madrinha dos Artistas Expositores
O Estado 28-09-96 - Florianópolis - SC

São José - SC

CURSO VESTUÁRIO GAÚCHO MASCULINO E FEMININO OBJETIVOS E METAS

A escassez de publicações editadas no século passado; as vagas informações de textos e elementos iconográficos que nos vêm sendo questionadas constantemente quanto ao vestuário da gente gaúcha, nos levou a organizar o presente Curso, com vistas aos tradicionalistas, a GRUPOS ARTÍSTICOS E AS INVERNADAS DE CTGs, numa ótica ao julgamento, sem rodeios.

Pretende este Curso trazer uma visão informativa de como se

vestiam nossos “peões” e “prendas” através dos tempos, partindo muitas vezes do panorama universal das modas, a objetos que os identificam no cenário histórico rio-grandense e no Movimento Tradicionalista atual Slides e Vídeos de pesquisas originais.

Alertas para a errônea uniformização de modelos, tecidos e cores no trajar, isto é, na incorreta padronização de conjuntos robotizados, sob a falsa e medíocre idéia de preservar a tradição.

Uma análise de peça por peça será apresentada, fundamentada no livro O GAÚCHO - DANÇA, TRAJES, ARTESANATO (1979), de autoria do folclorista J. C. Paixão Côrtes.

Será o 1.º Curso sobre trajes gauchescos externos e internos (íntimos) a se realizar em Santa Catarina.

PROGRAMA (TEÓRICO E PRÁTICO)

Surgimento da figura do gaúcho, seu significado, características e habitat. O gaúcho nos primórdios do Século XIX e a sociedade da época, Ciclo Farroupilha. A Guerra do Paraguai e um novo momento na vestimenta rio-grandense. Surgimento da Bombacha e a Arte Oriental dos “Biombos Namban” (Japão, China, Século XVI). A indumentária masculina (peão) e feminina (prenda) peça por peça, da cabeça aos pés. Tecidos, cores e moldes. O traje e o Movimento Tradicionalista Gaúcho: Mirim, Juvenil, Adulto e Chiru. Lei das Pilchas.

Documentário: Análise “ao vivo” de peças folclóricas e antigas, originais e raras. Projeção de slides e vídeos de pesquisas “in loco”, investigadas nas seguintes instituições: Museu de Arte de Paris - Les Invalides, Louvre, Numismatique, Du Homme, Les Carnavals (França); Museu de Madrid - Militar, do Traje, Do Prado, (Espanha); Museu de Londres - Victoria and Albert, Militar (Inglaterra); Museu de Lisboa - De Arte Antiga, Do Traje (Portugal); Museu de Glasgow, Militar (Escócia); Museu da Ilha Terceira - Casa do Artesanato do Traje (Açores/Portugal); Museu de Buenos Aires - José Hernandez, De Bellas Artes, Museu de Lujan (Argentino); Museu do Brasil - Rio de Janeiro - Casa do Marechal Deodoro da Fonseca; em São Paulo -

Museu do Ipiranga; em Curitiba - Museu David Brandão (sobre Tropeirismo); no Rio Grande do Sul - Museu João Pedro Nunes (São Gabriel); Pedro Palmeiro (Santiago do Boqueirão); Dom Diego de Souza e Forte de Santa Tecla (Bagé) e outros.

DURAÇÃO: 16 horas/aulas diurnas (sábado e domingo).

CONSIDERAÇÕES SOBRE ROUPAS FEMININAS: Marina M. Paixão Côrtes.

CIDADE: São José - Santa Catarina - junho de 1997.

LOCAL: CTG Os Praianos (Estrada Geral de Forquilha (junto a Florianópolis).

DESFILE AO VIVO com modelos para mirim, juvenil, adulto, veterano e chrua roupas externas e íntimas, femininas e masculinas.

Olímpia - SP

O 33.º FEROL

Olímpia - SP - já se prepara para o tradicional FESTIVAL DO FOLCLORE, em sua trigésima terceira edição, que ocorrerá no período de 10 a 17 de agosto próximo.

Uma vez mais, o incansável e batalhador Prof. José Sant'Ana, estará à frente de tão importante festival que já é reconhecido internacionalmente.

Tivemos a oportunidade, no ano passado, de participar do festival quando ali representávamos o então Secretário da Cultura de Alagoas, Ênio Lins de Oliveira, acompanhando os grupos folclóricos da cidade de Chã Preta, coordenados por outro expressivo estudioso de folclore, Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos, e constatamos a seriedade com que são tratadas as manifestações folclóricas brasileiras. Durante todo o encontro uma série de eventos marcou presença no festival, promovendo oportunidade para estudo, educação e lazer. De toda parte do Brasil, folguedos e artistas populares têm uma oportu-

nidade ímpar em mostrar suas riquezas e potencialidades culturais, pois o folclore desempenha importante papel na sociedade. Através dele, o povo rememora os fatos alegres e tristes da vida em grupo, cultua os santos e divindades protetoras, afasta os espíritos malfazejos, transmite conhecimentos úteis de sobrevivência.

O Folclore possui um campo vastíssimo de atividade, sendo destacadas suas manifestações cantadas e dançadas através da criatividade artística do povo. Isto tudo teremos a oportunidade de presenciar no 33.º Festival do Folclore. Parabéns Olímpia, Capital Nacional do Folclore.

RANILSON FRANÇA DE SOUZA - Presidente da ASFOPAL,
Associação dos Folgedos Populares de Alagoas

Florianópolis - SC

CORAL SANTA CECÍLIA DE FLORIANÓPOLIS VISITOU BELO HORIZONTE

Santa Catarina foi o primeiro Estado a enviar um Coral para se apresentar em Beagá no ano de seu Centenário. Após uma viagem de 28 horas, chegou a BH, na madrugada do dia 02 de maio o Coral



Santa Cecília da Catedral Metropolitana de Florianópolis, dirigido pelo competente e dinâmico Padre Ney Brasil. De manhãzinha já estava de pé os cantores para um “city-tour” e às 16 horas o Coral se apresentava no auditório da Emater. O Coral desta Empresa, dirigido pelo Maestro Luciano Lima, que tem na presidência do Coral a eficiente Mildrêd de Franco, ofereceu calorosa recepção ao grupo. O dia seguinte constou do passeio à cidade histórica de Ouro Preto e à noite o Coral encantou o público presente na Igreja de São José, fazendo levantar a platéia ao interpretar o “Hino ao Centenário de BH” do Maestro Moacyr Portes. Ao final do concerto todos se dirigiram à casa de Cristina Gil onde o Coral Júlia Pardini recepcionou os visitantes. E no dia seguinte, bem cedo, o Coral partiu de volta a Florianópolis, enfrentando mais 28 horas para que sua gente pudesse trabalhar na segunda-feira.

Coral Santa Cecília - Regente: Padre Ney Brasil Pereira, natural de São Francisco do Sul

Belo Horizonte - MG

CONVITE

As Faculdades Integradas Newton Paiva têm o prazer de convidá-lo a participar do Seminário de Folclore e Cultura a ser realizado nos dias 27, 28 e 29 de outubro no grande auditório da Faculdade de Ciências Humanas e Letras, na Av. Silva Lobo, 1.730.

Esse evento dá continuidade à comemoração dos 25 anos de presença da Newton nos meios universitários e anuncia o cinquentenário da Comissão Mineira de Folclore, lançado o projeto de curso de pós-graduação “lato sensu”, especialização em Folclore e Cultura Popular, a ser realizado durante o ano de 1998.

Atenciosamente,

PROMOÇÃO Comissão Mineira de Folclore

Belo Horizonte - MG, 03 de outubro de 1997

33.º FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

Olímpia, cidade de São Paulo, destaca-se das demais do Estado e do Brasil, pela importância que lhe é atribuída com a realização do seu Festival de Folclore, já no 33.º ano.

A natureza cultural que lhe é atribuída, decorre por reunir grupos folclóricos da maioria dos Estados, o que coloca em destaque durante o mês de agosto em todo o Brasil. Com a realização do seu Festival, sob o comando da figura insigne do Prof. Dr. José Sant'Ana que aglutina em torno de si uma equipe de intelectuais integrantes do Museu Maria Olímpia e da Associação Olisiponense de Defesa do Folclore Brasileiro, destaca-se entre outros, a escritora Ice Buenos Camargo, e colaboradores responsáveis pelo corpo relacional da Revista que consagra anualmente com a sua edição o Festival de Folclore do importante município paulista.

A Revista patrocinada pelo Bradesco se destaca pela primorosa impressão gráfica que coloca o parque da Indústria Gráfica do Bradesco entre as grandes empresas do Brasil.

A Revista que é editada em face dos Festivais, destaca-se redacionalmente pela importância das matérias nela inserida, com a participação de pesquisas da comunidade olimpiense e pronunciamento do ilustre Prefeito Dr. José Fernando Pizzatti, além da colaboração de Folcloristas de renomes nacionais, registro de obras e pronunciamento de doutores da ciência folclórica.

As manifestações de muitos mestres da cultura popular brasileira são verdadeiras "aulas" de folclore do Brasil, tornando a Revista no seu todo, um repositório da sabedoria popular.

A extensão das pesquisas publicadas são obras válidas, que levam aos estudantes de nossas escolas conhecimentos de inusitado saber.

Eis o porquê do meu entusiasmo em ser também um leitor destacado da importante publicação.

Ao "mestre" Sant'Ana e toda a sua equipe de doutos do saber popular, o meu efusivo abraço.

(Doralécio Soares - Estado 27/05/97)

“PAUS-DE-ARARA” NAS CORES DO MESTRE WILLY ZUMBLICK

Aos 84 anos, artista abre amanhã sua individual e inaugura novo endereço da galeria Helena Fretta

Dois anos depois de sua última exposição, o tubaronense Willy Zumblick volta a fazer mais uma individual. O trabalho de um dos melhores artistas de Santa Catarina pode ser conferido de amanhã até o dia 7 de junho no novo endereço da Helena Fretta Galeria de Arte, no Centro de Florianópolis.

São telas escolhidas dentre a rica obra de Zumblick, retratando temas do cotidiano, como Bandeiras do Divino, retratos de tipos humanos e paisagens do Norte e Nordeste do Brasil. O artista, de 84 anos, fez duas visitas a essas regiões para buscar inspiração para seus quadros, obras-primas em tintas brilhantes e traços fortes. Nas telas de diferentes épocas está a reconstrução da história, nas expressões culturais e nas paisagens que o progresso transforma.

Seus personagens, tanto os do outro lado do país quanto os correspondentes encontrados pela artista aqui no Sul, são uma homenagem aos “paus-de-arara”, “aqueles que com seus serviços braçais ajudam a construir o progresso”, diz Zumblick. Mais do que seus personagens, o artista os considera amigos (tem uma “legião” deles) e só por isso já vale a homenagem.

Tubaronense emérito, pintor e escultor, ele já fez mais de 50 exposições individuais e coletivas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro e Brasília.

Executou telas ligadas à história de Santa Catarina, vias-sacras famosas nas igrejas de Tubarão e Criciúma, além de relevos em concreto, cerâmica e bronze. Em 1994, sua vida e obra foram objeto do livro “Zumblick, uma História de Vida e Arte”, da professora e hoje superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Pereira da Silva Nunes.

A exposição de Willy Zumblick marca a inauguração do novo

endereço da galeria de arte da marchande Helena Fretta, na Rua Presidente Coutinho, 516. A visitação pode ser feita das 10 às 20 horas de segunda a sexta-feira e das 9h30min às 13 horas aos sábados.

Convite

A Prefeitura Municipal de Tubarão, através da Secretaria de Educação - Departamento de Cultura - PMT/UNISUL, tem a honra de convidar Vossa Senhoria e Ilustríssima Família para visitarem a Exposição do Artista Plástico:

Willy Alfredo Zumblick

Abertura: 23 de maio de 1997

Local: Casa da Cultura

Fortaleza - CE

EDUCAÇÃO E FOLCLORE

Da Comissão Cearense de Folclore. Separata da Revista ASPECTOS, da Editora Henriqueta Galeno - Fortaleza, 1973 - CE. A pequena obra reúne informações preciosas no que se relaciona à Educação e Folclore. A autora na Conferência pronunciou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará, por ocasião das solenidades comemorativas ao 20.º aniversário da Comissão Nacional de Folclore, IBCC - UNESCO, 1970.

Zélia Camurça, desenvolve o seu trabalho "Educação e Folclore, analisando todos os aspectos, desde os relacionados à infância; citando Monteiro Lobato 'Joãozinho e Maria, Saci Pererê', falando do mundo maravilhoso desses personagens na história da vida. Desenvolve o emprego do Folclore por professores nas formas de interpretações de linguagem, citando Ismael Maya. Diz do folclore visto na matemática. As Artes Recreativas, 'rondas e acalentos infantis, canções de ninar', excelências e benditos", levando à criança toda beleza da cultura popular. Analisa os pastoris, os reisados, os bumba-meu-boi, o saci pererê, negrinho do pastoreio, iemanjá. Entre nas vestimentas

do vaqueiro, aboios, nas cantigas, refrões, cantos e autos populares. Nau Catarineta, Fandangos, Pastoris e Mamolengos. Na lúdica disersa sobre os mitos, autos, danças e jogos infantis, amarelinha, quadilha, etc.

Destaca o prof. de Ciências Sociais o sociólogo, o antropólogo e educador. Fala das limitações, da utilização do Folclore, definindo o seu emprego na educação. A herança folk local. O Folclore da família, a história da cultura popular local e generalidades aplicáveis. O folclore, e as experiências interculturais. O folclore como disciplina acadêmica, e o indispensável na utilização do Folclore. Tradição versos continuidade e descontinuidade cultural. Finaliza com a “Primeira crítica conclusiva: Folclore e a Educação? - SIM E NÃO.

“Discorrer sobre o Folclore e a Educação, importaria em considerações mais ou menos extensas, como Ciências Sociais, e o objeto particular do estudo de cada uma unidade em si, nesse contexto humano, individual social e cultural.

“Na minha opinião é um trabalho que mereceria ser impresso para distribuição na rede escolar nacional, tal a importância do seu ensinamento na área do ‘FOLCLORE NA EDUCAÇÃO’.” (Doralécio Soares).

Célia Sá Camurça - Fortaleza - CE - 1997

Itajaí - 1997

Convite: Lançamento do Livro

ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS

50 Anos de Vida Pública

A Prefeitura Municipal de Itajaí, através da Secretaria Municipal de Cultura, tem a hora de convidar Vossa Senhoria para a cerimônia de lançamento do livro “ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS - 50 Anos de Vida Pública”, a realizar-se no dia 16 de dezembro de 1997, na Sociedade Guarani, na Rua Hercílio Luz n.º 529 - Itajaí - SC.

Florianópolis - SC

Convite

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar os senhores acadêmicos, autoridades, amigos, familiares e admiradores do saudoso HOLDEMAR MENEZES, titular da cadeira n.º 12, para a SESSÃO DE SAUDADE de que trata o artigo 31.

A sessão será realizada no dia 10 de abril de 1997, no auditório Othon D'Eça da Academia Catarinense de Letras, no Centro Integrado de Cultura Professor Henrique Fontes (Avenida Irineu Bonhausen), 5.640, Agrônômica, Florianópolis.

Paschoal Apóstolo Pítsica
Presidente da ACL

Florianópolis - SC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO
EDITORA DA UFSC**

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Associação Atlética do Banco do Brasil - Florianópolis, têm a satisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} Família para o lançamento do romance

Um largo, sete memórias
Adolfo Boos Júnior
Dia 23 de outubro de 1997
Local: AABB
Rua Desembargador Pedro Silva, 2.809
Coqueiros - Florianópolis - SC

Fortaleza - CE

A Sociedade Cearense de Geografia e História tem a enriquecê-la com o ingresso do Escritor Barros Alves, conforme o registro publi-

cado na Gazeta de Maracanaú do Ceará.

Barros Alves, escritor e poeta, destacado nos meios culturais do Estado Nordestino, integra os novos sócios efetivos do SCGH, entidade que estuda a história da Literatura Cearense, no ambiente da Geografia e Ciências Afins.

Ao registrar o acontecimento em seu Boletim, a Comissão Catarinense de Folclore o faz prazerosamente, levando ao ilustre homem de letras o seu abraço fraternal.

(Fortaleza - CE - 1997)

Florianópolis - SC _____

Florianópolis - SC - EDITORA DA UFSC

Ofício n.º 143 / de 96 - Florianópolis, 7 de novembro de 1996

Il.º Sr.

Doralécio Soares

Rua Júlio Moura, 146 1.º andar

88020 - Centro - Florianópolis

Prezado Senhor,

Cumprimentando-o cordialmente, temos a satisfação de informar que o Conselho Editorial aprovou a publicação pela Editora da UFSC, do trabalho "FOLCLORE CATARINENSE", de sua autoria.

Solicitamos, por outro lado, que entre em contato com a Editora, pessoalmente, ou por telefone, para os necessários encaminhamentos.

Atenciosamente,

Prof. Alcides Buss

Diretor da Editora da UFSC

Florianópolis - SC - 1997 _____

MEDALHA PARA A POESIA CATARINENSE

A poesia catarinense é reconhecida mais uma vez no país. O poeta professor e diretor da Editora da UFSC, Alcides Buss, recebeu

em 8 de maio de 1997, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, a Medalha Manuel Bandeira pela sua obra poética. O prêmio é concedido pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro.

Esta medalha vem conferir o já reconhecido trabalho do escritor. Quando ainda estudante em Joinville, em 1971, foi o vencedor do Primeiro Festival Catarinense de Poesia Universitária, promovido pelo DCE da UFSC. O prêmio foi a publicação de sua primeira obra *O Bolso ou a Vida?*. Entre outros títulos, também recebeu o troféu de revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte com o Livro *A Poesia do ABC*. Buss tem em sua biografia 15 livros de poesia publicados. Dirige a Editora da UFSC há seis anos, sendo que no período de 93-94 presidiu a Associação Brasileira de Editoras Universitárias.

Maracanaú - CE

Comentário do Jornalista BARROS ALVES, sobre os Boletins da Comissão Catarinense de Folclore, publicado no Jornal *A GAZETA MARACANAÚ - CEARÁ*.

Folclore

Pelas mãos do preclaro Escritor Doralécio Soares, Folclorista renomado, recebi dois volumes do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, produção de inestimável valor cultural de causar inveja a Estados como o Ceará que, por agora, tem no comando dos organismos institucionais que cuidam da Cultura em nível de Estado, pessoas preocupadas tão-somente com a sétima arte. Esta dá status nos círculos do high society, manchetes nos jornais do sul maravilha e imagens na Rede Globo de Televisão.

Ao contrário dos estudos de folclore, que apesar de importantíssimos para a sedimentação das culturas do nosso povo, não tem recebido o devido apoio das forças ditas mudancistas lideradas pelo empresário Tasso Jereissati.

Folclore (II)

Mas vamos ao que de bom temos em mãos, vindo das plagas catarinenses, uma terra maravilhosa de ares e de povo afável, acolhedor, cheio de afeto e esmerada educação. Os dois exemplares do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore que tenho em mãos são de números correspondentes aos anos de 1991/92 e 1993/94.

Apresentam-se-me como um trabalho editorial de envergadura que já chegou à marca da quadragéssima sexta edição. Pelo visto, graças ao trabalho denodado do Professor Doralécio Soares, um pesquisador que não se conforma apenas com a pesquisa bibliográfica, mas vai garimpar *in loco* as belezas e expressões do sentir e do fazer da gente brasileira, em especial da gente catarinense.

Doralécio Soares preside a Comissão Catarinense de Folclore com espírito científico, com disposição de operário, e sobretudo com amor.

Folclore (III)

Os dois exemplares do Boletim em apreço são uma coletânea de trabalhos escritos com esmero e registros fotográficos da maior significação para aqueles que sabem tornar o estudo do folclore indispensável para arraigar em todos, principalmente nas novas gerações, o amor pela pátria, algo hoje inexistente, como inexistente é o sentimento de brasilidade, uma conseqüência tristemente natural de nossa apatia em fase da ação alienante de culturas alienígenas. Jogos, danças, músicas, brinquedos, culinária, falares e sonhars do povo, enfim, todo o ludismo e a expressão do ser na sua dimensão antropológica obtiveram registro nos números em apreço do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Nossos efusivos parabéns a todos os que compõem a CCF, especialmente a seu líder, o Professor Doralécio Soares, pelo excelente trabalho que realiza à frente da entidade, comprovação que fazemos ao recebermos os valiosos volumes do Boletim, os quais passaram a enriquecer mais ainda a nossa biblioteca e nos serão muito úteis como instrumento bibliográfico para pesquisa.

BARROS ALVES - Maracanaú, 11 de junho de 1997

PRESIDENTE DA A.B.L. VISITA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

A Presidente da Academia Brasileira de Letras, escritora Nélida Piñon, esteve dia 18 de março, em Florianópolis, a convite da ADVB, para proferir palestra. Na ocasião, a ilustre escritora foi recebida em Sessão Solene pela Academia Catarinense de Letras, quando recebeu o título de “Presidente Honorário”.



A Sr.^a Nélida Piñon foi saudada pelo acadêmico Licurgo Costa, após o que todos os acadêmicos foram convidados para lhe aporem as insígnias. Em seguida, a acadêmica Sylvia Amélia Carneiro da Cunha fez-lhe a entrega do Diploma.

Nélida Piñon na ACL e os acadêmicos Licurgo Costa (E) e Salomão Ribas.

ACADEMIA ABRE VAGA

Em virtude do falecimento do acadêmico Holdemar de Menezes, que ocupava a Cadeira n.º 12, o Presidente da Academia Catarinense de Letras, Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica, através do Edital n.º 09/97, abriu inscrições pelo prazo de 30 dias para o preenchimento da Cadeira. A mesma havia sido anteriormente ocupada por Heitor Pinto da Luz e tem por Patrono o escritor Francisco Pedro da Cunha.

ECOS DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA - CAM

A REVISTA SUL - 1948

Com os recursos obtidos com a montagem e apresentação de sua primeira récita, o Círculo de Arte Moderna passou à publicação da revista "SUL" que pretendia "dar um auxílio no sentido de que a cultura se tornasse um patrimônio do povo".

Na apresentação do primeiro número - janeiro de 1948 -, seu Diretor Aníbal Nunes Pires, dizia que SUL (do Círculo de Arte Moderna) "se propõe, na medida das coisas possíveis, revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, no campo das letras e das artes".

Esse primeiro número traz colaborações de Ody F. e S. Eglê Magalheiros, Antônio Paladino e Aníbal Nunes Pires (poesia), Salim Miguel, C Bousfield Vieira e José Medeiros Vieira (contos).

Numa análise do primeiro número, chega-se à conclusão de que o Círculo de Arte Moderna está na mesma encruzilhada do Grupo da Semana de 22: sabendo o que não quer, mais não sabendo exatamente o que pretende. De outra forma, como explicar a promessa de revelar os valores novos de Santa Catarina, ao mesmo tempo em que, dos quatro clichês publicados, todos da British News Service, um mostrasse a reabilitação dos mutilados da Guerra; o outro, a primeira escola britânica do Após-Guerra e os dois restantes, a indústria cerâmica da Grã-Bretanha, quando a cerâmica de Santa Catarina torna-se-ia mais conhecida se a Revista lhe tivesse oferecido a mesma divulgação?

A partir do número 3 - maio de 1948 - "SUL" já se identifica como uma revista catarinense: as sete ilustrações, nelas incluindo-se a capa, são xilogravuras do catarinense Moacir Fernandes. E uma terceira parte do conteúdo foi dedicado a Cruz e Souza que sempre mere-

ceu o respeito e a estima dos imigrantes do CAM.

Os três primeiros números - poucas páginas e formato de revista - tinham como Diretor Anibal Nunes Pires; como Diretor de Redação, Ody Fraga e Silva; como Gerentes, Salim Miguel e Hamilton Valente Ferreira, e como Redatores, Cláudio Bousfield, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Lory Ballod e Armando Correirão.

A partir do número 4 e até o último - dezembro de 1957 - "SUL" manteve o formato livro com um número variável de páginas.

Em dez anos de atividades - 30 números editados - foram aparecendo os nomes de Silveira de Souza, Guido Sassi, Hugo Mund Jr., Doralécio Soares, Oswaldo Melo (filho), José Mauro, Silveira Lenzi e Ilmar Carvalho. E mais os ilustradores Martinho de Haro, Meyer Filho, Hassis, Aldo Nunes, Dimas Rosa, Pedro Bosco e Carlos Scliar.

São Francisco do Sul - SC

SOCIEDADE FOLCLÓRICA BOI-DE-MAMÃO "ESTRELA-DO-MAR"

Bairro: Paulas

Município: São Francisco do Sul - SC

Sede: Rua Machado Cidral, n.º 210

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL PARA A ELEIÇÃO DA DIRETORIA

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de um mil e novecentos e noventa e sete (24.05.97), na residência do Sr. WALMIR SANTOS DA SILVA, rua Machado Cidral, n.º 210 no Bairro do Paulas, neste município reuniram-se os COMPONENTES do GRUPO FOLCLÓRICO BOI-DE-MAMÃO ao qual por unanimidade o denominaram de "ESTRELA-DO-MAR" para a ELEIÇÃO da DIRETORIA que representará este FOLCLORE em nosso município e outros lugares quando se apresentar.

Orientados pelo Presidente da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, os Componentes do Grupo estão providenciando o ESTATUTO para o devido registro no Diário Oficial do Estado, bem como o Regimento para o seu melhor funcionamento.

Durante a ASSEMBLÉIA foi discutido o traje típico para uniformizar o Grupo, sendo bem recebidos a idéia de um blusão estampado com bordado de lantejoulas no contorno das flores, calças de cetim preta, o toureiro em vermelho, o cavalo-marinho em preto, o doutor todo em branco e o Mateus em vermelho com detalhes em preto.

A jovem que levará o pendão com o EMBLEMA do BOI-DE-MAMÃO com o nome da SOCIEDADE FOLCLÓRICA será um traje de portuguesa (açoriano): saia, blusinha branca, avental, colete, e na cabeça um chapéu florido sob um lenço verde. Todos usarão calçado preto de acordo com o seu estilo próprio. Foi decidido que seria enviado ao Sr. PREFEITO MUNICIPAL um ofício solicitado a sua colaboração financeira para a confecção dos trajes, assim como o orçamento das despesas e da costureira. Em seguida foi colocado em discussão os Membros da Diretoria, ficando assim constituída: PRESIDENTE: Walmir Santos da Silva; VICE-PRESIDENTE: Ademir Pereira; 1.º TESOUREIRO: Gilmar Cardoso da Conceição; 2.º TESOUREIRO: Carlos Roberto Pereira; 1.ª SECRETÁRIA: Sônia Maria Copp da Costa; 2.ª SECRETÁRIA: Jucélia Luiz da Conceição. CONSELHO DELIBERATIVO: PRESIDENTE: João dos Santos Filho; SECRETÁRIA: Nélia Ramos, DIRETOR: Gregório da Silva. A duração do mandato será por dois anos. Como MADRINHA DE HONRA, pelo apoio e incentivo ao trabalho e apresentações deste GRUPO FOLCLÓRICO foi convidada a Sr.ª IARACI PIAZERA DIPPOL. Após a aprovação por todos os membros presentes à Reunião foi encerrada e lavrada a presente ata.

São Francisco do Sul, 24 de maio de 1997

Walimir Santos da Silva - Presidente

Sônia Maria Copp da Costa - 1.ª Secretária

SOCIEDADE FOLCLÓRICA BOI-DE-MAMÃO
“ESTRELA-DO-MAR”

RUA MACHADO CIDRAL, N.º 210 (FUNDOS)
BAIRRO DO PAULAS

89230-000 - SÃO FRANCISCO DO SUL - SC

RELAÇÃO NOMINAL DOS COMPONENTES:

- 1 - Walmir Santos da Silva (PRESIDENTE - CHAMADOR DA CANTORIA - VIOLEIRO)
- 2 - João dos Santos Filho (ACORDEÃO)
- 3 - Eduardo da Silva (BUMBO)
- 4 - Anísio Ramos (PANDEIRO)
- 5 - Franco Luiz de Oliveira (CAVAQUINHO)
- 6 - Solange da Silva (CHOCALHO)
- 7 - Ademir Pereira
- 8 - Carlos Roberto Pereira
- 9 - Gregório da Silva
- 10 - João Maria Turnes
- 11 - Gleverson Wisti
- 12 - Anderson Brenzin
- 13 - Moisés Cidral
- 14 - Gilmar Cardoso da Conceição
- 15 - Elizandro Oliveira da Silva
- 16 - Josemar Oliveira da Silva
- 17 - Néia Ramos
- 18 - Giovani Krüger
- 19 - Gercino Marinoso
- 20 - Jucélia Verônica Luiz da Conceição
- 21 - Terezinha Rosa de Oliveira
- 22 - Neuceli dos Santos
- 23 - Giomara Luiz da Conceição (PORTA-ESTANDARTE/PENDÃO)

24 - Iaraci Piazero Dippold (MADRINHA DE HONRA DO BOI-DE-MAMÃO)

25 - Sônia Maria Copp da Costa (COLABORADORA - 1.^a SECRETÁRIA)

São Francisco do Sul, 24 de maio de 1997

* Assembléia Geral para a ELEIÇÃO da DIRETORIA.

Jataí - Goiás

A Prefeitura Municipal de Jataí e a Secretaria de Cultura e Turismo, através do Museu de Arte Contemporânea têm o prazer de convidar para uma mostra de pinturas das artistas.

Oneida Martins Gleide Luiza Norma Resende “São os dons que permitem ao artista transpor barreiras e deixar o pensamento fluir, enquanto as mãos exprimem os sentimentos, emoções e reflexões, no ato maravilhoso de criar”.

A Prefeitura Municipal de Jataí e a Secretaria de Cultura e Turismo, através do Museu de Arte Contemporânea, convidam para a Exposição Coletiva

TEMPESTADE DE IDÉIAS

Coletiva de Pinturas, Desenhos, Fotografias e Objetos de alguns alunos da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

PARTICIPANTES:

Anna Terra Carla Wascheck, Julianos Pimenta Mirelle, Irene Patrícia Mesquita, Rogério Flori Salvio e Juliano Saula Sebba.

Abertura: 07 de outubro de segunda a sexta, até 31 de outubro de 1997

MAC - Museu de Arte Contemporânea

Rua Castro Alves c/

Zeca Lopes s/n.^o

Jataí - Goiás

EXPEDIENTE:

Juliano Pimenta - programação visual

Rogério Flori - fotografia

Salvio Juliano - texto

Florianópolis - SC

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE MARIA CELESTE CARVALHO NEVES

A Fundação Catarinense de Cultura abre Espaço Cultural para a exposição da artista plástica Maria Celeste Carvalho Neves.

Esta jovem da terceira idade, cada vez mais ativa e atuante, dá uma demonstração de amor a sua terra, eternizando em seus quadros a beleza de nosso folclore e de nossas festas populares.

Com sabedoria recria sua existência e a da sociedade tornando-se “guardiã da memória”.

Através da delicadeza de seus bordados, os quais introduz retalhos, rendas e outros elementos de referência cultural, se destaca no cenário artístico de nosso Estado, do Brasil e do exterior.

Paulo Roberto Arenhart

Diretor Geral da Fundação Catarinense de Cultura

“Homenageamos a senhora Elianne Peressoni Vieira, primeira dama do Estado, pelo excelente trabalho que vem realizando frente à Fundação “Viva Vida”, conscientizando a família, a comunidade e o próprio idoso o valor do seu acervo cultural acumulado em seus dias de existência.”

MARIA CALESTE CARVALHO NEVES, artista naíf. Nasceu em Florianópolis, Santa Catarina em 24 de maio de 1919.

Seus trabalhos vêm conquistando o público nacional e internacional pela sutileza dos seus bordados.

Entre os temas preferidos estão as festas populares e folclóricas.

Participou de mais de 40 (quarenta) exposições em várias cidades tais como: Florianópolis, Curitiba, Blumenau, Brasília e Piracicaba. Possui quadros no Museu de Pintura Primitiva de Assis em São Paulo.

No exterior suas obras encontram-se no Vaticano, Paris Washington, Portugal e Argentina.

Em 1990 foi premiada no concurso de capas da Listel.

Florianópolis - SC

A Fundação Cultural Senhor dos Passos tem o prazer de convidar V.S^a para a comemoração de seu 1.º aniversário de criação.

24 de outubro, quinta-feira

SARAU com apresentação do Conjunto Musical Nosso Choro, seguido de coquetel Clube XII de Agosto - restaurante

25 de outubro, sexta-feira

Missa na Capela do Menino Deus do Hospital de Caridade

Florianópolis - SC

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina pede sua honrosa presença à sessão comemorativa da passagem de seu 101.º aniversário de fundação.

Programa

1.º Conferência do Embaixador e Escritor Licurgo Ramos da Costa, alusiva à efeméride.

2.º Posse dos seguintes novos sócios eméritos:

- ALUIZIO BLASI

- EDISON MUELLER

- IAPONAN SOARES DE ARAÚJO

- MARIA REGINA BOPPER

- PAULO FERNANDO DE ARAÚJO LAGO

Data: 03 de setembro de 1997

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - Fundação
em 7 de setembro de 1986

A Diretoria do IHGS tem a honra de convidar Vossa Senhoria para
a sessão de lançamento do volume contendo os Anais do Congresso de
História e Geografia de Santa Catarina, realizado em setembro de 1996.

Data: 23/04/97

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa
Florianópolis - SC

Florianópolis - SC

Convite

A Livraria e Editora Insular tem o prazer de convidar V.S.^a e
família para o coquetel de lançamento do livro REPÚBLICA E OLI-
GARQUIAS - Subsídios para a História Catarinense (1889 - 1930),
de autoria do historiador Jali Meirinho, dia 9 de julho, quarta-feira, às
19 horas, no Museu Histórico de Santa Catarina, Palácio Cruz e Sousa.

São Francisco do Sul - SC

A Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul, tem o prazer de
convidar V.S.^a e família para participar da IX FESTILHA “Festa das
Tradições da Ilha” a realizar-se de 11 a 21 de abril de 1997, na rua
Babitonga, onde estaremos comemorando 493 anos de descobrimen-
to de São Francisco do Sul.

Rogério Zattar Júnior - Prefeito Municipal

Dr. Eduardo Musse - Vice-Prefeito

A FESTA

A Ilha de São Francisco, que em 1997 completará 493 anos de
seu descobrimento, tem uma história muito rica em tradições,
folclorismo, misticismo e cultura, com detalhes e fatos esquecidos ou
mesmo apagados pelo transcurso de quase meio milênio de existência.

Para que a história desta Ilha Catarinense não morresse, não perdesse suas raízes e seu vínculo com o passado, foi concebida a idéia de se realizar uma festa popular: A FESTILHA - “Festa das Tradições da Ilha”, que procura resgatar importantes detalhes e fatos da história de São Francisco do Sul.

É o que aconteceu neste ano, de 11 a 21 de abril, na mais antiga e histórica rua da Ilha: a Babitonga. Neste período ela se transformou em um imenso palco vivo, com as apresentações de grupos folclóricos como Vilão, Boi-de-Mamão, Fandango e outros. Danças ao ar livre; barraquinhas que vendem as mais deliciosas iguarias do mar; artesanatos; passeios de escunas entre as ilhas na magnífica Baía da Babitonga; apresentações de Bandas, Serestas, etc.

Estas foram algumas das atrações da IX FESTILHA, quando a Ilha de São Francisco se empolga e vibra ao receber os milhares de turistas que além das apresentações, podem admirar o Centro Histórico, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; os casarios antigos; a Igreja Matriz; as ruas estreitas; as cariocas; o Museu Histórico; o Museu Nacional do Mar, onde se encontra exposta a embarcação a remo “PARATY” do navegador solitário “ALMYR KLINK”, enfim um verdadeiro passeio no presente com a mais pura evocação da história no passado distante.

Texto do jornalista Amaury Santos - in memoriam

Florianópolis - SC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Associação Atlética do Banco do Brasil - Florianópolis, têm a satisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} Família para o lançamento do romance

Dia: 23 de setembro de 1997

Local: AABB

Rua Desembargador Pedro Silva, 2.809

Coqueiros - Florianópolis - SC

Um largo, sete memórias

Adolfo Boos Júnior

Convite

A Fundação CULTURAL SENHOR JESUS DOS PASSOS, completa dois anos de existência.

Por este motivo incorporamos-nos à Missa do dia 26/10/97 (domingo), na Capela Menino Deus, do Hospital de Caridade, para registrar a data.

Sua presença nos trará alegria e apoio.

DIANA CORDEIRO - Presidente

ALOÍSIO ACÁCIO PIAZZA - Vice-Presidente

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA pede sua honrosa presença à Sessão de Encerramento do ano acadêmico de 1997

1 - Concessão da Comenda Manoel Joaquim de Almeida Coelho ao Prof. Dr. Walter Fernando Piazza.

2 - Relatório das realizações do Instituto referentes ao exercício de 1997.

3 - Posse da Diretoria eleita para o biênio nov/97 a nov/99.

19 de novembro de 1997 Palácio Cruz e Sousa

Diretoria do IHGSC eleita para o biênio nov/97 a nov/99

Presidente: Carlos Humberto Pederneiras Corrêa

1.º Vice Presidente: Osvaldo Ferreira de Melo

2.º Vice Presidente: Augusto Cesar Zeferino

Secretário Geral: Jali Meirinho

1.º Secretário: Iza Vieira da Rosa Grisard

2.º Secretário: Eliana Maria Bahia

1.º Tesoureiro: Hélio Teixeira da Rosa

2.º Tesoureiro: Idaulo José Cunha

Orador: Carlos Alberto Silveira Lenzi

Conselho Fiscal

Titulares: Marly Ana Fortes Bustamante Mira

Hoyêdo de Gouvêa Lins e Nereu do Vale Pereira

Suplentes: Sylvia Amélia Carneiro da Cunha

Iaponan Soares de Araújo e José Isac Pillati

Florianópolis - SC _____

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Editora da FURH da Universidade Regional de Blumenau, têm o prazer de convidar V.S.^a e Família para o lançamento do livro MEMÓRIAS DE UM ITALIANO NA REVOLUÇÃO DE TRINTA EM SANTA CATARINA, de Beatriz Pellizzetti Lolla

Data: 19/11/97

Local: Palácio Cruz e Sousa

Praça XV de Novembro - Florianópolis - SC

Apoio:

Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias - FURB divisão de Promoções Culturais - FURB

Florianópolis - SC _____

A Ordem dos Advogados de Santa Catarina, a Caixa de Assistência dos Advogados de Santa Catarina, a Escola Superior da Advocacia, o Instituto dos Advogados de Santa Catarina, a Academia Catarinense de Letras e a Editora Terceiro Milênio têm o prazer de convidá-lo para o lançamento da obra jurídica DEFESA PERANTE O TRIBUNAL DO JÚRI, de auditoria do advogado Pascoal Apóstolo Pítsica, no dia 23 de julho, nas dependências da OAB-SC, na Av. Gov. Irineu Bornhausen, 4.860, Florianópolis - SC.

Florianópolis - SC

O Centro de Comunicação e Expressão e a Editora da UFSC convidam para a posse dos novos coordenadores do Curso de Pós-Graduação em Literatura, professores Tânia Regina de Oliveira e João Hernesto Weber, e para o lançamento do livro “A Nação e o Paraíso - A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira”, de João Hernesto Weber, e do Caderno Ponto & Vírgula 14 - Mário Quintana, organizado pela professora Simone Pereira Schmidt.

Dia 19 de setembro de 1997

Auditório do CCE

Florianópolis - SC

Universidade Federal de Santa Catarina Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Editora da UFSC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e o Departamento de Língua e Literatura Estrangeira - DLLE têm a satisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} família para o lançamento do livro ANTOLOGIA DE POESIA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA.

Organização

José Roberto O’Shea

Tradução

Maria Lúcia Miléo Martins

Dia 04 de dezembro de 1997

Galeria de Arte da UFSC

Centro de Convivência

Florianópolis - SC

A Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade do Vale do Itajaí têm a satisfação de convidar V.S.^a para o lançamento do livro OS INDIOS XOKLENG - MEMÓRIA VISUAL, de autoria

do Prof. Sílvio Coelho dos Santos, a realizar-se no Palácio Cruz e Sousa, no dia 2 de outubro.

Florianópolis - SC _____

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e o Centro de Comunicação e Expressão - CCE têm a satisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} família para o lançamento do livro ROMANCE - REPORTAGEM - ONDE A SEMELHANÇA NÃO É MERA COINCIDÊNCIA, da jornalista e professora Neila Bianchin.

Dia 02 de dezembro de 1997, terça-feira

GALILEO BAR - Travessa Harmonia, 44 - Beira-Mar Norte - Centro - Florianópolis - SC

Florianópolis - SC _____

Universidade Federal de Santa Catarina, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, Editora da UFSC

As Editoras da Universidade Federal de Santa Catarina e da Fundação Catarinense de Cultura, em conjunto com a Editora Movimento, de Porto Alegre, e com a União Brasileira de Escritores de Santa Catarina, têm a satisfação de convidar V.S.^a para o lançamento do livro "A literatura catarinense em busca de identidade - a poesia", de autoria de Antonio Hohlfeldt.

Dia 14 de novembro de 1997

Auditório da Academia Catarinense de Letras

Centro Integrado de Cultura

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 - Florianópolis - SC

Florianópolis - SC _____

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem a sa-

tisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} família para o lançamento do livro da Coleção Memória Literária de Santa Catarina HISTÓRIA DO GOSTO E OUTROS POEMAS, de Ernani Rosas, organização por Ana Brancher.

Dia 19 de dezembro de 1997

Auditório da Academia Catarinense de Letras

Centro Integrado de Cultura

Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 - Florianópolis - SC

Florianópolis - SC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem a satisfação de convidar V.S.^a e Il.^{ma} família para o lançamento do livro RETRATIO E PERCURSO, do professor Alckmar Luiz Santos

Dia 10 de dezembro de 1997, quarta-feira

GALILEO BAR - Travessa Harmonia, 44 - Beira-Mar Norte

Centro - Florianópolis - SC

Florianópolis - SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Francisco Küster, tem a honra de convidar Vossa Excelência e família para a Sessão Solene de abertura das comemorações do Centenário de Morte do Poeta Cruz e Sousa, a realizar-se no dia 26 de novembro de 1997, no Plenário Osni Régis do Palácio BARRIGA-VERDE.

Florianópolis - SC

Convite

A Fundação Franklin Cascaes, órgão municipal de cultura, tem a honra de convidar V.S.^a para a abertura do "III Salão Novos Valores nas Artes Plásticas", a se realizar no dia 28 de junho de 1997, na Galeria do Centro Integrado de Cultura - CIC.

Evangelista Vieira, e o Diretor Geral da Fundação Catarinense de Cultura, Paulo Roberto Arenhart, têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para o lançamento dos livros: “Balada do Cárcere” de Bruno Tolentino, “Fractal em Duas Línguas” de Cunha Leiradella e “Cebola” de Manoel Carlos Karam, vencedores do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura - 1995 a realizar-se no dia 28 de agosto, na sede da Academia Brasileira de Letras.

A oportunidade serão lançados o Prêmio Cruz e Sousa de Literatura - 1997 e o Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho.

Academia Brasileira de Letras

Av. Presidente Wilson, 203 - Castelo - RJ

Florianópolis - SC

Projeto “Cultura Viva” Individual de João Olíbio

A Fundação Catarinense de Cultura dentro do Projeto “Cultura Viva” tem o prazer de apresentar ao público de Florianópolis, dia 29 de junho, no Hall da Biblioteca Pública do Estado mais um artista catarinense, João Olíbio.

Inspirado nas belezas de nossa Ilha, João Olíbio transporta para seus quadros num resgate histórico, todo o lirismo de nossas paisagens e casarios.

Para isso ele se apropria de elementos naturais como a casca e a folha da bananeira.

Em vez de tintas usa toda a gama de cores que a folha seca de bananeira oferece.

A respeito dele bem se expressou o nosso saudoso Silveira D’Ávila “Partindo de uma idéia, punhado de bananeiras, um pouco de cola, um mundo de invenções veio enriquecer nossas vidas e nossa cultura” João Olíbio, mestre artesão, inventor de sua técnica e artista criador de belezas inspiradas em nosso patrimônio cultural, é um exemplo a ser seguido.

**II FEIRA DO LIVRO DE SANTA CATARINA
XII FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS**

Convite

A Livraria Editora INSULAR, tem o prazer de convidá-lo(a) a comparecer ao lançamento do livro VALENTES E VALENTÕES - "Fatos da História Popular do Recife Antigo", do Escritor Doralécio Soares, que se sentirá honrado com a vossa presença.

Dia 1.º de outubro do corrente ano (quarta-feira) às 20 horas

Local: Galeria de Arte da Assembléia Legislativa

(Palácio Barriga Verde) no estande da Livraria INSULAR

Florianópolis, outubro de 1997

**V SALÃO NACIONAL
VICTOR MEIRELLES**

O Governo do Estado de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e o Museu de Artes de Santa Catarina convidam para a inauguração do V Salão Nacional Victor Meirelles.

Dia 25 de novembro de 1997.

Abertura oficial, premiação e coquetel de inauguração no Museu de Arte de Santa Catarina - MASC, à Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600, Florianópolis.

Convite

A Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura de Florianópolis, tem a honra de convidar V. S.^a para as solenidades alusivas aos 10 anos de sua criação, no dia 24 de julho, no Centro Cultural Bento Silvério - Lagoa da Conceição, com a

entrega do Troféu Bernúncia. Após a cerimônia, será oferecido um coquetel aos convidados.

Florianópolis, julho de 1997

Florianópolis - SC _____

Universidade Federal de Santa Catarina - Pró-Reitoria de Cultura e Extensão - Editora da UFSC.

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina tem a satisfação de convidá-lo(a) para o lançamento do livro *Entardecer* (Poesia), de Valdemir Klant.

Dia 05 de junho de 1997

Livraria Espaço Vital - Varandão do CCE

APOIO

Direção do CCE

Departamento de Língua e Literatura Vernáculas - DLLV

Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras - DLLE

Núcleo de Estudo Português - NEP

Centro Acadêmico de Letras

Florianópolis - SC _____

A Fundação Catarinense de Cultura e a FUNARTE têm o prazer de convidar V.S.^a para a palestra de Raquel de Almeida Prado, "ENTRE O ÉTICO E O LIBERTINO - LIGAÇÕES PERIGOSAS", a ser realizada em 10 de abril de 1997, na Sala Multimídia do Centro Integrado de Cultura - CIC - Avenida Governador Irineu Bornhausen, 5.600 - Agrônômica - Florianópolis.

Florianópolis - SC _____

A Associação de Amigos da Biblioteca Prof. Barreiros Filho, convida Vossa Senhoria e família para:

1.^a Parte: Palestra do Prof. NEREU DO VALE PEREIRA, intitulada CULTURA AÇORIANA: O BOI-DE-MAMÃO, com vídeo sobre o tema.

2.^a Parte: ORQUESTRA DE VIOLINOS, da Escola de Música do Prof. Carlos Alberto Vieira, apresentando temas folclóricos da Ilha de Santa Catarina.

Dia 28 de novembro de 1997 (sexta-feira)

Rua João Evangelista da Costa, 1.160 - Bairro de Fátima.

Florianópolis - SC

BOLETINS DE COMISSÕES ESTADUAIS DE FOLCLORE

Para nós que somos integrantes de uma Comissão Estadual de Folclore, nos sentimos gratificados ao recebermos de nossas congêneres os seus Boletins como prova de que como nós, continuam atuantes. Assim sendo, acusamos e agradecemos os Boletins e Opúsculos das seguintes Comissões, no decorrer de 1997.

Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá - SP, que tem como presidenta a Baronesa Esther Sant'Ana de Almeida Karwinisky.

Universidade Federal da Paraíba, Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários.

Comissão Paulista de Folclore, que tem como Presidente de Honra o folclorista Hélio Damante e Presidente Esther S. de Almeida Karwinisky.

Comissão Paranaense de Folclore; presidenta Dra. Maria Graziela Brígido dos Santos. Comissão Mineira de Folclore, sob a presidência do Antropólogo e Educador, Prof. Sebastião Rocha. Comissão Cearense de Folclore, cuja presidência é a folclorista Zelia de Sá V. Camursa. Comissão Maranhense de Folclore, Pres. Escritor Carlos de Lima. Prefeitura de PENÁPOLIS - SP. Convite para inauguração do Paço Cultural, com uma grande festa, destacando-se o Museu Histórico e o Museu de Folclore, que tem como Prefeito o Dr. Alidino Valter Bonini.

PE - 96. Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco. ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DO INTERIOR DE PERNAMBUCO - volume 3 (RV). Recife - 1996.

Prefeitura Municipal de Guarujá. SP. Centro de Folclore do Litoral Paulista - "Danças e Folguedos". Comissão Municipal de Folclore e Artesanato.

Boletim da Comissão paraibana de Folclore, agosto de 1997.

Comissão Maranhense de Folclore: Boletins de 1987 e números anteriores.

Boletins e Notícias da Comissão Mineira de Folclore, 1997.

BELÉM - Boletim Informativo n.º 1 - maio e n.º 2 - nov. 1997.

SP. Museu de Folclore ROSSINI TAVARES DE LIMA, da Ass. Brasileira de Folclore. (Boletim Informativo. Comissão Norte Riograndense de Folclore).

CARRANCA: Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore, n.º 26/97.

Mensagem de FESTAS E FELIZ ANO NOVO, de Roberto Benjamim, Presidente da Comissão Pernambucana de Folclore.

Florianópolis - SC

A Garapuvu Editora e o Escritor Julio de Queiroz têm a satisfação de convidar Vossa Senhoria para o lançamento do livro "A Cidade Amada".

Local: Galeria de Arte da Assembléia Legislativa

Data: 10 de setembro de 1997

Florianópolis - SC

Convite

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Francisco Küster,

O Conselho de Eventos e os signatários do Termo de Referência têm a honra de convidar Vossa Excelência e Família para as solenida-

des alusivas ao centenário do nascimento de CELSO RAMOS, constantes do calendário de eventos.

Florianópolis - SC _____

Convite

A Academia Catarinense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura têm o prazer de convidar V.S.^a e Ex.^{ma} Família para o lançamento do livro “Cheiro de Amor”, da escritora catarinense Edla Van Steen.

A obra recebeu o Prêmio Nestlé de Literatura de 1996 na categoria Conto e foi publicada pela Global Editora, SP.

Local: sede da Academia Catarinense de Letras, CIC - Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5.600 - Agrônômica, Florianópolis, SC.

Obs.: após o lançamento, a autora e Sábato Magaldi, da Academia Brasileira de Letras, participarão de mesa-redonda sobre Teatro e Literatura, no mesmo local.

Florianópolis - SC _____

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Francisco Küster, tem a honra de convidar Vossa Excelência e Família para a Sessão Solene em homenagem a Carlos Gomes de Oliveira, falecido em 15 de agosto de 1997, e que marcou sua carreira política de Deputado Estadual, Deputado Federal Constituinte, Prefeito interino do município de Joinville e Senador da República com a integridade do caráter e a competência no desempenho das elevadas funções que a sociedade catarinense lhe conferiu.

Data: 29 de outubro de 1997

Local: Plenário Osni Régis do Palácio Barriga-Verde.

Florianópolis - SC _____

ACADEMIA CATARINENSE MAÇÔNICA DE LETRAS

Fundada em 21 de abril de 1989

Florianópolis - Santa Catarina

Florianópolis, 12 de novembro de 1997

Ao Prod.:

IRMÃO ACADÊMICO DORALÉCIO SOARES

Oriente de FLORIANÓPOLIS

Respeitáveis () Irmãos ()

S.:S.:S.:

Em nome do Acad.: Ir.: Dr. JÚLIO DOIN VIEIRA, Presidente desta Academia, temos a satisfação de convidar o Ven.: Mestre e todos os Obreiros dessa Oficina para a XX REUNIÃO PLENÁRIA, que será realizada no dia 16 de novembro próximo - última quarta-feira, no Auditório do Palácio "CRUZ E SOUSA".

Na ocasião será recepcionado o Ilustre Irmão Dr. OTACÍLIO SCHÜLER SOBRINHO, grau 33, Obreiro da Loja Simb.: "ORDEM E TRABALHO" e membro do Supremo Conselho de Santa Catarina, que ocupará a CADEIRA n.º 29, cujo Patrono é o Irmão, ex-Acadêmico ARY KARDEC BOSCO DE MELO.

Na mesma oportunidade, esta Academia reverenciará a memória do Ilustre Acad. Irmão GUSTAVO ZIMMER, falecido no mês de maio do corrente ano, em palestra que será proferida pelo Acad. Ir. HERCÍLIO DE FÁVERI.

A homenagem sem dúvida, merecida não só pelo extraordinário MAÇON que foi, como também pelo Acadêmico atuante e que sempre esteve presente em todas as sessões e programações da Academia, apesar de sua avançada idade. Várias vezes ocupou a tribuna com sábias e ponderadas palavras. Será, sobretudo, uma HOMENAGEM de toda a Maçonaria catarinense.

Certo do prestígio de vossa presença, louvamo-nos do ensejo para vos abraçar fraternalmente.

Sérgio Boppré

Secretário

**FESTIVAL DE CULTURA
PAULISTA TRADICIONAL**

O Governador do Estado de São Paulo, a Secretaria de Estado da Cultura e o Departamento de Atividades Regionais da Cultura, têm a honra de convidar V.S.^{as} para o evento Revelando São Paulo - Festival da Cultura Paulista Tradicional.

Abertura

I Encontro de Romeiros e Cavalhada

Parque da Água Branca

12 de outubro de 1997

Seminário Revelando São Paulo

Museu de Arte Contemporânea

Prédio da Bienal

Parque do Ibirapuera / Entrada Portão 3

22 de outubro de 1997

Rio de Janeiro - RJ

O Ministério da Cultura, a Fundação Nacional de Arte - Funarte, por intermédio da Coordenação de Folclore e Cultura Popular e a Fundação Getúlio Vargas, convidam para o lançamento do livro.

PROJETO E MISSÃO

O movimento folclórico brasileiro - 1947 - 1964

De Luiz Rodolfo Vilhena

30 de outubro de 1997

Museu de Folclore Edison Carneiro

Rua do Cadete, 179

Na ocasião será prestada homenagem ao autor, com o professor Gilberto Velho, do Programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da UFRJ, a professora Maria Laura

Cavalcanti, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ, e Claudia Marcia Ferreira, da CFCP.

Belo Horizonte - MG - 1997

COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE

Os trabalhos desenvolvidos pelos membros que integram a Comissão Mineira de Folclore, têm sido de grande destaque, visto que envolve temas de alta relevância no setor da cultura popular de Minas Gerais.

Um dos objetivos principais é levar ao educador e aos que procuram no Folclore a sua fonte de sabedoria.

A Comissão Catarinense de Folclore leva aos componentes dessa Comissão a sua admiração pelos trabalhos que desenvolvem.

Prezado Folclorista:

Estamos enviando-lhe, anexo, o “Boletim 17” da CMFL e o “Folclore: Roteiro de Pesquisa”. Estas duas publicações foram possíveis, graças ao apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, do Serviço Social do Comércio - SESC/MG e do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD.

Este Roteiro de Pesquisa destina-se especialmente, aos educadores brasileiros que desejam trabalhar com Folclore, indo além da reprodução da mesmice de sempre (reducionista, descontextualizada, descaracterizadora e simplista) que tanto contribui para a desvalorização da cultura popular tradicional, e que querem, de fato, construir, junto e a partir dos saberes e fazeres de seus alunos, suas famílias e comunidades, uma prática educativa plural e dinâmica, duradoura e participativa, prazerosa e inovadora, como são e devem ser estudadas as manifestações folclóricas.

Esta modesta publicação permite a estes educadores dar alguns passos nesta direção e correr estes riscos. Atingir estes objetivos depende de nossa vontade e terminação de fazer e ousar ser este Educador.

Este livro é para ser lido, questionado, criticado, reproduzido, praticado. A única coisa que não desejamos é que ele lhe seja indiferente.

Com os nossos cumprimentos,

Tião Rocha
CMFL / CPCD

Florianópolis - SC _____

PRÊMIO FRANKLIN CASCAES DE LITERATURA

Ensaio sobre

VIDA E OBRA DE CRUZ E SOUSA

1998 CENTENÁRIO DA MORTE DE CRUZ E SOUSA

... a única coisa que não desejamos é que se torne uma obra de arte, de uma maneira que não seja possível de ser feita.

Com os nossos cumprimentos,

COMISSÃO MINERA DE FOLCLORE

Os trabalhos desenvolvidos pelo movimento folclórico da Comissão Mineira de Folclore, têm sido de grande importância, visto que envolve temas de alta relevância no campo da cultura e da educação.

PRÊMIO TRANKILIN GASCARET LITERATURA

Esta obra de Trankilin Gascaret, trata-se de uma obra de grande importância para o estudo do folclore e da cultura popular.

VIDA E OBRA DE CRUZ E SOUSA

A Comissão Catarinense de Folclore, em homenagem ao autor, apresenta o livro "Vida e Obra de Cruz e Sousa", de autoria de Trankilin Gascaret.

1908 CENTENÁRIO DA MORTE DE CRUZ E SOUSA

Estamos enviando, através do "Boletim de Trankilin Gascaret", o livro "Vida e Obra de Cruz e Sousa", de autoria de Trankilin Gascaret, em homenagem ao autor, em comemoração ao centenário da morte de Cruz e Sousa.

Este Rotário de Pesquisa destina-se especialmente aos pesquisadores brasileiros que desejarem trabalhar com Folclore, indo além da reprodução da mesma coisa de maneira mecânica, descontextualizada e descaracterizada e sim, para a construção de uma cultura popular tradicional, e que querem, de fato, conhecer a cultura popular tradicional, e que querem, de fato, conhecer a cultura popular tradicional, e que querem, de fato, conhecer a cultura popular tradicional.

Esta modesta publicação permite a estes pesquisadores, de qualquer direção e com qualquer nível de conhecimento, a possibilidade de uma boa vontade e a realização de uma obra de arte.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



IOESC

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Fone: (048) 239-6000

77022

COMISSÃO E IMPRESSÃO



IOECCI
EMPRESA ORÇ. DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Telefone (048) 239-0000

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

NOMES	ENDEREÇOS
Doralécio Soares (Presidente)	<i>Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar 88020-150 - Florianópolis - SC</i>
Theobaldo Costa Jamundá	<i>R. Artur Grahl, 478 - 89046-120 Velha - Blumenau - SC</i>
Walter Fernando Piazza	<i>R. Frei Evaristo, 109</i>
Osvaldo Ferreira de Melo	<i>R. Joaquim Costa, 11</i>
Carlos Alberto Angioletti Vieira	<i>R. Joaquim Costa, 112 - 88025-400</i>
Nereu do Vale Pereira	<i>Av. Hercílio Luz, 1.199 - Edif. Costa do Marfim - Ap. 702 - 88020-001</i>
Gelsí José Coelho	<i>Museu de Antropologia, UFSC</i>
Lélia Pereira da Silva Nunes	<i>R. Frei Caneca, 564 - Ap. 1006-A 88025-000</i>
Pachcoal Apóstolo Pítsica	<i>R. Duarte Schutel, 41</i>
Sônia Maria Coop	<i>São Francisco do Sul</i>
Silvia Maria Günther	<i>Joinville - SC</i>

Colaboradores:

Flávio José Cardoso	<i>Florianópolis - SC</i>
Laura Dela Monica	<i>São Paulo - SP</i>
Saul Martins	<i>Belo Horizonte - MG</i>
Ático Vilas Boas	<i>Goiânia - GO</i>
Mário Souto Maior	<i>Recife - PE</i>
Aleixo Leite Filho	<i>Caruaru - PE</i>
Ana Maria Amaro	<i>Cascais - Portugal</i>
Maria do Rosário Tavares de Lima	<i>SP</i>
Maria Alieta das Dores Galhoz	<i>Portugal</i>

PATROCÍNIO

BESC
SEGUROS

A Segurança da Nossa Gente



SANTA CATARINA